

*Conhecer &
Viver
a Nossa Fé*

Um estudo da Confissão da Fé
ICOMB

CONHECER E VIVER A NOSSA FÉ: UM ESTUDO DA CONFISSÃO DE FÉ

COMUNIDADE INTERNACIONAL DAS IGREJAS IRMÃOS MENONITAS

EDITADO POR ELMER A. MARTENS E PETER J. KLASSEN

Publicado conjuntamente por International Community of Mennonite Brethren

e

Kindred Press, Winnipeg, Manitoba, Canadá 2008

É permitido tirar fotocópias de partes ou mesmo capítulos deste material. Quando o fizer, por favor escreva a seguinte observação: "Permissão concedida pelos coordenadores da International Community of Mennonite Brethren" (ICOMB — Comunidade Internacional das Igrejas Irmãos Menonitas)

ÍNDICE

Preâmbulo	7
Prefácio	9
Agradecimentos	10
Relação dos colaboradores	11
Sugestão para o uso do guia de estudos	12
Parte 1. Como Deus atua no mundo?	
Capítulo 1 — A história divina da redenção	15
Barkan Isaac Premaiah (Índia) e Lynn Jost (EUA)	
Capítulo 2 — Quem é como o nosso Deus?	25
Nzuzi Mukawa (Congo) e Elmer A. Martens (EUA)	
Capítulo 3 — Jesus Cristo: um Salvador como nenhum outro	35
Takashe Manabe (Japão)	
Capítulo 4 — Aprendendo a respeito do Espírito Santo	45
Arthur W. Dueck (Brasil)	
Capítulo 5 — A Igreja: o povo de Deus	55
Elfriede Verón (Paraguai) e Alfred Neufeld (Paraguai)	
Parte 2. Como as Igrejas Irmãos Menonitas respondem ao propósito de Deus?	
Capítulo 6 — A igreja dos Irmãos Menonitas	67
I. P. Asheervadam (Índia) e Peter J. Klassen (EUA)	
Capítulo 7 — O povo da Bíblia	81
David Ewert (Canadá)	

Capítulo 8 — O povo de um novo modo de vida	91
David Wiebe (Canadá)	
Capítulo 9 — O povo da comunidade da aliança (A Igreja à qual pertencemos) .	103
Victor Wall (Paraguai)	
Capítulo 10 — O povo da reconciliação e da pacificação	117
César Garcia (Colômbia)	
Capítulo 11 — O povo com uma missão e esperança	129
Nzash Lumeya (Congo) e Menno Joel (Índia)	
Apêndices	141
A Confissão de Fé Apostólica	
A Confissão de Fé da ICOMB, 2004	

PREÂMBULO

Os cristãos que se chamam Irmãos Menonitas e moram na República Democrática do Congo lêem a mesma Bíblia que os Irmãos Menonitas dos Estados Unidos da América. O mesmo ocorre com os que moram na Alemanha, Índia, Colômbia, Japão, no Norte, no Sul, no Leste e no Oeste. Lemos a mesma Bíblia, mas estamos unidos também na maneira em que cremos?

Qual é a importância de que os cristãos de nossa denominação residentes nas diferentes partes do mundo compartilhem a mesma fé? Acaso sabemos o que os nossos irmãos e irmãs que vivem além-mar, ou mesmo do outro lado da fronteira, crêem? Será que isso é importante?

Embora como Irmãos Menonitas vivamos em diferentes contextos culturais e sociais e tenhamos diferentes fundos históricos, nossas crenças comuns de fato importam. Mesmo que olhemos para certas questões com lentes culturais um pouco diferentes, dificilmente poderíamos alegar pertencer à mesma família de fé se não compartilhássemos as mesmas crenças bíblicas fundamentais.

Assim, em 2004, foi elaborada uma Confissão de Fé para auxiliar a Comunidade Internacional das Igrejas Irmãos Menonitas (International Community of Mennonite Brethren — ICOMB) a estimar e fortalecer a sua unidade. Parte do seu valor está na composição internacional da comissão que a compilou, e também no fato de essa Confissão ter sido aceita unanimemente por todas as 17 convenções que compõem a ICOMB.

Antes de considerarmos esse aspecto algo revolucionário ou novo, vamos relembrar um pouco da história. A primeira Confissão de Fé dos Irmãos Menonitas foi redigida em 1902, na Rússia. Ela serviu à Igreja Irmãos Menonitas espalhada pelo mundo por décadas. Então, em 1975, a convenção da América do Norte revisou a Confissão de Fé. Essa revisão veio a ter importância internacional, à medida que as igrejas de outros continentes passaram a usá-la como norma para sua conduta. Então, em 1999, uma Confissão revisada e expandida foi adotada na América do Norte (veja o capítulo 6). Assim, compartilhar uma Confissão de Fé comum não é algo novo. O aspecto singular dessa Confissão atual é que ela não se origina de um único grupo nacional, mas é o resultado de todas as 17 Convenções reunidas ao redor de uma mesma mesa.

Já no Antigo Testamento encontramos declarações parecidas com as de uma Confissão de Fé (Êx 34.6,7; Dt 6.4; 26.1-11). No Novo Testamento, há diversas declarações confessionais, sendo a mais breve também a mais radical: Jesus é Senhor (1Co 8.6). Declara-

ções mais longas são encontradas em 1Coríntios 15.3-5 e Filipenses 2.5-11. Esses dois textos têm uma relação direta com a prática. A história subsequente oferece evidência da importância das Confissões de Fé: o antigo Credo Apostólico, o Credo de Niceia (325 d.C.), a Confissão de Schleithem dos primeiros anabatistas (1527 d.C.) ou nossa própria Confissão de Fé denominacional de 1902. Os Irmãos Menonitas entendem que uma Confissão de Fé deve estar subordinada às Sagradas Escrituras. Assim, a Confissão retrata a nossa própria compreensão dos ensinamentos centrais da Bíblia.

Jesus prometeu edificar sua igreja (Mt 16.18) e orou fervorosamente pela sua unidade (Jo 17). Ele nos traz à memória que Deus busca adoradores autênticos entre os seguidores de Jesus (Jo 4.24). Minha oração é que nossa primeira Confissão de Fé globalmente produzida e preparada pela Comunidade Internacional da Igreja Irmãos Menonitas (International Community of Mennonite Brethren), a ICOMB, possa ser útil na edificação da igreja de Cristo na manutenção da unidade no Espírito (Ef 4.3) e na adoração do nosso Deus Todo-poderoso em espírito e em verdade. Minha esperança é que ela possa ser útil nos empreendimentos missionários e também nas igrejas mais novas, à medida que passam a fazer parte da comunidade global (1Co 3.3).

Este comentário e guia de estudo da nossa Confissão de Fé deve ajudar-nos no estudo da Bíblia e em tornar-nos firmes em nossa fé como congregações e como indivíduos. O comentário foi traduzido nas línguas mais faladas pelas igrejas de nossa denominação e incluirá o inglês, alemão, francês, espanhol, japonês, português, telegu, lingala e possivelmente russo e kilongo.

Os delegados da convenção da ICOMB esperam que todas as igrejas dos Irmãos Menonitas estudem essa confissão simultaneamente durante os anos 2008-2009, como preparação para o centésimo quinquagésimo aniversário da nossa denominação.

Gostaria de expressar uma palavra de gratidão especial aos nossos editores profissionais, dr. Elmer A. Martens e dr. Peter J. Klassen de Fresno, Califórnia. Todos os autores dos diversos capítulos e os tradutores merecem nosso reconhecimento. Que Deus nos abençoe à medida que juntos nos tornamos um “povo do Livro” mais fiel.

Victor Wall

Secretário Executivo da ICOMB

Assunção, Paraguai

Advento, 2007

PREFÁCIO

Este livrete é decididamente um projeto internacional. A cooperação dos autores de diversas partes do globo foi louvável. A nova tecnologia do correio eletrônico tornou possível a rápida troca dos rascunhos dos capítulos. Diferenças de estilo são inevitáveis, mas em um guia de estudo dessa natureza, certas diferenças ressaltam o sabor internacional. Somos muito gratos aos autores do material de estudo bem como aos tradutores.

Embora tenha sido escrito para uma ocasião particular — um preparo global para 150º aniversário da nossa denominação em 2010 — esperamos que este guia de estudo, beneficie a igreja dos Irmãos Menonitas ao redor do mundo nos anos futuros. Este comentário/guia de estudo deveria ser visto como um instrumento singular do estudo da Bíblia. Não se trata de um estudo versículo por versículo, mas um estudo representativo de temas importantes de nossa denominação.

Há cerca de 150 anos, ocorreu um avivamento espiritual por meio de estudos bíblicos em um pequeno grupo na Rússia. Desse grupo surgiu um povo conhecido como Irmãos Menonitas, hoje espalhado nos cinco continentes. Não seria possível que um estudo da Bíblia de âmbito mundial, pela graça de Deus, estimulasse outra vez uma renovação espiritual?

“SENHOR, ouvi falar da tua fama; tremo diante dos teus atos, SENHOR. Realiza de novo, em nossa época, as mesmas obras, faze-as conhecidas em nosso tempo; em tua ira, lembra-te da misericórdia” (Hc 3.2).

Elmer A. Martens, presidente emérito do Seminário Bíblico Irmãos Menonitas, Fresno, Califórnia, editor

Peter J. Klassen, professor emérito de História, da Universidade Estadual da Califórnia, Fresno, editor assistente

Advento, 2007

AGRADECIMENTOS

Aos patrocinadores: Três agências cooperaram na produção destes materiais: A International Community of Mennonite Brethren (ICOMB); o escritório norteamericano da agência de missões Mennonite Brethren Missions/Services International (MBMSI); e o Conselho de Profissionais-Sênior (Council of Senior Professionals — CSP), com sede em Fresno.

A visão deste comentário veio de Viktor Hamm, na época ligado à MBMSI. Seu sucessor, Ray Harms Wiebe, tem sido membro ativo do comitê responsável. O CSP proveu fundos iniciais e incentivo para este projeto.

Victor Wall, secretário executivo da ICOMB, proveu encorajamento e conselho, e liderou o painel de referência que revisou cada capítulo. Os membros do painel foram: Nzash Lumeya (Congo/Califórnia), Rolando Neyra Alemán (Peru), Takashi Manabe (Japão), Alexander Neufeld (Alemanha) e Ray Harms Wiebe (Canadá).

Os colaboradores: Nossos agradecimentos aos colaboradores que representam as várias convenções nacionais que formam a comunidade global dos Irmãos Menonitas. Eles estão arrolados, com identificações adicionais, na página seguinte.

Os tradutores aceitaram um grande desafio. Nossa devida gratidão a Rolando Neyra Alemán (espanhol), David Ewert (alemão), Kiesamukanu Kulungo (francês), Kumedisa (kikongo), Mambakila (lingala), Valdemar Kroker e Haroldo Janzen (português), P. Menno Joel, coordenador (telegu) e Junichi Fujino, coordenador (japonês).

Reconhecemos com gratidão os serviços de tradução (para o inglês) das seguintes pessoas: Tim e Gertrud Geddert (alemão); Les Mark (espanhol), Victor Wiens (português) Nzash Lumeya ou Mario Buscio (francês).

Ettie Janzen de MBMSI forneceu os dados estatísticos (capítulo 6). Lynn Jost e Hans Kasdorf auxiliaram com a seção “Para aprofundar os estudos” de cada capítulo.

Publicação. Nossos profundos agradecimentos ao pessoal que acompanhou este livrete desde o manuscrito até sua publicação e ajudou com a divulgação: Marilyn Hudson (voluntária) e Mario Buscio, gerente na Kindred Press, Winnipeg. Agradecimentos também a Shelly Makus, Makus Design, por serviços de diagramação e design.

OS COLABORADORES

I. P. Asheervadam. Professor de História do Mennonite Brethren Centenary Bible College, Shamshabad, Índia, e secretário geral da India M. B. Historical Commission.

Arthur W. Duck. Professor de Estudos Interculturais e diretor da Faculdade Fidelis, Curitiba, Paraná, Brasil.

David Ewert. Professor emérito de Estudos Bíblicos, Canadian Mennonite University, Winnipeg, Manitoba, Canadá.

César Garcia. Pastor da Strong Tower Church; professor de Bíblia e Teologia no Centro de Desenvolvimento Ministerial, Bogotá, e presidente das Igrejas Irmãos Menonitas da Colômbia.

P. Menno Joel. Pastor experiente e professor de Ministério Cristão no Mennonite Brethren Centenary Bible College, Shamshabad, Índia.

Lynn Jost. Deão acadêmico e professor assistente de Antigo Testamento no Mennonite Brethren Biblical Seminary, Fresno, Califórnia.

Nzash Lumeya. Professor de Bíblia e fundador e presidente da Fresno School of Mission, Fresno, Califórnia.

Nzuzi Mukawa. Deão acadêmico e professor de Estudos Interculturais do Missiology University Center, Kinshasa, Congo.

Takashi Manabe. Pastor da Ishibashi Christ Church em Osaka e presidente do Evangelical Biblical Seminary, Osaka, Japão.

Martens, Elmer A. Professor emérito de Antigo Testamento do Mennonite Brethren Biblical Seminary, Fresno Califórnia.

Alfred Neufeld. Deão da Faculdade de Teologia, Universidade Evangélica do Paraguai, Assunção, Paraguai.

B. I. Premaiah. Professor de Bíblia e deão de External Studies no Centenary Mennonite Brethren Bible College, Shamshabad, Índia.

Elfriede Veron. Instrutora de Novo Testamento no Instituto Bíblico de Assunção, Assunção, Paraguai.

Victor Wall. Deão da Faculdade de Educação e Serviço Social e secretário executivo da International Community of Mennonite Brethren (ICOMB), Assunção, Paraguai.

David Wiebe. Diretor executivo da Canadian Conference of Mennonite Brethren Churches, Winnipeg, Canadá.

SUGESTÕES PARA O USO DO GUIA DE ESTUDOS

Este Comentário e Guia de Estudo foi desenvolvido para ser usado por grupos de estudo. Grupos menores (entre 5 a 30 participantes), sejam uma classe de escola dominical, acampamento de jovens, estudo bíblico para homens ou mulheres ou uma escola bíblica de férias, seriam ideais. Jovens, que com frequência estão à busca de identidade, seriam grandemente beneficiados.

Alguns talvez desejem estudar a Confissão de Fé dedicando uma sessão (1 hora) para cada capítulo. Esse tipo de plano exigiria um período de três meses (12-13 sessões para os 11 capítulos). Mas, com base em experiências anteriores, uma vez que o material de cada capítulo é tão concentrado, um período de seis meses (ou mais) é altamente recomendado. Um estudo de nove meses ou mesmo de um ano talvez seja preferível. Certo pastor sugeriu que a igreja harmonize uma série de pregações com os estudos em grupos.

Use a Bíblia durante o ensino. Versículos individuais são citados com frequência, mas o contexto não deve ser negligenciado. Se possível, imprima e afixe a Confissão da ICOMB na parede ou num quadro.

Observe algumas dicas para estruturar o estudo:

1. Comece a reunião com oração. Como introdução, estimule a discussão ao perguntar: "O que você considera importante a respeito do assunto (e.g., Espírito Santo)?" Considere anotar os comentários, talvez em um quadro ou cartolina. Você pode escolher alguns textos bíblicos do comentário que servem de base para o tópico do capítulo. Como introdução ou durante a sessão, separe cinco a oito minutos para que os membros do grupo discutam uma questão que você como facilitador expõe.

2. Várias opções para o plano de ensino:

- escolha um aspecto específico do tópico de determinado capítulo e siga até o fim.
- Passe uma parte do tempo com a seção: "O que diz a Bíblia?"
- Passe uma parte do tempo com a seção: "Vivendo conforme a convicção"
- Se o grupo leu o capítulo (ou mesmo que não o tenha lido), procure responder as perguntas apresentadas no capítulo.

3. A confissão inteira ou um artigo específico de fé pode ser fotocopiado e distribuído

para o grupo. Mantenha a discussão em forma de história. Não é necessário cobrir tudo que o capítulo apresenta.

4. Algumas perguntas que o facilitador pode fazer são: “Que parte desse artigo da Confissão de Fé é mais importante para você?”. “Por quê?”. “Que relevância tem este tópico da Confissão?”. “Por acaso um importante aspecto do tópico não foi discutido?”.

5. Reescreva uma versão abreviada da Confissão e/ou peça que os membros do grupo escrevam um parágrafo abreviado a respeito do tópico do dia.

6. Próximo do fim da sessão, peça que as pessoas resumam, em grupos de dois ou três, em suas próprias palavras, uma de cada vez, o que crêem acerca do tópico, salientando de maneira específica como querem que essa verdade se torne parte de sua prática.

CAPÍTULO 1

A história divina da redenção

Barkan Isaac Premaiah (Índia) e Lynn Jost (EUA)

ESCREVER UMA CONFISSÃO DE FÉ

Em julho de 2002, sete líderes das igrejas na Ásia, África, Europa e América do Norte e do Sul reuniram-se para elaborar uma Confissão de Fé internacional para a igreja Irmãos Menonitas. Um dos líderes europeus propôs que a Confissão dos Irmãos Menonitas da América do Norte fosse usada como ponto de partida. A reação a essa sugestão foi imediata e clara. O representante japonês disse: “Os europeus e norte-americanos têm uma tendência cultural de trabalhar com doutrinas e filosofias. Nós asiáticos e africanos temos uma tendência cultural de trabalhar com histórias. Precisamos fundamentar a Confissão internacional em um formato de narrativa. A própria Bíblia apresenta bons exemplos nesse sentido”. O grupo de trabalho produziu uma Confissão que foi adotada pela Comunidade Internacional dos Irmãos Menonitas. Essa confissão é composta de duas partes. A primeira parte reconta a história bíblica. A segunda parte descreve a igreja, a comunidade de Deus que vive de acordo com o Reino de Deus. Confessamos que a igreja é o povo da Bíblia, do novo modo de vida, da comunidade da aliança, da reconciliação e da nova esperança.

A Bíblia, bem como outras histórias, é contada com o uso de personagens, enredo e propósito.

O QUE DIZ A BÍBLIA?

Neste capítulo, exploramos a história bíblica. A Bíblia, bem como outras histórias, é contada com o uso de personagens, enredo e propósito. A interpretação que como Irmãos Menonitas fazemos dessa história é influenciada pela nossa formação, o movimento anabatista, o avivamento pietista na Rússia em 1860 e nosso contexto como povo missionário em cerca de 20 países ao redor do mundo.

Personagens. Nessa história, diferente da maioria das histórias, Deus é o personagem principal. Deus é aquele que cria, liberta, forma alianças, julga, mas também abençoa generosamente. A outra figura marcante é o povo de Deus, ou seja, Israel no Antigo Testamento e a forma renovada e “cumprida” de Israel no Novo Testamento, representada pela comunidade dos discípulos de Jesus. Embora a Bíblia também trate dos que se opunham a Deus, a maior parte da ação envolve Deus indo ao encontro do povo de Deus e além.

Enredo. O enredo começa com a iniciativa de Deus ao criar o mundo, incluindo os seres humanos. A história relata como Deus, depois da rebelião humana, chama um povo por meio de quem abençoará toda a humanidade. Deus protege, liberta, faz um pacto, instrui, dá o presente da terra, revela, julga, envia Jesus para ensinar, viver, sofrer, morrer e ressuscitar e constitui o povo de Deus para continuar a obra de Deus no mundo. Nessa história, participam muitos homens, mulheres e jovens. A história da Bíblia prenuncia um grande final no qual Deus derrotará o mal, restaurará o céu e a terra para a sua glória da criação primitiva.

Propósito. Essa história de Deus e do povo de Deus no mundo é caracterizada pelo propósito. Elmer A. Martens, dos Irmãos Menonitas norte-americanos, estudioso do AT, delinea o projeto de Deus em quatro movimentos principais: Deus liberta, Deus forma uma comunidade da aliança, Deus revela seu propósito para se fazer conhecido por meio do relacionamento e Deus dá vida abundante na terra prometida (Êx 6.6-8). Bernhard Ott, mestre europeu dos Irmãos Menonitas, também ressalta a es-

trutura em forma de narrativa da Bíblia ao mostrar que Deus tem um projeto (Ott também fala da vontade, do plano e do alvo de Deus). Ott ensina que, quando oramos para que a vontade de Deus seja feita, oramos pelo projeto shalom de Deus. Shalom, de acordo com Ott, significa que relacionamentos estão bem no centro dos seres humanos e Deus, e entre os seres humanos. A história de Deus pode ser descrita como o Projeto Shalom de Deus. Ted Grimsrud, outro autor anabatista, apresenta a história bíblica como a “estratégia de Deus para a cura” (God’s Healing Strategy). Os autores bíblicos N. T. Wright, J. Richard Middleton, Brian Walsh e Sylvia Keesmaat falam da Bíblia como um drama em seis atos, escrito por Deus: criação, quebra do relacionamento, Israel, Jesus, a Igreja e a consumação. Com a ajuda desses mestres da Bíblia, este capítulo oferece um resumo dos propósitos de Deus revelados na história bíblica.

1.
Deus cria, então responde à debilidade humana (Gênesis 1—11)

O propósito de Deus era que os seres humanos vivessem em um relacionamento harmonioso com Deus, uns com os outros e com a criação de Deus.

A Bíblia, a história do propósito de Deus, começou com a criação. Deus criou o céu e a terra, um mundo que era bom, tinha ordem e significado. Deus criou os seres humanos, macho e fêmea, à imagem dele, para que os seres humanos exercessem domínio e cuidassem da criação. Deus abençoou os seres humanos com a ordem de se multiplicar (Gn 1.28). O propósito de Deus era que os seres humanos vivessem em um relacionamento harmonioso com Deus, uns com os outros e com a criação de Deus.

A humanidade deixou de obedecer às ordens de Deus e se opôs ao propósito dele. Isso resultou em uma corrente de relacionamentos rompidos (Gn 3.6-7). A criação foi transtornada pelo mal, pecado, corrupção e injustiça. Havia necessidade de restabelecer relacionamentos rompidos entre pessoas, entre pessoas e seu mundo, e entre pessoas e Deus.

O propósito redentor de Deus fez corresponder cada ato do pecado, da rebelião e da desobediência do ser humano com a sua graça. Apesar da maldição devastadora da Queda, Deus prometeu a esperança da redenção por meio da descendência da mulher (Gn 3.15). Deus protegeu o assassino Caim com um sinal (Gn 4.15). Ele libertou Noé e sua família do dilúvio e resolveu nunca mais destruir a terra dessa forma. Deus dispersou os se-

res humanos que tinham a intenção de edificar um nome para si mesmos, mas chamou uma família para abençoar o mundo.

Na criação e no desenrolar da história bíblica, Deus revela ser um Deus missionário. Deus, cujo propósito é justo e que deseja relacionamentos harmoniosos, tomou a iniciativa de reverter o pecado do homem. Gênesis 1-11 revela o alcance universal da salvação que Deus ofereceu a todos os povos. O plano de Deus revela um relacionamento de aliança universal entre Deus, a humanidade e a criação.

2.

**Deus promete,
chama e liberta
(Gênesis 2 —
Deuteronômio)**

O foco da história se estreita com o chamado de Abraão e Sara. Abraão e sua família foram chamados para ser bênção para todas as nações (Gn 12.1-3). Deus confirmou o relacionamento especial ao fazer uma aliança com Abraão e Sara e os descendentes deles. Deus guiou e protegeu essa família até que se tornasse um povo, a nação de Israel. Deus ouviu o clamor do seu povo quando enfrentaram a escravidão no Egito (Êx 2.23.25). Por meio de Moisés, Deus libertou o povo da escravidão, derrotando o poder do Egito e abrindo o caminho da libertação através do mar Vermelho (Êx 14.1-30). No monte Sinai, Deus renovou o relacionamento da aliança com Israel (Êx 20ss.). Deus deu a eles o dom da Lei, instrução que mostrava como deveriam relacionar-se da maneira correta, como deveriam adorar a Deus e praticar a justiça nos relacionamentos humanos. O propósito revelado de Deus incluía a libertação da escravidão e a formação de uma comunidade pactual. Nessa comunidade, as pessoas têm um relacionamento correto com Deus e umas com as outras. Há adoração; há promessas de uma vida abundante.

3.

**Deus dá ao povo a
terra e unge líderes
para o povo (Josué
— 1 e 2Reis)**

Liderando por Josué, servo de Deus, o povo de Israel ocupou a terra como Deus havia prometido (Js 1—24). Ao tentar encontrar o seu lugar entre as nações, o povo insistia em ter um rei, como as outras nações, que o conduzisse na guerra (1Sm 8.1—10.27). Depois que Saul deixou de servir os propósitos de Deus, Samuel ungiu Davi como rei (1Sm 16.1-3). Apesar de suas falhas, Davi experimentou a graça de Deus e recebeu a promessa de uma dinastia real (2Sm 7). O filho de Davi, Sa-

lomão, construiu um templo para adorar a Deus, mas deixou de cumprir a aliança (1Rs 1-11). A história de Israel e Judá debaixo dos reis que se seguiram é uma história de divisão, rebelião, injustiça e derramamento de sangue. O colapso final das duas nações ocorre por causa da sua infidelidade para com a aliança de Deus (2Rs 17.5-23). Israel e Judá e seus reis foram considerados responsáveis.

4.
Deus envia profetas para advertir o povo — Oseias, Amós e Jeremias

Deus enviou profetas para anunciar a palavra de Deus em relação à infidelidade pactual do povo. Oseias, por exemplo, embora deixasse claro que as práticas religiosas sincretistas resultariam em julgamento, também lembrou da compaixão e do amor fiel de Deus (Os 11.8-9). Outro profeta, Amós, condenou a injustiça e exploração social dos pobres e fracos (Am 5). Os dois profetas conclamaram o povo a mudar os seus caminhos e arrepender-se do pecado (Os 14.1-3; Am 5.4-7). Esses dois profetas (Amós e Oseias) perceberam claramente que a corrupção moral e espiritual de Israel culminaria inevitavelmente no juízo divino (Os 10.9-10; Am 7.10-11). Esses profetas e, mais tarde, Jeremias, anunciaram palavras de juízo sobre a nação porque esta não foi capaz de cumprir a antiga fé pactual tanto em questões religiosas quanto morais (Jr 11.1-13). As mensagens dos profetas também eram dirigidas às nações estrangeiras, indicando o alcance internacional da vontade soberana de Deus (e.g., Jr 46—51; Ez 28.1-23).

5.
Deus envia mais profetas para oferecer esperança — Isaías, Ezequiel, Joel

Deus permitiu que os assírios capturassem Samaria, capital de Israel, e levassem seu povo para o exílio (722 a.C.) Os porta-vozes de Deus, os profetas, não deixaram o povo com uma mensagem de juízo e desespero, mas com uma mensagem de esperança e missão. A perspectiva de Isaías foi dominada pela fé em Deus, “O Santo de Israel”. O capítulo 40 de Isaías inicia com uma mensagem de conforto (40.1). Isaías também tratou da identidade de Israel, antevendo um servo que reconciliaria as nações (Is 42.1-4; 52.13—53.12). Ezequiel também pregou esperança e restauração após o juízo (37.1-14). Sua profecia conclui com uma visão de um novo templo, uma terra restaurada e uma cidade esplêndida na qual a presença de

Deus seria experimentada. Joel fala do dia do Senhor, um dia de juízo, arrependimento, e o novo ato redentor de Deus por meio do derramamento do seu Espírito (Jl 2.28-32).

De acordo com esses profetas, Deus está ativo no mundo humano, no presente e no futuro (veja Zc 4.1-13). O povo judeu retornou da Babilônia depois de 538 a.C. (2Cr 36.22-23), graças ao decreto de Ciro, o persa, e reconstruiu o templo e os muros de Jerusalém.

6. **Jesus anuncia o Reino de Deus — Mateus, Marcos, Lucas e João**

De acordo com os Evangelhos, Jesus, o Ungido de Deus (ou “Cristo” ou “Messias”), ratificou as promessas de Deus e estabeleceu uma nova aliança (Mt 26.26-28). Jesus pregou: “o Reino de Deus está entre vocês” (Lc 17.21). No Sermão do Monte, Jesus resumiu a ética da nova sociedade de Deus, uma comunidade de discípulos (Mt 5—7). Jesus conclamou o povo de Deus à justiça, presente e exigência da vida comunitária reconciliada.

Jesus conclamou o povo para arrepender-se dos seus pecados e lhes ofereceu vida eterna (Jo 3.16). Então falou a eles a respeito de um novo modo de vida. Jesus chamou seus discípulos para segui-lo e viver uma vida de serviço ao próximo, para ajudar os aflitos, como ele fez, e amar até mesmo os inimigos (Mt 5.44; 8.34-38). Jesus mostrou o poder de Deus sobre o mal por meio de milagres poderosos, cura e expulsão de demônios. Jesus ensinou com parábolas, para que seus ouvintes conhecessem o mistério do Reino de Deus.

7. **Jesus demonstra o amor de Deus por meio da cruz: Os evangelhos**

Um número crescente de pessoas se opôs a Jesus e rejeitou o seu chamado, rejeitando, dessa forma, o próprio Deus. Líderes religiosos e políticos executaram a Jesus na cruz (Mt 26—27; Mc 15; Lc 22—23; Jo 18—19). Jesus aceitou a morte na cruz como o caminho para vencer o mal e, assim, libertar as pessoas do pecado e da morte. Deus ressuscitou Jesus da morte e, dessa forma, deixou claro para todos que Jesus tinha, na verdade, cumprido a vontade de Deus. Por meio da ressurreição de Jesus, Deus derrotou o mal, o pecado, a violência, a injustiça e a morte. A morte e a ressurreição de Jesus abrem o caminho da salvação para todo aquele que aceita o dom de Deus por meio da fé. Deus exaltou Jesus como Senhor e Cristo (At 2.36; Fp 2.1-11).

8.
Deus envia o Espírito Santo para habilitar a missão da igreja: Atos e as Cartas

No Pentecostes, Deus enviou o Espírito Santo para capacitar a igreja a testemunhar a todo o mundo acerca do triunfo sobre o pecado e a morte (At 2). A igreja enviou missionários para testemunhar de Jesus, para organizar congregações e para treinar discípulos que eram fiéis à vida e ensino de Jesus. As cartas de Paulo e outras apresentam conselhos pastorais, encorajam os crentes a permanecer fiéis e treinam o povo de Deus a testemunhar. Esses ensinamentos animam as pessoas a viver vida santa para Deus, o que, com frequência, significa viver diferentemente das pessoas que vivem ao redor delas.

9.
Deus em Cristo voltará: Apocalipse

O propósito de Deus é cumprido de várias formas. Deus criou tudo que existe. Deus deu vida a um povo com a missão de ser bênção a todas as nações. Deus deseja que a vida, a morte e a ressurreição de Jesus sejam conhecidas pelos povos do mundo por meio da igreja. Embora Jesus tenha desferido um golpe fatal contra os poderes por meio da cruz, o mal continua a resistir aos propósitos de Deus. A Bíblia com frequência se refere a esses poderes perversos como “o mundo”. No livro de Apocalipse, os cristãos recebem a garantia de que o império das trevas deste mundo será vencido pelo poder do Cordeiro, Jesus, que superou a violência pelo amor. Jesus virá novamente para levar a sua igreja, para que os redimidos estejam para sempre com ele (2Ts 4.13-18). Deus criará um novo céu e uma nova terra. Os cristãos oram: “Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22.20).

VIVENDO CONFORME A CONVICÇÃO

1.
Aprendendo e recontando a história

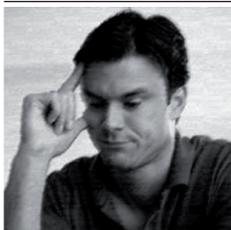
A história básica dos propósitos de Deus e seus caminhos com os seres humanos, e especialmente o seu plano de trazer salvação por meio de Jesus, não é complicada. A história é tão maravilhosa com tantos personagens e ensinamentos, mas de certa forma

tão complexa, que os estudiosos podem passar a vida inteira estudando o significado de conhecer a Deus verdadeiramente e de viver como ele quer. As igrejas devem orar diligentemente para que haja mestres que estudem essa história profundamente nas igrejas e escolas. A Bíblia ordena que os pais em casa contem e recontem a história dos caminhos de Deus aos seus filhos (Dt 6.1-9, 20-25; Sl 78.1-4). Para ressaltar a importância desse ensino, alguém disse: “O cristianismo está a apenas uma geração da extinção”.

2. **A história cristã e outras histórias**

Os cristãos são pessoas que creem na história de Deus como está relatada na Bíblia. Eles creem em Jesus Cristo, o Filho de Deus. Isto é, eles o seguem como seu Salvador e Senhor. Eles se tornam parte da sua família (Jo 1.12). Os cristãos então se dedicam a seguir a Jesus, tanto em relação aos seus ensinamentos quanto em relação à vida que ele modelou. Assim, em resumo, os cristãos são marcados pela fé (em Jesus), pela família (tornando-se parte do povo de Deus) e pela imitação (andando no caminho de Jesus). Tanta coisa depende de crer na história de Deus e agir de acordo com ela.

As pessoas em outros lugares, como na África e América do Sul, têm histórias muito diferentes sobre deuses, espíritos e o mundo. Outros, como os ateus, filósofos pós-modernos ou líderes religiosos hindus, entendem que essa história não deveria ser imposta às pessoas como a única história real. Eles suspeitam de todos que afirmam que essa é a única história verdadeira. Assim, resistem aos cristãos que afirmam conhecer a verdade de um Deus revelado em Jesus. É importante que os cristãos conheçam como os outros pensam e sentem, e não imponham suas convicções aos outros, mas, que continuem a contar a história de Deus com fidelidade e alegria, e a convidar todos a ouvir atentamente e a responder à história de um Deus que os ama.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

1. Você e outros na sua comunidade acham mais fácil descrever sua fé com argumentos doutrinários ou com uma história? Quais são os pontos fortes ou as vantagens de cada abordagem?
2. Qual é o propósito de Deus ou o seu lema de missões? De que maneira você descreveria a vontade de Deus em uma palavra, expressão ou breve frase?
3. Você abraçou essa história e faz parte dessa história?
4. De que forma a igreja está contando a história e como ela está ajudando os pais a recontá-la?



PARA APROFUNDAR O ESTUDO

GRIMSRUD, Ted. *God's Healing Strategy: An Introduction to the Bible's Main Themes*. Telford, Pensilvânia: Pandora Press, 2000. (Visão geral da história e mensagem bíblicas, de uma perspectiva anabatista).

MARTENS, Elmer. *God's Design: A Focus on Old Testament Theology*. 3.ed. N. Richland Hills, Texas: Bibal, 1998. (Com base em Êxodo 5.22—6.8, resume o Antigo Testamento sob os tópicos da libertação, aliança, conhecimento de Deus e terra).

OTT, Bernhard. *God's Shalom Project*. Trad. para o inglês por Timothy J. Geddert. Intercourse, Pensilvânia: Good Books, 2004. (Usa o tema do shalom [paz, bem-estar] para recontar a história bíblica).

SATTERTHWAITE, Philip E. História bíblica. In ALEXANDER, T. Desmond; ROSNER, Brian S. (Ed.) *Novo dicionário de teologia bíblica*. São Paulo: Vida, 2009, p. 60-71.

SHEDD, Russell P. *Fundamentos bíblicos da evangelização*. São Paulo: Vida Nova, 2000.



Confessamos

Deus, o soberano Senhor sobre tudo, criou os céus e a Terra através de sua palavra poderosa.

Deus, o libertador, para inaugurar o Reino de Deus para proclamar as boas novas e reconciliar a criação com Deus. Deus fez justiça ao ressuscitar a Jesus dos mortos e exaltá-lo à direita de Deus Pai, onde intercede pelos santos e reina para sempre.

No Pentecostes, Deus enviou o seu Espírito e constituiu a Igreja para proclamar o reinado de Deus e dar testemunho da nova criação.

A Igreja é a nova criação de Deus, agente de transformação, chamada para ser modelo do plano de Deus para a humanidade.

A nova criação será concluída quando Cristo retornar.

CAPÍTULO 2

Quem é como o nosso Deus?

Nzuzi Mukawa (Congo) e Elmer A. Martens (EUA)

Quando os cristãos falam a respeito de Deus eles têm em mente a Trindade, ou seja, Deus é um, mas em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. Os muçulmanos confessam: “Não há outro deus além de Alá”. Alá tem 99 nomes, os mais frequentes são “o Misericordioso” e “o Compassivo”.

HISTÓRIAS ACERCA DO NOME DE DEUS

História 1. Isaque pertence à tribo Hema na República Democrática do Congo. A palavra que o seu povo usa para Deus é “Ruhanga”. Ruhanga não é humano mas habita acima do céu. Ruhanga é todo-poderoso e o criador de tudo. Os cristãos na tribo de Isaque usam a palavra Ruhumga quando oram, mas também usam a palavra Omukamaw (“rei”) com o sentido de “nosso Rei”. Os não cristãos não usariam essa palavra para Deus.

História 2. No Japão, a palavra geral para Deus é “Kami”. Uma vez que quase tudo, mesmo a cabeça de uma sardinha, pode ser considerado “Kami”, os cristãos, embora usem essa palavra, são cuidadosos ao defini-la.

A palavra da Bíblia para o deus é Elohim, que é traduzida para o português por “Deus” e aparece como El-Shaddai (Deus todo-poderoso, Gn 17.1) e El-Olam (Deus Eterno, Gn 21.33).

Quando Moisés pergunta pelo nome de Deus, Deus responde em uma breve frase: “Eu sou o que sou” (Êx 3.14).

Quando Moisés pergunta pelo nome de Deus, Deus responde em uma breve frase: “Eu sou o que sou” (Êx 3.14). Dessa frase surge o nome de quatro letras: Y-H-W-H, que é pronunciado Yahweh (Javé, não Jeová, como se pensava antigamente), e é traduzido para o português por SENHOR [letras maiúsculas] na maioria das Bíblias. Esse nome significa: “Presente para agir com salvação”. Esse Deus é o pai do nosso Senhor Jesus Cristo.

O QUE DIZ A BÍBLIA?

A. W. Tozer, autor cristão, afirma que o que acreditamos sobre Deus é a coisa mais importante sobre nós. Vamos começar considerando o que Deus faz.

Deus cria. Essa é a primeira atividade atribuída a Deus (Gn 1—2). Alguns, como é o caso dos hindus na Índia ou das pessoas da Nova Era nos Estados Unidos, ensinam que Deus faz parte do mundo, ou de certa forma faz parte de pessoas individuais. Não, Deus está separado de sua criação.

O Espírito de Deus, semelhante a uma força poderosa, também participou da criação (Gn 1.2). Todas as coisas, diz o NT, foram feitas por Cristo (Cl 1.15-17). Assim, há mais do que somente uma pista de um Deus em Três Pessoas ativas na criação.

A história da criação nos aponta para um Deus de ordem. Os antigos babilônios (atual Iraque) acreditavam que o mundo começou por meio de uma grande batalha. O deus Marduque derrotou Tiamat, outra deusa, e então dividiu o corpo dela ao meio; assim a parte de cima do seu corpo se tornou o céu e a parte de baixo, a terra. O mundo deles começou por meio de um ato de violência. O mundo de Deus começou por meio de uma palavra.

Deus redime. Quando passamos de Gênesis para Êxodo, vemos Deus agindo de uma forma diferente. O povo escolhido de Deus por intermédio de Abraão tinha se multiplicado e, por causa da fome, foi para o Egito. Quando estavam sendo

A história da criação nos aponta para um Deus de ordem.

oprimidos por um faraó (não há registro do seu nome), clamaram a Deus (Êx 2.23-24).

Deus libertou seu povo da opressão (Êxodo 14). Deus também salvou indivíduos, como Davi, dos seus problemas (Sl 18.6-19). Jesus libertou as pessoas de doenças (Mc 1.40-43), da possessão demoníaca (Mc 5.1-20), e, por meio da cruz, triunfou sobre a feitiçaria, poderes espirituais e falsos curandeiros.

Mas Deus liberta as pessoas de uma maneira ainda maior: do pecado e culpa. Davi pode dizer: “Como é feliz aquele que tem suas transgressões perdoadas e seus pecados apagados!” (Sl 32.1; cf. Mc 2.10). Paulo explica que pela fé em Jesus (Rm 10.9-10), as pessoas podem agora obter perdão e ter paz com Deus (Rm 5.1; cf. Ef 1.7; Ap 1.5).

Deus é guerreiro. Isso soa estranho num primeiro momento. Mas a Bíblia descreve Deus como guerreiro, alguém que batalha (Êx 15.3). Essa descrição de Deus como guerreiro está atrelada ao seu título: “Senhor dos Exércitos”, uma expressão militar que significa comandante supremo dos exércitos de Israel (1Sm 17.45); das estrelas e planetas (Dt 4.19) e dos anjos (1Rs 22.19).

Existem muitos exemplos de Deus lutando por Israel, como no Êxodo (Êx 14) e na batalha de Jericó (Js 6). Deus ajudou Davi contra Golias (1Sm 17.19-51). No NT, Deus é retratado como cavaleiro montado num cavalo branco. Ele lidera o ataque contra o inimigo. Deus é vitorioso sobre todo o mal (Ap 19.11-21). Sua soberania absoluta é o fundamento para a visão bíblica da paz (Is 11.1-9), porque Deus é ao mesmo tempo um Deus de paz (Is 9.6-7; Rm 15.33). O simples fato de Deus ser um guerreiro significa que as pessoas não precisam, nem devem, participar de violência ou guerra.

Deus é mestre e legislador. Deus instruiu Adão a cuidar da terra (Gn 2.15) e a comer das árvores frutíferas (Gn 2.16-17). Depois Deus deu seus ensinamentos a seu povo no monte Sinai (cf. os Dez Mandamentos, Êxodo 20).

Deus é comparado a um pastor de ovelhas para mostrar que supre o seu povo, toma conta dele em todo lugar (Sl 23) e o protege.

Deus convocou sacerdotes para que ensinassem (Mt 2.7). Os profetas também anunciavam às pessoas o que agradava a Deus e o que não (Is 1.10-17; Mq 6.1-8). Jesus continuou seus ensinamentos como no Sermão do Monte (Mt 5—7). O Espírito Santo foi prometido para ajudar as pessoas a entender a Bíblia (Jo 14.25-26). Deus em sua graça não deixou as pessoas em dúvida em relação ao que ele queria ou o que o desagrada.

Deus pastoreia. Deus é comparado a um pastor de ovelhas para mostrar que supre o seu povo, toma conta dele em todo lugar (Sl 23) e o protege (Jo 10.11-16; cf. Ez 34.11-16). Assim não precisamos temer mesmo quando somos perseguidos ou quando estamos em perigo. Deus cuidará de nós.

A atividade protetora de Deus é ressaltada em seu presente de uma coluna de nuvem para os israelitas viajantes (Êx 14.19-20). Os olhos do servo de Eliseu foram abertos para ver o exército de Deus protegendo Israel (2Rs 6.15-23). Daniel foi divinamente protegido (Dn 3.19-30; 6.19-27). Jesus contou com a proteção de Deus (Mt 4.5-6; Sl 91.11-12). O mesmo aconteceu com Paulo (At 27.23-24).

Deus guia. Deus guia o seu povo (Êx 15.13). O rei Davi se alegrou pelo fato de Deus o guiar com os seus olhos (Sl 32.8). Em uma tribo do Oeste da África, os pais dão sinais aos seus filhos com os olhos. Por exemplo, se uma família é convidada a outra casa e os anfitriões oferecem comida às crianças, elas olham para os pais para ver se podem aceitá-la ou não. Os pais, sem dizer uma única palavra, sinalizarão com os olhos o que as crianças devem fazer. Às vezes Deus guiou algumas pessoas por meio de sonhos (e.g. Mt 2.13-15; cf. At 16.6-10). A igreja é guiada pelo Espírito Santo (e.g. At 13.1-3).

Deus julga. Deus é um juiz (Is 33.22) que julga as pessoas com justiça (Gn 18.25). Ele separará as ovelhas dos bodes (Mt 25.31-46). A mensagem a respeito do dia do Senhor (cf. Jl 1.18-18; Zc 1.2-7a) trata de trazer castigo às nações que fazem o mal. Como indivíduos devemos todos morrer e enfrentar o juiz supremo (Hb 9.27). A boa notícia é que embora

A boa notícia é que embora os crentes sejam julgados como todos os outros, por causa de Jesus Cristo não serão condenados

os crentes sejam julgados como todos os outros, por causa de Jesus Cristo não serão condenados (Rm 5.9-10), mas receberão recompensas (Cl 3.23-24).

Resumo. De todas essas figuras de Deus — Deus como criador, pai, guerreiro, pastor, mestre, guia, juiz — podemos concluir pelo menos o seguinte. Deus é muito poderoso, na verdade, todo-poderoso como é mostrado na criação e quando ressuscita Jesus dos mortos (Ef 1.19-20). Ele também é bom e deseja o melhor para o seu povo (Sl 73.1; Jr 29.11; Rm 8.28). Deus cuida da sua criação e do seu povo e auxilia na adversidade (Sl 46.1). Deus é gracioso e misericordioso. Ao mesmo tempo Deus não ignorará o mal, mas irá castigá-lo (Êx 34.6-7).

O plano de Deus visa a estabelecer o seu Reino, que é sua ordem maior na terra.

O melhor de tudo, Deus quer que as pessoas o conheçam, e está preparado para oferecer o seu perdão (Sl 32.1). Deus tem um plano, que é formar uma comunidade de pessoas que foram perdoadas dos seus pecados e que reconhecem que somente Deus é Deus e especialmente que ele, por meio de Jesus, é o seu Deus e Salvador. Os cristãos, nome dado a esse grupo, devem dar glória a Deus porque ele é digno (Ap 4.11). Eles também devem amar a Deus e seu próximo (Mt 22.37-39). O Espírito Santo produzirá o bom fruto na vida deles (Gl 5.22-23).

O plano de Deus visa a estabelecer o seu Reino, que é sua ordem maior na terra. Deus amplia o seu reino por meio da igreja; seu plano de formar uma comunidade é o meio para um final maior.

O que essas figuras de Deus não expressam tão claramente é registrado em outros textos. Deus é santo (Lv 19.1). Deus é totalmente puro e imaculado, de forma que não pode ser comparado com coisa alguma da experiência humana. Pelo fato de ser puro, ele é separado de tudo que é profano. A Bíblia ressalta a santidade de Deus de muitas formas, mas, talvez, mais substancialmente na visão de Deus que Isaías teve (Is 6.3).

VIVENDO CONFORME A CONVICÇÃO

1. Deus é um ou muitos?

A palavra Trindade surgiu na igreja primitiva. Talvez seja melhor pensarmos em um modelo relacional e falar de Deus como uma comunidade amorosa.

Deus, Jesus e o Espírito Santo — os três são Deus, mesmo assim Deus não é três deuses separados mas um (Dt 6.4). Os cananeus adoravam muitos deuses, incluindo Baal, de quem a Bíblia fala com frequência. Os outros vizinhos de Israel adoravam Camos (ou Quemos) e Moloque. Em contraposição, Israel devia adorar somente a um Deus.

Esse Deus, embora seja um, é ao mesmo tempo três pessoas, como lemos no NT. A palavra Trindade surgiu na igreja primitiva. Talvez seja melhor pensarmos em um modelo relacional e falar de Deus como uma comunidade amorosa.

Jesus é Deus; ele é chamado de Filho de Deus. Dessa forma, fica claro que Jesus pertencia a Deus. Não significa, como pensam os muçulmanos, que houve um Deus que teve um filho da forma como pai e mãe humanos têm filhos. O Espírito Santo é Deus (At 5.3-4). Deus é ao mesmo tempo três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo (cf. a bênção de Paulo, 2Co 13:14).

2. Deus é Pai e/ou Mãe?

Essa pergunta sugere que Deus tem de ser de um sexo/gênero ou de outro. Mas isso é pensar estritamente em termos humanos. Jesus disse que os anjos não casavam porque não eram nem homens nem mulheres (Mt 22.30). Não devemos pensar em Deus como tendo um corpo físico; Deus está além de sexo/gênero. Jesus explicou que Deus é Espírito (Jo 4.24).

A Bíblia usa figuras para nos ajudar a entender quem Deus é. Deus é chamado de Pai, tanto no AT (Jr 31.9) como no NT (Mt 6.9). Em nenhum lugar da Bíblia Deus é chamado de “Mãe”, mas há textos em que é comparado a uma mãe. Por exemplo, como uma mãe tem compaixão, assim Deus terá compaixão (Is 49.15).

3. Se Deus é todo-

Coisas más acontecem no mundo. Incêndios florestais destroem belas árvores e animais selvagens. Tsunamis matam milhares de pessoas. Ladrões tornam a vida miserável e trágica

poderoso, por que há maldade no mundo?

para outras pessoas. Se Deus é bom, não iria querer pôr um fim em tudo que é mau? Se Deus é poderoso, porque ele não faz isso?

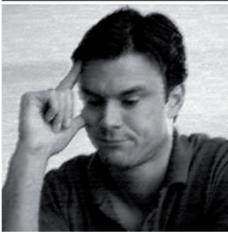
Alguns dizem que Deus é bom, mas ele não pode ser todo-poderoso. Outros dizem que Deus certamente é poderoso e ele poderia colocar um fim em toda maldade no mundo, mas talvez ele não seja bom. As Escrituras dizem as duas coisas: Deus é poderoso e Deus é bom. Não podemos dar uma resposta completa ao problema do mal, mas os cristãos têm apresentado algumas ideias.

Deus é todo-poderoso, por que há maldade no mundo?

1. Aquilo que parece mau pode acabar tendo algo de bom em si. Por exemplo, em incêndios florestais a madeira sem vida no chão é consumida pelo fogo. Algumas sementes não irão germinar exceto pelo calor do fogo. Dessa forma, Deus extrai o bem do mal, como na história de José (Gn 37—50; veja 50.20) e especialmente na história de Jesus.
2. Visto que Deus é todo-poderoso, ele está no controle. Mas ele escolheu limitar seu poder. Acaso deveria Deus em cada caso intervir e mudar as condições climáticas que produzem grandes tempestades e enchentes? De maneira semelhante, Deus é suficientemente poderoso para abolir todo assassinato e de outras formas controlar completamente o comportamento humano. Mas isso transformaria os humanos em robôs. Muitas maldades ocorrem simplesmente como consequência de más escolhas feitas pelas pessoas. Mas a possibilidade da escolha também significa que as pessoas podem escolher amar a Deus.
3. Tiago explica que provações fortalecem o caráter (Tg 1.2-4), e Eliú argumenta que o sofrimento torna as pessoas mais maleáveis ao ensino (Jó 36.5-11).
4. O sofrimento de alguns pode beneficiar outros. Deus permitiu que a maldade, inclusive a morte, viesse sobre Jesus para o benefício de toda a raça humana. Em uma escala menor, a pessoa, que, pela graça de Deus, suporta dor fi-

sica sem reclamar e confia plenamente em Deus, se torna modelo e encorajamento para outros (cf. 2Co 1.3-4).

Até mesmo Jesus quando estava pendurado na cruz perguntou: “Por que me abandonaste?”. No fim das contas, precisamos admitir o mistério. Não somos Deus. Não podemos entender completamente o que acontece. Assim, apesar das perguntas que as pessoas fazem acerca do mal, do sofrimento, do poder e da bondade de Deus, os cristãos afirmam que Deus é poderoso e bom.

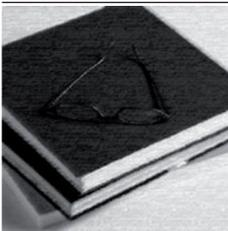


PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

1. Pense novamente sobre o significado do nome para Deus Javé (YHWH), traduzido nas nossas Bíblias por SENHOR. Que diferença você percebe entre um título e um nome (e.g.: pastor e Hugo), e qual é o significado dessa diferença na forma como você se relaciona com Deus?
2. Deus é o Criador. Que importância esse fato tem em:
 - a. como você pensa acerca de Deus e de si mesmo (Sl 8)?
 - b. como você adora (Sl 29)?
 - c. como você ora (At 4.24-26)?
3. Nossa confissão de fé começa com a história de como Deus tem agido ao longo do tempo, e então segue com uma lista de tópicos e o que devemos crer. Por que essa ordem é importante?
4. Deus é o libertador e assim traz a liberdade. De que maneira isso é verdade na vida pessoal de alguém? Do que Deus nos salva (enumere mais de um item)? Alguns entendem que pessoas que são oprimidas por governos deveriam buscar a liberdade, até mesmo pela força. Você concorda?
5. Deus é Pai. Qual é a sua resposta para aqueles cuja expe-

riência com seus pais humanos é negativa e que talvez pensem de forma negativa em Deus como Pai?

6. Como você explicaria a um vizinho o significado de “Deus é amor”?
7. Quão importante é para a igreja ensinar acerca da santidade de Deus ou da ira de Deus? Contra o que a ira de Deus é dirigida? Esse ensinamento assusta ou renova e conforta você?
8. Relate incidentes em sua vida em que você experimentou Deus como
 - a. guia
 - b. fonte de poder
 - c. provedor
9. Suponha que um não crente lhe pergunte: “O que você crê sobre Deus?”. Como você começaria a sua resposta? O que você ressaltaria acerca de Deus?



PARA APROFUNDAR O ESTUDO

EDGAR, Brian. *The Message of the Trinity* (The Bible Speaks Today). Downers Grove: Inter-Varsity Press, 2007. [Ele argumenta que a singularidade do cristianismo resulta inteiramente da Trindade].

MCGRATH, Alister E. *Understanding the Trinity*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1988.

PACKER, James I. *O conhecimento de Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 1980.

PACKER, James I. *Teologia concisa: Síntese dos fundamentos históricos da fé cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

PACKER, J. I. *Knowing God*. Downers Grove, IL: InterVarsity

Press, 1993.

WRIGHT, C. J. H. *Knowing God the Father Through the Old Testament*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2007.



CONFESSAMOS

Deus, o soberano Senhor sobre tudo, criou os céus e a Terra através de sua palavra poderosa. Deus criou os seres humanos, homem e mulher, de acordo com a sua imagem para viverem em comunhão e para serem administradores da criação. Os seres humanos abusaram de sua liberdade rebelando-se contra Deus em desobediência, o que resultou em alienação e morte. Na rebelião contra o reinado de Deus, os poderes malignos de Satanás — pecado e morte — reivindicaram o controle sobre o mundo.

Deus, o libertador, agiu para estabelecer o povo da aliança, iniciando com Israel. O propósito de Deus foi formar a comunidade da aliança para se relacionar com ele, para experimentar as suas bênçãos e para servir como luz para as nações. Através dos profetas, Deus comunicou a sua Lei e os seus propósitos, expressando que sempre é fiel, justo, correto, misericordioso como um pai e compassivo como uma mãe. Deus prometeu a esperança de uma nova criação.

CAPÍTULO 3

Jesus Cristo: um salvador como nenhum outro

Takashi Manabi (Japão)

Em primeiro lugar, o nome “Jesus Cristo” precisa ser explicado. “Jesus” era um dos nomes que era geralmente usado entre os judeus no primeiro século. “Jesus” (do grego, “Iesous”) significa “ele salvará” (Mt 1.21). A versão do Antigo Testamento desse nome é “Josué”, que significa: “Javé [o SENHOR] salva”.

Pode-se dizer que o personagem central da revelação da Bíblia é Jesus Cristo, como ele mesmo afirma

“Cristo” não é um nome, mas sim um título. Cristo é a transliteração da palavra grega “Cristos”, que vem da palavra hebraica “Messias”, que significa “o ungido”.

Esses dois termos, um nome e um título unidos para designar uma pessoa, “Jesus Cristo”, compõem a importante afirmação de fé: O judeu que foi chamado Jesus é essa pessoa que foi profetizada no Antigo Testamento como o Messias; ele é o que faz a grande obra de Deus esperada na história. Pode-se dizer que o personagem central da revelação da Bíblia é Jesus Cristo, como ele mesmo afirma (Lc 24.25-27; Jo 5.39).

HISTÓRIAS

1) Como jovem estudante de uma universidade budista japonesa fui introduzido a Jesus Cristo. Eu estava em uma depressão profunda. Um dia, fui convidado a participar de um grupo de estudo bíblico pela primeira vez na vida.

Percebi uma luz entrando em meu coração. Comecei a estudar a Bíblia pela primeira vez para entender quem era Jesus. A Bíblia afirma que Jesus Cristo é humano mas ao mesmo tempo é Deus. Ele não é um Deus entre os oito milhões de deuses que a maioria dos japoneses acredita existir. Um provérbio diz: “A cabeça de uma sardinha pode ser um deus em quem podemos confiar”. Com esse plano de fundo cultural pluralístico, tive muita dificuldade para aceitar a ideia de um Deus absoluto. Vários anos de estudo contínuo da Bíblia e do trabalho do Espírito Santo se passaram antes que eu pudesse verdadeiramente compreender a divindade exclusiva da pessoa de Jesus Cristo.

Muitos japoneses, às vezes até mesmo cristãos, tendem a achar que Jesus Cristo era um homem branco em uma cultura ocidental.

2) Há uma noção geral no meio do povo japonês de que o cristianismo é uma religião ocidental para pessoas brancas. Muitos japoneses, às vezes até mesmo cristãos, tendem a achar que Jesus Cristo era um homem branco em uma cultura ocidental. Por isso é difícil nesse contexto estabelecer igrejas verdadeiramente nativas em que a cultura tradicional japonesa seja respeitada mas em que Jesus Cristo receba o devido lugar.

O QUE DIZ A BÍBLIA?

A encarnação do nosso Senhor

Jesus é Deus. Ele mesmo faz essa afirmação (Jo 10.30). Paulo ecoa essa afirmação quando diz que Cristo é a “imagem do Deus invisível” (Cl 1.15). Cristo, com Deus o Pai, foi o criador de todas as coisas (Jo 1.1-3; Cl 1.16).

Cristo é tanto Deus (possui a divindade) quanto humano

(possui a humanidade). Ele é Deus como o Filho (a segunda pessoa da divindade) junto com Deus o Pai (a primeira pessoa da divindade) e Deus o Espírito Santo (a terceira pessoa da divindade). A Bíblia ensina que essas três pessoas existem e agem como um único Deus em perfeita harmonia. Jesus Cristo fala a Deus, o Pai, como Filho, e faz a promessa aos seus discípulos de que o “Conselheiro”, o Espírito Santo, que o sucederá, será enviado por ele e pelo Pai (Jo 14—16). Na igreja de Cristo, essa importante verdade tem sido entendida como “a doutrina da Trindade”.

Jesus, que era Deus, não se apegou à sua posição, mas tornou-se humano, chegando a assumir a forma de servo, e, diferentemente do que se esperaria, morreu numa cruz. Jesus, um judeu, nasceu como Cristo (Messias) para José e sua esposa-noiva, a virgem Maria (Mt 1.18-25; Lc 1.26-38). Como homem também cansava e precisou descansar (Jo 4.6) e, entre outras coisas humanas, desfrutou da companhia dos discípulos e dos amigos como Maria, Marta e Lázaro (Lc 10.38-41; Jo 11).

Na história da salvação, Deus escolheu um povo chamado “Israel”, cujo ancestral foi Abraão.

Na história da salvação, Deus escolheu um povo chamado “Israel”, cujo ancestral foi Abraão (Gn 12.1-3). Os profetas que vieram desse povo referiam-se àquele que chegaria na história como o Salvador da raça humana (Is 9.6-7; 49.6; Mq 5.2). Deus tinha como plano restaurar as pessoas para si mesmo com base no perdão dos pecados, e, assim, levar a esperança da recriação à pessoa como um todo (Jr 31.31-34; Os 2.19-23; At 3.18-21). Jesus é o agente de Deus da redenção.

Ministério, sofrimento e crucificação do nosso Senhor

Jesus Cristo cresceu como homem e iniciou seu ministério público dado por Deus (Mt 4.12-17; Lc 4.14-22; Is 61.1-3). Esse ministério foi caracterizado por essas obras poderosas de Deus, entre outras (uma lista seleta):

1. Ele pregou que o Reino de Deus estava próximo. Convoou os ouvintes a arrepender-se de seus pecados e a crer em Deus, que tem autoridade para perdoar pecados (Mc 1.15).

Seus ensinamentos falavam a respeito da oração, casamento e divórcio, dinheiro e do Reino de Deus

2. Ele realizou muitos milagres, como curas, para demonstrar que era verdadeiramente o Messias enviado de Deus (Mt 11.2-6). De maneira impressionante, ele ressuscitou Lázaro dos mortos (Jo 11.38-44).
3. Ele chamou e treinou os discípulos que continuariam o ministério de proclamar a mensagem de arrependimento e perdão dos pecados (Mt 10.1-8). Seus ensinamentos falavam a respeito da oração (Mt 6.5-15), casamento e divórcio (Mt 19.3-12), dinheiro (Lc 12.15-45) e do Reino de Deus (Mc 13.1-52).
4. Ele, não tendo pecado em sua vida, foi injustamente sentenciado como culpado pelos líderes religiosos do seu tempo e castigado com a morte na cruz. Esse acontecimento, no entanto, fazia parte do plano de Deus, e a sua morte foi para a redenção dos pecados de toda raça humana (At 3.13-21; Is 53.5-6; 1Pe 2.21-25).
5. Três dias depois da crucificação, Cristo ressuscitou dos mortos e mostrou seu corpo ressuscitado a muitos dos seus discípulos (Lc 24.25-49; 1Co 15.3-7).
6. Depois de aparecer diante dos discípulos por certo tempo, ascendeu ao céu, onde está agora à direita do trono de Deus, continuando a interceder por todos os santos (Sl 110.1; Hb 10.10-14; Rm 8.31-34).
7. Dessa forma, depois de obter a esmagadora vitória sobre o pecado, morte e Satanás, Cristo sentou-se à direita de Deus como regente e está ativo agora para estabelecer o Reino perfeito. Então, após completar o Reino, irá entregá-lo a Deus, o Pai (1Co 15.20-28).

Ressurreição, ascensão e exaltação do nosso Senhor

As Escrituras dão grande importância à ressurreição de nosso Senhor. Cada um dos Evangelhos apresenta esse relato. Os sermões no livro de Atos quase sempre fazem menção a ela. Paulo explica que pela ressurreição Jesus provou ser Deus (Rm 1.4). Nossos pecados são perdoados por causa da sua morte,

As Escrituras dão grande importância à ressurreição de nosso Senhor.

mas somos justificados perante Deus pela sua ressurreição (Rm 5). Ele é o primogênito de todos que ressuscitarão dos mortos (Cl 1.18). Ele é o Senhor ressuscitado, “revelado” no livro de Apocalipse (Ap 1.1-6).

Jesus Cristo ascendeu ao céu, onde é exaltado sobremaneira (At 1.9). No fim, todo joelho se dobrará diante dele (Fp 2.9-10). Sentado à direita de Deus, Cristo enviou Deus, o Espírito Santo (a terceira pessoa da divindade), juntamente com Deus, o Pai (Jo 14.16-17; At 2.1-42). As Escrituras anunciam sua segunda vinda (At 1.10; 1Ts 4.14-18) que irá ocorrer quando todo o povo eleito de Deus tiver sido levado à graça da salvação pela proclamação do evangelho (Ef 1.4-14; At 13.46-48). Quando Cristo voltar à terra:

1. dará o novo corpo ressuscitado a todos do povo de Deus que são salvos pela fé nele enquanto estiveram nesta terra (Dn 12.2-3; Mt 24.30-31; 1Co 15.50-53; 1Ts 4.13-18).
2. estabelecerá o plano de reinar sobre o mundo que foi criado por Deus e entregará o Reino a Deus, o Pai (1Co 15.20-28; Ap 20—22).

Nosso Senhor edifica a sua Igreja

Jesus disse que edificaria a sua igreja (Mt 16.18-19). Esse grupo é definido como aqueles que creem no Senhor Jesus Cristo, tendo recebido a ajuda do Espírito Santo, e que seguem Jesus (1Pe 2.21). O Espírito Santo os liga ao corpo de Cristo como propriedades de Cristo, e assim empenha-se na tarefa de formar a igreja, que é a comunidade de crentes (Jo 16.8-15; Ef 1.13-23; 1Co 12.12-30).

Os crentes, que foram convertidos da velha vida, começaram uma nova vida. Eles continuam buscando a constante consagração e renovação pela ajuda do Espírito Santo. Eles refletem o Cristo vivo e o adoram (2Tm 2.8; Hb 12.2). Eles seguem a Cristo em obediência sincera aos seus mandamentos (Jo 10.16). Alguns desses mandamentos são apresentados em Mateus 5—7. Esses capítulos estimulam o povo de Deus a

Os crentes, que foram convertidos da velha vida, começaram uma nova vida.

amar o inimigo; por esse motivo, os cristãos (ainda que não todos) entendem que participar em guerras não é correto para eles (Mt 5.38-44). Para levar reconciliação e paz à sociedade humana, é essencial que haja reconciliação com Deus, como Paulo explica (Rm 5.1; 2Co 5.17-21; Cl 1.22). Portanto, a missão mais importante da igreja é a proclamação do Evangelho de Jesus Cristo, que é capaz de produzir reconciliação entre o homem e Deus (Mt 28.18-20).

VIVENDO CONFORME A CONVICÇÃO

1. A divindade /humanidade de Cristo. A igreja primitiva teve grandes lutas acerca da doutrina de que Jesus é tanto divino quanto humano. O imperador Constantino convocou um conselho da Igreja Cristã que ocorreu em Niceia (hoje no noroeste da Turquia) em 325 d.C. O Credo de Niceia diz: “Cremos em um só Deus, Pai onipotente, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis, e em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado pelo Pai, unigênito, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, Luz de Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado não feito, de uma só substância com o Pai, pelo qual foram feitas todas as coisas, as que estão no céu e as que estão na terra; o qual, por nós homens e por nossa salvação, desceu, se encarnou e se fez homem e sofreu e ressuscitou ao terceiro dia, subiu ao céu, e novamente deve vir para julgar os vivos e os mortos; e no Espírito Santo” (Documentos da Igreja Cristã, ASTE).

Que relevância tem a questão da divindade /humanidade de Jesus hoje? Quais questões acerca de Cristo um concílio deveria tratar hoje em dia? O que poderia definir?

2. Ênfase denominacional. Diferentes grupos cristãos são definidos em parte pelas seções e verdades da Bíblia que ressaltam. A igreja Reformada (presbiteriana) ressalta as partes da Bíblia, especialmente os textos do Antigo Testamento, que falam acerca da soberania de Deus. Os luteranos são conhecidos por dar valor central às cartas de Paulo aos Romanos e aos Gálatas e por desatacar a graça de Deus e a justificação pela

Diferentes grupos cristãos são definidos em parte pelas seções e verdades da Bíblia que ressaltam.

fé. Os pentecostais exaltam o livro de Atos. Os anabatistas têm salientado os Evangelhos com seus registros da vida de Jesus, e dão grande importância ao Sermão do Monte.

Será que é possível evitar dar maior importância a algumas partes da Bíblia do que a outras? Qual tem sido o efeito de dar tamanha importância ao Sermão do Monte proclamado por Cristo (Mt 5—7)?

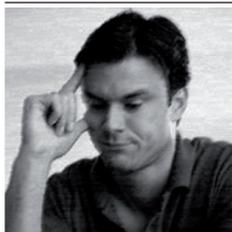
3. “Cristo morreu pelos nossos pecados!”. A discussão continua em como essa declaração deve ser entendida. Uma maneira de explicar como Cristo morreu pelos nossos pecados é entender algo acerca do pecado e seus efeitos. O pecado é uma atitude ou comportamento que quebra o relacionamento humano de intimidade com Deus.

O resultado do pecado às vezes é medo, outras, culpa e ainda outras, vergonha. A história do primeiro pecado ilustra essas três consequências do ato do pecado. Quando Adão pecou, ele teve medo das consequências que Deus pudesse lhe infligir, e por isso se escondeu (Gn 3.10). Além disso, ele experimentou culpa; alguém estava errado. Adão imediatamente declarou inocência e culpou sua esposa Eva (Gn 3.12). A vergonha também fazia parte do incidente. Foi por causa da vergonha que os dois cobriram sua nudez no jardim (Gn 3.7,10).

Na África e em outros lugares, as pessoas têm medo dos seus deuses. Para muitos, a salvação é a remoção do seu medo dos deuses.

Na África e em outros lugares, as pessoas têm medo dos seus deuses. Elas não sabem por que coisas ruins acontecem a elas. Para muitos, a salvação é a remoção do seu medo dos deuses. Na Europa e nos Estados Unidos, o pecado tem sido explicado como algo que produz culpa. Os sacrifícios que Israel oferecia eram oferecidos por causa da sua culpa. A Bíblia diz repetidas vezes que em virtude dos sacrifícios (como também de atitudes corretas [cf. Caim, Gn 4]), Deus perdoaria (Lv 4.26,31,35; 5.10). Paulo explica que a morte de Cristo como sacrifício tratou da culpa das pessoas (Rm 5.8-9). A morte de Cristo significa que o pecado é perdoado; a culpa se foi (Gl 3.13-14). O sacrifício de Cristo também tratou do medo, porque agora os crentes não precisam mais ter medo de Deus como juiz; eles se dirigem a ele como Aba, Pai (Rm 8.15).

Na Ásia, o pecado produz vergonha, mais do que culpa. A vergonha causa um sentimento de indignidade. Cristo veio restaurar esse sentimento de valor. Os pecadores que recebem a salvação de Cristo são adotados como filhos e filhas na família de Deus. Eles têm a dignidade que foi perdida por causa do pecado. Várias culturas podem salientar um ou mais efeitos do pecado. O mais importante é que a morte de Cristo elimina o medo, a culpa e a vergonha provocados pelo pecado.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

1. De que maneira os cristãos deveriam se relacionar com os muçulmanos cujas escrituras, o Alcorão, reconhecem Cristo como profeta, mas não como Deus? Já que os muçulmanos enfatizam que apenas Alá é Deus, reconhecer Jesus como Deus é ser culpado de blasfêmia.
2. Será que o triplo ministério de Jesus (pregação, ensino e cura) tem alguma relevância para os seus seguidores hoje? Se sim, que formato ou caráter esse ministério deveria ter em nosso tempo e cultura?
3. Na Indonésia, o dia da ascensão é feriado nacional. Quais acontecimentos, caso haja algum, na vida de Jesus são destacados em sua cultura: a) na igreja? b) na sua nação?
4. Qual é a importância que o Sermão do Monte recebe na sua igreja/conferência?
5. Discuta sua compreensão dos conceitos de reconciliação e paz proclamados por Jesus Cristo. Considere como eles podem ser aplicados à sua vida cristã.
6. Que nível de prioridade tem ou deveria ter a segunda vinda de Jesus na pregação na sua igreja e no seu estilo de vida pessoal?



PARA APROFUNDAR O ESTUDO

BRAY, GERALD. QUEM É JESUS? SÃO PAULO: SHEDD, 2008.

MCGRATH, Alistair. *Understanding Jesus: Who Jesus Christ Is and Why He Matters*. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House.

STEIN, Robert H. *A pessoa de Cristo: Um panorama da vida e dos ensinamentos de Jesus*. São Paulo: Vida, 2006.

WRIGHT, C. J. H. *Knowing Jesus Through the Old Testament*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1992.



CONFESSAMOS

Deus, o Pai, enviou seu Filho, Jesus Cristo, ao mundo, nascido da virgem Maria. Jesus inaugurou o reino de Deus, proclamando o arrependimento dos pecados, anunciando a libertação dos oprimidos e as Boas Novas aos pobres e chamando discípulos para seguir os seus caminhos como uma nova comunidade. Jesus respondeu aos poderes violentos malignos, tomando sobre si a cruz para morrer pelos pecados do mundo e assim reconciliar a criação com Deus. Jesus alcançou a vitória sobre o pecado, a morte e Satanás quando Deus fez justiça ao ressuscitar a Jesus dos mortos e exaltá-lo à direita de Deus Pai, onde intercede pelos santos e reina para sempre.

CAPÍTULO 4

Aprendendo a respeito do Espírito Santo

Arthur Dueck (Brasil)

A Bíblia ensina que Deus, o Pai, é o Criador. Jesus Cristo é o Filho de Deus, o Salvador. O Espírito Santo, igualmente Deus, foi enviado para estar com os crentes. Conseguimos entender a linguagem acerca de “pai” e “filho”, mas o que significa ser espírito? Na maior parte das culturas mundiais, um espírito é simplesmente uma força, certo tipo de poder, algo impessoal que age sobre as pessoas.

UMA HISTÓRIA

Na maior parte das culturas mundiais, um espírito é simplesmente uma força, certo tipo de poder, algo impessoal que age sobre as pessoas.

Quando eu tinha pouco mais de 20 anos, estava liderando grupos de estudo bíblico para estudantes do ensino fundamental e médio em uma escola cristã. Em determinado dia, um dos meninos disse ao grupo que algo especial tinha acontecido com ele. Alguém tinha orado com ele e agora ele podia falar com Deus em línguas. Ele foi realmente tocado por aquela experiência. O seu entusiasmo era visível. Então ele disse ao grupo que também poderiam se tornar especiais aos olhos de Deus se recebessem o Espírito Santo. Na ausência do líder, ele ensinou diversos meninos a falar essas línguas. Havia uma “aura” de espiritualidade neles. Isso me fez pensar: Será que isso vem de Deus?

O QUE DIZ A BÍBLIA?

O papel do Espírito no Antigo Testamento

- O Espírito estava presente na criação e deu vida aos seres criados (Gn 1.2; 2.7; Sl 33.6; Jó 33.4).
- O “Espírito de Deus” era “o agente pessoal de Deus”, o que com frequência significava que ele era (e é) o agente de mudança. Geralmente o Espírito de Deus age a favor do povo de Israel (Sl 104.29-30; Is 34.16). Em alguns contextos, o Espírito parece uma força impessoal (1Rs 18.12; 2Rs 2.16; Ez 2.2; 3.12), mas, em outros, uma pessoa (Is 63.10).
- Deus revelou sua vontade a seus profetas por meio do Espírito, às vezes por meio de revelação direta, outras vezes por outros meios (2Sm 23.2; Ne 9.20; Sl 143.10; Is 61.1-4; Is 63.10-14).
- O Espírito motivava as pessoas a agir, fazendo com que elas se arrependessem do pecado, obedecessem a Deus, andassem na justiça etc. (Sl 51.10-12; Is 11.2; Ez 11.19).
- O Espírito capacitou pessoas a realizar tarefas para as quais não tinham sido treinadas previamente (Gn 41.38; Nm 11.17; Jz 3.10). A capacitação às vezes tinha pouca relação com o caráter da pessoa (e.g.: Balaão, Sansão) e não era necessariamente permanente (Jz 14.6; 1Sm 16.14; cf. Sl 51.11).
- O AT aguardava uma nova era do Espírito (Is 32.14-15; Is 44.1-5; Ez 39.29; Jl 2.28-32; Zc 12.10). “E, depois disso, derramarei do meu Espírito sobre todos os povos” (Jl 2.28). O Espírito, agora derramado sobre um grupo de pessoas, produziria grandes mudanças na vida de Israel, criando neles o desejo de obedecer a Deus (Jr 31.31-40; Ez 36.24-29).
- Em resumo, quando limitado ao AT, podemos descrever o

O “Espírito de Deus” era “o agente pessoal de Deus”, o que com frequência significava que ele era (e é) o agente de mudança.

Espírito como o “Espírito Energizante” e não, como no NT, o “Espírito Santo”. Observe sua atividade na criação (Gn 1.2), equipando seus servos, como foi o caso de Gideão (Jz 6.34) e Miqueias (Mq 3.8), e restaurando os mortos à vida (Ez 37.1-14).

O papel do Espírito Santo no Novo Testamento

- O Espírito é agora claramente retratado como uma pessoa. Ele não é uma divindade inferior ou um anjo. Alguém não pode mentir a uma força, nem batizar outra pessoa em nome de uma força (Mt 12.28-32; 28.18-20; At 5.3-4; 1Co 2.10-11; Ef 4.30).
- Jesus viveu com a presença do Espírito desde o início. Jesus foi gerado pelo Espírito (Mt 1.18). O Espírito veio sobre ele de maneira visível no batismo (Mt 3.16). Jesus foi enchido com o Espírito para o ministério (Lc 4.14; cf. 4.18-21). Jesus expulsou demônios pelo poder do Espírito (Mt 12.28). A vitória de Jesus sobre o demônio durante sua vida, culminando na sua morte e ressurreição, inaugurou a era do Espírito.
- O Espírito Santo estaria com seus discípulos para sempre, conforme a promessa de Jesus (Jo 14.16-17). O Espírito glorifica a Jesus (Jo 14.18-23), aponta para o trabalho redentor de Cristo e lembra o povo das palavras de Cristo (Jo 14.26). O Espírito é como um holofote que aponta para Jesus, não para si mesmo. O Espírito convence as pessoas do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.7-11). O Espírito capacita seus discípulos para sua missão (At 1.8).
- O Espírito Santo na vida da igreja foi marcada pela sua vinda sobre a congregação no Pentecostes. As línguas visíveis de fogo mostram como o Espírito ressaltava o trabalho redentor de Jesus a favor de todos os povos (missão). Pedro demonstrou que a vinda do Espírito cumpre a profecia (Jl 2.28-32; At 2.16-21). O que por tanto tempo podia somente ser imaginado agora se tornava realidade: o Espírito não veio somente sobre pessoas específicas, mas

Jesus viveu com a presença do Espírito desde o início.

O Espírito glorifica a Jesus (Jo 14.18-23), aponta para o trabalho redentor de Cristo e lembra o povo das palavras de Cristo

habita na vida de todos que pertencem à comunidade da fé (At 2.32-33; 1Co 3.16; Gl 5.25).

- O fruto do Espírito abrange nove qualidades — amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio (Gl 5.22-23). Todas são reflexos do caráter de Cristo. Essas qualidades aparecem principalmente em situações de crise. O “fruto” descreve quem “somos” contrastando com o que “fazemos” (dons). Esse fruto não pode ser produzido por nós mesmos. Em vez disso, o Espírito cria o desejo e o poder de obedecer à Palavra (Fp 2.13).

O Papel do Espírito em Dar Dons à Igreja

O Espírito, ele próprio um dom, também dá dons (capacitações) à igreja para realizar o trabalho de Deus na terra. Há uma grande variedade de dons, que vão desde capacitações sobrenaturais até dons de serviço (1Co 12.4-11). Alguns dons não requerem desenvolvimento (e.g.: línguas e cura), enquanto outros precisam ser desenvolvidos (e.g.: liderança e ensino).

- Cada crente recebe pelo menos um dom (1Co 12.7). Ele deve descobrir e usar esse dom no serviço de Cristo e da Igreja.
- As listas dos dons diferem e são somente representativas (1Co 12.4-11; 12.28; Rm 12.6-8; Ef 4.11-13; 1Pe 4.10-11). Concluimos que há mais dons do que os citados nos textos.
- Possuir um dom não significa autoridade espiritual, nem maturidade. O dom é dado para o serviço, não como um símbolo de status espiritual. Não há espaço para disputas por status.
- Alguns dons espirituais se assemelham a habilidades no mundo secular (e.g.: liderança). Isso significa que não deveríamos diferenciar muito entre dons espirituais e talentos naturais.

Cada crente recebe pelo menos um dom (1Co 12.7). Ele deve descobrir e usar esse dom no serviço de Cristo e da Igreja.

- O uso dos dons deve estar baseado no amor (o dom maior), para que os crentes não os usem para ostentação e, dessa forma, deem espaço à desconfiança e divisão (1Co 13).

VIVENDO CONFORME A CONVICÇÃO

1. Batizado/Enchido pelo Espírito. O recebimento do Espírito é chamado de “batismo” no/pelo Espírito (1Co 12.13). Algumas igrejas ensinam que os cristãos precisam de uma nova experiência com o Espírito após a conversão, uma experiência que pode incluir falar em línguas. Embora a Bíblia mencione alguns acontecimentos em que isso ocorreu (At 8.9-17; 19.1-7), esses possivelmente deveriam ser vistos como uma experiência pentecostal específica de grupos especiais para indicar que Deus os aceitava da mesma maneira que ele aceitava os judeus. Paulo ensina que pertencer a Cristo é ter o Espírito de Cristo (Rm 8.9; Ef 1.13-14).

Paulo ensina que pertencer a Cristo é ter o Espírito de Cristo

Os Irmãos Menonitas têm questionado se é justificável buscar uma “experiência” simplesmente pela experiência em si. Em vez disso, o chamado para sermos cheios do Espírito (Ef 5.18) é entendido como um chamado para submetermos cada vez mais a nossa vida diariamente ao controle do Espírito. Assim, por exemplo, um novo crente pode ter lutas com a raiva ou com o hábito da linguagem chula. Ele talvez não seja capaz de superar esse mal com seus próprios esforços. No entanto, quando essa área da vida é entregue de forma intencional, às vezes na presença de companheiros de oração e testemunhas, o Espírito Santo fortalece a pessoa para superar o hábito não cristão. Se você deseja ter mais do Espírito, submeta-se mais a ele: leia mais a Bíblia, confesse seus pecados, esteja disposto a servir a Deus e aos outros sem buscar reconhecimento etc. Ser cheio do Espírito não significa “quanto eu tenho do Espírito”, mas sim “quanto o Espírito tem de mim”. Os crentes podem dar mais espaço ou menos espaço ao Espírito em sua vida.

Ser cheio do Espírito não significa “quanto eu tenho do Espírito”, mas sim “quanto o Espírito tem de mim”.

No entanto, alguns membros de igrejas Irmãos Menonitas testificam de uma experiência na qual, não estando satisfeitos com a sua condição espiritual vigente, deram passos visando

a abrir-se ao Espírito de Deus ao confessar os pecados e pedir que o Espírito de Deus controlasse sua vida. Consequentemente, ocorreram pelo menos duas coisas: Primeiro, essa pessoa se tornou mais amorosa e demonstrou o fruto do Espírito de maneira mais constante e coerente. Segundo, onde o testemunho de Jesus Cristo era uma obrigação pavorosa, agora passou a haver nova liberdade e alegria de compartilhá-lo com os outros, sempre que o Espírito o impelisse a fazê-lo.

Podemos e deveríamos criar uma sensibilidade visando escutar o que o Espírito tem a nos dizer, sempre verificando se o que acreditamos que ele esteja dizendo condiz com a Palavra.

2. Discernindo os espíritos. Como pode alguém distinguir entre a voz do Espírito Santo as outras vozes? Os cristãos experimentam impulsos ou toques que nem sempre vêm do Espírito de Deus, mas se originam nos seus desejos humanos. De que maneira a voz de Deus pode ser distinguida da nossa própria voz ou da voz do tentador, o Diabo?

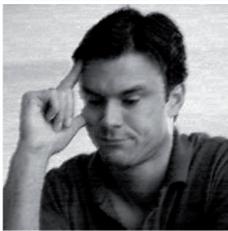
Algumas sugestões: Quando o Espírito de Deus fala com os crentes, sempre está em acordo com a Palavra de Deus. Sempre que o cristão está imerso na Palavra de Deus, fica claro se a voz interior é de Deus ou não. A história da tentação de Jesus mostra de que forma o conhecimento da Palavra de Deus pode ajudar a discernir se a voz é de Deus ou não (Mt 4.1-11).

A voz de Satanás muitas vezes é impulsiva. Essa voz interior é impaciente; a mensagem é que algo precisa ser feito imediatamente. Há uma pressa desnecessária. Em contraste, o toque interior do Espírito Santo é ponderado. A impressão de que algo precisa ser feito, como, por exemplo, falar com alguém a respeito de um assunto delicado, se torna cada vez mais forte.

3. O Espírito Santo na vida diária. Uma menina de nove anos de uma família cristã perguntou ao avô: “Como o Espírito funciona?”. O trabalho do Espírito é um mistério. Seu trabalho é como uma voz interior (embora diferente da consciência) indicando ao crente como deve pensar e agir, convencendo-o do pecado (Jo 16.7-11). Ele nos guia especialmente por meio da Bíblia, mas também por intermédio de outros irmãos e por meio da voz interior. Podemos e deveríamos criar uma sensibilidade visando escutar o que o Espírito tem a nos dizer, sempre verificando se o que acreditamos que ele esteja

dizendo condiz com a Palavra. Queremos estar abertos ao Espírito, mas não aos espíritos. Esse discernimento vem da Palavra (1Co 14.29).

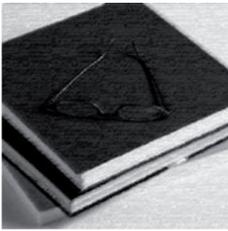
O Espírito pode trazer à mente indivíduos que precisam de uma visita ou de uma palavra de conforto. O Espírito nos capacita, às vezes de forma física, para suportarmos uma situação difícil. O Espírito capacita para o ministério de ensino, palavra, conselho ou evangelização. Certamente o Espírito nos guia nas decisões (cf. Atos 16.7). Na igreja o Espírito Santo trabalha visando à unidade (Ef 4.1-6). O Espírito trouxe avivamentos na Coreia (1903); País de Gales (1904), Índia (1904, 1907) e nos Estados Unidos (na rua Azusa, 1906). Leia novamente a seção “O que diz a Bíblia” deste capítulo para entender melhor a resposta. Observe principalmente a seção dos dons espirituais.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

1. Qual é a posição da sua igreja em relação à doutrina do Espírito Santo? Há espaço para o Espírito (como pessoa) ou somente em relação ao que ele faz (força)?
2. Os dons do Espírito existem para abençoar a igreja; no entanto, isso nem sempre ocorre. Como os dons podem ser usados para promover o Reino de Deus e gerar unidade na igreja, em vez de divisões?
3. Você concorda que “ser” (fruto do Espírito) é o fundamento para “fazer” (dons do Espírito)?
4. O Espírito tem o devido espaço na sua vida? Se você desse mais espaço ao Espírito, que mudanças poderia esperar em sua vida?
5. Certas culturas, tais como no Brasil, África e partes da Ásia, se preocupam com “espíritos” bons e maus. Onde e como

o ensino bíblico acerca do Espírito Santo se conecta com essas culturas?



PARA APROFUNDAR O ESTUDO

EDWARDS, Jonathan. A verdadeira obra do Espírito. São Paulo: Vida Nova, 1992.

GRUDEM, Wayne, o(Org.). Cessaram os dons espirituais? 4 pontos de vista. São Paulo: Vida, 2001.

LOPES, Augustus Nicodemus. O culto espiritual: Um estudo em 1 Coríntios sobre questões atuais e diretrizes bíblicas para o culto cristão. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

PACKER, James I. Na dinâmica do Espírito. São Paulo: Vida Nova, 1991.

STOTT, John R. W. 1986. Batismo e plenitude do Espírito. São Paulo: Vida Nova.

Berding, Kenneth. What are Spiritual Gifts? Rethinking the Conventional View Kregel (Trata de dons espirituais e nos convida a uma maneira mais eficiente de nos envolver no serviço a Deus).

EWERT, David. *The Holy Spirit in the New Testament*. Scottdale, PA: Herald Press, 1983. (Escrito por um renomado estudioso dentre os Irmãos Menonitas no Canadá).

WRIGHT, C. J. H. *Knowing God the Holy Spirit Through the Old Testament*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2007. (Um experiente estudioso evangélico britânico fala do Espírito Criador, do Espírito Capacitador, do Espírito Profético etc.).



CONFESSAMOS

No Pentecostes, Deus enviou o seu Espírito, que agira na criação, na capacitação dos profetas e na inspiração das Escrituras. Através do Espírito, Deus constituiu a Igreja, o corpo de Cristo, para proclamar o reinado de Deus e dar testemunho da nova

criação. O Espírito é derramado sobre todos os que recebem a Cristo, batizando e selando-os para a redenção como filhos de Deus. Todos os que crêem e confessam a Jesus como Senhor são nascidos de novo em Cristo e são batizados na água para dentro da nova comunidade da aliança, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Eles são salvos pela graça, mediante a fé para viver na prática a paz e o amor de Deus, também em circunstâncias adversas.

CAPÍTULO 5

A Igreja

Elfriede Verón (Paraguai) e Alfred Neufeld (Paraguai)

Martinho Lutero no tempo da Reforma na Europa (século XVI) descreve a igreja como o lugar em que a Palavra de Deus é pregada e os sacramentos são devidamente ministrados.

Jesus anunciou: “edificarei a minha igreja” (Mt 16.18). No Pentecostes, o Espírito Santo deu origem à igreja (At 2). O livro de Atos relata a história da igreja em ação. As cartas de Paulo são na maioria dirigidas a igrejas individuais, e mesmo o livro de Apocalipse tem mensagens para as igrejas (Ap 2.1—3.22).

A discussão continua a respeito do conceito “igreja”. Martinho Lutero no tempo da Reforma na Europa (século XVI) descreve a igreja como o lugar em que a Palavra de Deus é pregada e os sacramentos são devidamente ministrados. Os anabatistas diferiam. Eles entendiam que a igreja era essencialmente uma comunidade da aliança comprometida em seguir a Jesus.

UMA HISTÓRIA

O sr. Rodríguez veio à igreja com medos e preconceitos depois de aceitar o convite da sua família. A família tinha recentemente começado a participar de uma igreja Irmãos Menonitas. De maneira receosa, observava o que estava acontecendo. A bondade, os sorrisos e a alegria refletida no rosto das pessoas chamaram sua atenção. De acordo com o testemunho do sr. Rodríguez, que vinha de um outro pano de fundo religioso, nunca tinha visto ou experimentado tamanha alegria e amabilidade. Essa experiência o levou a voltar à igreja e finalmente a receber Jesus Cristo como seu Salvador e Senhor. Foi a igreja como uma comunidade piedosa que se tornou um fator-chave para a sua conversão.

O QUE DIZ A BÍBLIA?

Uma nova criação

Quando Deus criou o mundo, disse que era bom. Depois de

criar os seres humanos e contemplar mais uma vez a sua criação, ele viu que “tudo havia ficado muito bom” (Gn 1.31). Mas a consequência da desobediência de Adão e Eva foi que o pecado, a morte e a condenação se estenderam para toda a humanidade (Rm 5.12,18). Agora, nós seres humanos vivemos nesse estágio em que reina o pecado e a fraqueza, mas as boas novas consistem no fato de que Jesus, o Filho de Deus, entrou em nosso tempo. E a partir desse momento há somente dois tipos de tempo: o tempo antigo e o tempo novo; a era antiga e a era nova. De acordo com as Escrituras, o tempo novo da vinda do Reino de Deus definitivamente começou com o nascimento, a vida, a morte, a ressurreição e a ascensão de nosso Senhor Jesus Cristo. Ele se tornou visível no dia de Pentecostes quando o Santo Espírito de Deus foi derramado sobre os seus discípulos. Foi o dia em que a igreja nasceu. Foi o dia em que ocorreu o primeiro batismo em massa de três mil pessoas de todas as culturas, línguas e países (At 2.41). Jesus estava edificando a sua igreja como havia predito: “Edificarei a minha igreja, e as portas do Hades não poderão vencê-la” (Mt 16.18).

No Novo Testamento, encontramos muitos e diferentes tipos de ensinamentos a respeito da natureza e práticas da igreja.

Deus estava criando uma nova humanidade: a igreja. A nova criação tinha começado. A essa criação pertencem todos aqueles que creem e seguem a Cristo (2Co 5.17). Assim, esse é o tempo no qual estamos vivendo, o tempo da igreja, no qual Deus está ansioso, em virtude da sua graça, por redimir o mundo todo. É o tempo final. Depois desse tempo, não haverá mais tempo. Quando Cristo voltar, o tempo já não existirá e a eternidade estará presente. Quando Cristo retornar, o céu e a terra já não existirão e haverá uma nova realidade: o céu e a terra estarão unidos na nova criação.

Figuras da igreja

No Novo Testamento, encontramos muitos e diferentes tipos de ensinamentos a respeito da natureza e práticas da igreja. Temos a descrição da vida dessa nova comunidade em Jerusalém (At 2.43-47). Outras descrições da igreja usam metáforas e figuras. Enumeramos somente três delas; cada uma ressalta

um aspecto diferente da igreja.

Deus tem um povo

Uma das figuras mais importantes para a igreja é “povo de Deus”. Nesse sentido, a igreja sempre se sentirá ligada ao antigo Israel. O apóstolo Pedro citou de Oseias: “Antes vocês nem sequer eram povo, mas agora são povo de Deus; não haviam recebido misericórdia, mas agora a receberam” (1Pe 2.10). É pela graça, e é um privilégio e uma imensa alegria saber que nós, como crentes, pertencemos a Deus e ao seu povo. Fazemos parte do povo de Deus em todo o mundo.

Ser povo de Deus significa pelo menos duas coisas.

Ser povo de Deus significa pelo menos duas coisas. Por um lado, a igreja pertence inteiramente a Deus, que é o seu proprietário, que transmite as regras, que fixa as normas e provê a identidade. Por outro lado, a igreja é uma comunidade humana, um novo povo que está aprendendo a viver em comunidade. Por meio da comunhão entre cristãos, superamos a solidão e experimentamos força e conforto na crise. Também nos tornamos sinais de esperança e cura para a sociedade. Nessa comunidade, os pecadores experimentarão mudança e aceitação e perceberão que fazem parte de uma família.

Cristo tem um corpo

Qual é a função do “corpo”? De acordo com Paulo, o conceito de corpo salienta unidade em meio à diversidade (1Co.12.12). Cada membro é diferente, com diferentes dons. Cada um tem seu próprio lugar e função. No entanto, cada membro está ligado à cabeça, que é Cristo. Todos os membros no corpo são necessários (vv. 21-22). Todos cuidam uns dos outros (v. 25). Todos compartilham sofrimento e alegria (v. 26).

Como corpo de Cristo, somos chamados para tornar Cristo visível no mundo.

Como cristãos, somos membros do corpo de Cristo; pertencemos a Cristo, permanecemos nele e encontramos vida nele. Como corpo de Cristo, somos chamados para tornar Cristo visível no mundo. Cada um é chamado a ser um membro ativo e útil, cooperando com todo o corpo e todo o projeto que Deus prescreveu para sua igreja. Isso significa que a igreja sempre

deve apontar para Cristo, a cabeça.

O Espírito Santo tem um templo

Estruturas de igreja não são santuários no sentido literal. O Espírito Santo está presente em todos os lugares e não está preso a regiões geográficas específicas ou construções arquitetônicas. Construções são necessárias para a reunião do povo de Deus, mas é o povo de Deus que é chamado de “casa de Deus” (Hb 3.6), “santuário santo” (Ef 2.21) e “morada de Deus por seu Espírito” (Ef 2.22).

A melhor coisa é que cada indivíduo, bem como toda a igreja, é habitado pelo Espírito Santo de Deus

Os membros da igreja são “pedras vivas” (1Pe 2.5). Com essas pedras, Deus, como arquiteto principal, constrói um templo espiritual. O alicerce da construção é Jesus Cristo (1Co 3.11). Essa construção ainda não está terminada, por isso carece da beleza e perfeição que gostaríamos de ver; mas o Senhor continua edificando a sua igreja. A melhor coisa é que cada indivíduo, bem como toda a igreja, é habitado pelo Espírito Santo de Deus, e isso faz toda a diferença (1Co 3.16).

O chamado da igreja para arrependimento e reconciliação

O povo de Deus que experimentou o amor e a misericórdia de Deus encoraja cada um a dar o passo do arrependimento e da conversão. Quando o povo pediu ao apóstolo Pedro no dia de Pentecostes o que deveria fazer, Pedro respondeu: “Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos seus pecados, e receberão o dom do Espírito Santo” (At 2.38). A salvação é o dom de Deus em resposta ao arrependimento do pecador. A salvação traz em si um aspecto curador. Os anjos no céu se regozijam quando um pecador se arrepende (Lc 15.10). O nome de cada pecador arrependido, que experimentou o novo nascimento e a nova criação, está escrito no livro da vida no céu (Ap 21.27).

A salvação consiste na reconciliação entre Deus e a humanidade.

A salvação consiste na reconciliação entre Deus e a humanidade. Isto é, a pessoa reconciliada, bem como o seu povo, está integrada à vontade e identidade de Deus. Semelhantemente a Cristo, a igreja também se torna um agente de reconciliação.

O Senhor deu aos seus “o ministério da reconciliação” (2Co 5.18). É claro que essa reconciliação com Deus traz consigo a reconciliação com os irmãos na fé bem como o amor pelo próximo e até pelos inimigos. A pessoa reconciliada também tem amor especial por aqueles que rejeitam a oferta de graça e nova vida de Deus.

Resultados da reconciliação

A justiça é uma reivindicação básica no Antigo Testamento.

Justiça: Já no Antigo Testamento, Deus revelou sua vontade ao seu povo: “Ele mostrou a você, ó homem, o que é bom e o que o Senhor exige: pratique a justiça, ame a fidelidade e ande humildemente com o seu Deus” (Mq 6.8). A justiça é uma reivindicação básica no Antigo Testamento (Sl 15.1-5). Jesus, por sua vez, volta a enfatizar isso quando acusa os fariseus e escribas de terem negligenciado as questões mais importantes da lei, que são “a justiça, a misericórdia e a fidelidade” (Mt 23.23). Jesus requer um caráter reto e ações corretas em todos os relacionamentos. Deus é um Deus justo (Jo 17.25); por meio da graça, ele justifica o pecador arrependido. As pessoas justificadas dessa forma deveriam viver de maneira justa e promover a justiça.

Fidelidade: Por que ressaltamos a fidelidade? Jesus nunca prometeu uma vida sem problemas e sofrimento. Na verdade, disse: “Neste mundo vocês terão aflições; contudo, tenham ânimo! Eu venci o mundo” (Jo 16.33). Assim, Jesus chama a igreja a ser fiel em meio ao sofrimento. Sua mensagem à igreja em Esmirna foi: “Seja fiel até a morte, e eu lhe darei a coroa da vida” (Ap 2.10). Essa igreja já era uma igreja fiel. Não há aspectos negativos contra ela. Mesmo assim, Jesus prediz que experimentará sofrimento, tribulação e pobreza. Seus membros serão provados, mas ele os encoraja: sejam fiéis. A igreja, incluindo os anabatistas e a Igreja Menonita, tem passado por sofrimento. Cristo sofreu. Ele o fez por nós e mostrou como devemos enfrentar o sofrimento: “Quando insultado, não revidava; quando sofria, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga com justiça” (1Pe 2.23).

A igreja, incluindo os anabatistas e a Igreja Menonita, tem passado por sofrimento.

A disposição para o sofrimento, sendo fiel a Deus e à sua igreja

apesar do sofrimento, segue o arrependimento e a conversão genuínos. O sofrimento aproxima as pessoas mais prontamente para o círculo da comunhão em Cristo (Fp 3.10). Há recompensas (Rm 8.18). O Senhor preparou coisas maravilhosas para o seu povo fiel, incluindo um corpo perfeito e eterno. Na presença do Senhor, haverá louvor, alegria e adoração.

VIVENDO CONFORME A CONVICÇÃO

1. Sendo um mostruário da era nova de Deus

A igreja é a nova criação de Deus, a alternativa de Deus para os caminhos deste mundo. A igreja é o representante e mostruário da era nova de Deus, dos novos tempos de Deus, do novo Reino de Deus. Coisas celestiais acontecem na igreja, porque a vontade de Deus é feita ali.

A primeira coisa celestial que ocorre na igreja e por meio dela é que as pessoas são salvas. As pessoas são transformadas. Elas experimentam o perdão de Deus. Casamentos quebrados são restaurados. Pessoas violentas tornam-se mansas e sociáveis. Antigos inimigos se reconciliam. As pessoas dominadas pelo materialismo e pelo amor ao dinheiro e pelo sucesso tornam-se generosos e repartem de maneira altruísta o que são e o que possuem.

Talvez você diga: "Isso parece bom demais para ser verdade". Talvez você esteja certo. Às vezes, nossas igrejas não são muito parecidas com o céu. Às vezes, é duro ficar na igreja por causa de tantas coisas que nos entristecem e desanimam. Mas isso não muda a realidade da forma como Deus as vê. A igreja é o agente de transformação e reconciliação de Deus. A igreja é fraca e imperfeita. Mas o Espírito Santo é forte. Quando somos humildes e nos submetemos a ele, o fruto do Espírito se manifestará em nós: amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio (Gl 5.22,23). Seremos uma bênção para a nossa família, os membros da igreja, colegas de aula e todos que estão ao nosso redor.

Coisas celestiais acontecem na igreja, porque a vontade de Deus é feita ali.

Talvez você diga: "Isso parece bom demais para ser verdade".

2. Reconhecendo as fraquezas

Menno Simons, cuja liderança e testemunho serviram para dar origem às nossas igrejas, geralmente sentia-se muito fraco. As igrejas que estavam sob a sua liderança eram muito fracas e tinham muitos problemas. Menno pertencia a um movimento de renovação da Reforma Anabatista do início do século XVI da Europa continental. Naquela época, a igreja cristã tinha se identificado quase que completamente com a sociedade geral e formas seculares de superstição, de abuso do poder e de religião popular. O conhecimento da Bíblia praticamente não existia.

O Espírito Santo de Deus exalava nova vida na igreja por meio de líderes como Menno Simons e outros.

O Espírito Santo de Deus exalava nova vida na igreja por meio de líderes como Menno Simons e outros. Nos 500 anos seguintes, a igreja anabatista teve de redescobrir repetidas vezes quão fraca e vulnerável era, completamente dependente da graça de Deus e da obra renovadora do seu Espírito. Quando em 1860, a igreja dos Irmãos Menonitas começou como um movimento de renovação dentro da tradição anabatista mais ampla, novamente a lei da força e da fraqueza era evidente. A força da igreja depende da sua visão de Deus para ela. Mas a igreja sempre deve manter-se humilde, sabendo que até a volta de Cristo ela ainda não alcançou o alvo e ainda não é perfeita.

3. Experimentando a renovação

Uma igreja renovada e vital muitas vezes está na contramão da cultura vigente.

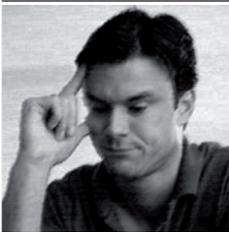
Os anabatistas voltaram a descobrir na Bíblia a visão de Deus para a igreja, bem como o caminho de Deus para a renovação pessoal. Em 1525, em Zurique, eles praticaram o primeiro batismo de crentes adultos. Eles entendiam que cada seguidor de Cristo primeiro precisa experimentar o arrependimento pessoal, o novo nascimento e a fé pessoal na graça redentora de Deus, e só depois ser incluído (de maneira visível) na comunidade da igreja por meio do batismo. Em 1527, eles escreveram a primeira confissão de fé. Nela, argumentaram a favor de uma igreja que renunciaria ao pecado e ao abuso do poder e estaria comprometida em seguir a Cristo. Essas atitudes radicais resultaram em opressão e perseguição aos anabatistas. Líderes devotos os encorajaram a permanecer fiéis e os ajudaram a se distanciar dos comportamentos e das

pessoas que desonravam a Deus. Uma igreja renovada e vital muitas vezes está na contramão da cultura vigente.

4. Amando e compartilhando generosamente com os necessitados

O resultado de ter experimentado o amor de Deus é retribuir o amor. “Nós amamos porque ele nos amou primeiro” (1Jo 4.19). O amor é o sinal do verdadeiro cristianismo (Jo 13.35). Nosso amor ao Senhor é expresso quando amamos os irmãos e amigos (Jo 15.12-13) e quando amamos nosso próximo como a nós mesmos (Lc 10.27). Mas nosso amor também deve se estender ao pobre e necessitado e mesmo aos nossos inimigos (Mt 5.44). Transgredimos a lei do amor quando não damos atenção ao pobre ou quando o desonramos ao mostrar parcialidade ao rico (Tg 2.1-9). O amor é um serviço abnegado. A igreja, o beneficiário do amor de Cristo, é chamada para ser uma comunidade de serviço. O serviço é necessário dentro da comunidade cristã, porque nela existem muitas necessidades. Mais ainda, a igreja é enviada para servir as necessidades do mundo. A igreja deve fazer a diferença para o bem na sociedade.

A igreja, o beneficiário do amor de Cristo, é chamada para ser uma comunidade de serviço.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

1. Em nossa vida diária, o que significa que Cristo é a cabeça da igreja e nós os membros do corpo de Cristo?
2. Por que é necessário, em um mundo de pluralidade e relativismo, ressaltar a mensagem de reconciliação entre Deus e os seres humanos?
3. De que maneira podemos viver e promover justiça em um ambiente dominado pela mentira, corrupção e suborno?
4. “Os propósitos da igreja são: adoração, comunhão, fortalecimento, serviço e testemunho”. Você concorda? Você acrescentaria mais alguma coisa a essa lista? Qual delas caracteriza a sua igreja?

5. A Igreja Irmãos Menonitas é forte ou fraca em seu país? Ela se amolda à cultura ou desafia a cultura? Ela é renovada ou precisa ser renovada?



PARA APROFUNDAR O ESTUDO

CLAPP, Rodney. *A Peculiar People: The Church as Culture in a Post-Christian Society*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1996. (Chama os cristãos a reivindicar sua herança como seguidores não apoietas do Caminho).

EWERT, David. *The Church, The New People of God*. Abbotsford, British Columbia, CA: HeartBeat Productions, 2004.

FAHRER, Walfred J. *Building on the Rock: A Biblical Vision of Being Church Together From an Anabaptist-Mennonite Perspective*. Scottsdale: Herald, 1995. (Preparado para líderes e pequenos grupos para o estudo da igreja principalmente como uma comunidade alternativa).

WATSON, David. *I Believe in the Church*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1979. (Estudo bíblico sólido, escrito para teólogos e leigos).

DRIVER, John. *Contra a corrente. Ensaios de eclesiologia radical*. Campinas: Cristã Unida, 1994.

HORRELL, J. Scott. *A essência da igreja. Fundamentos do Novo Testamento para a igreja contemporânea*. São Paulo: Hagnos, 2006.

STOTT, John. *Sinais de uma igreja viva. As marcas de uma igreja cheia do Espírito Santo*. São Paulo: ABU, 2006.

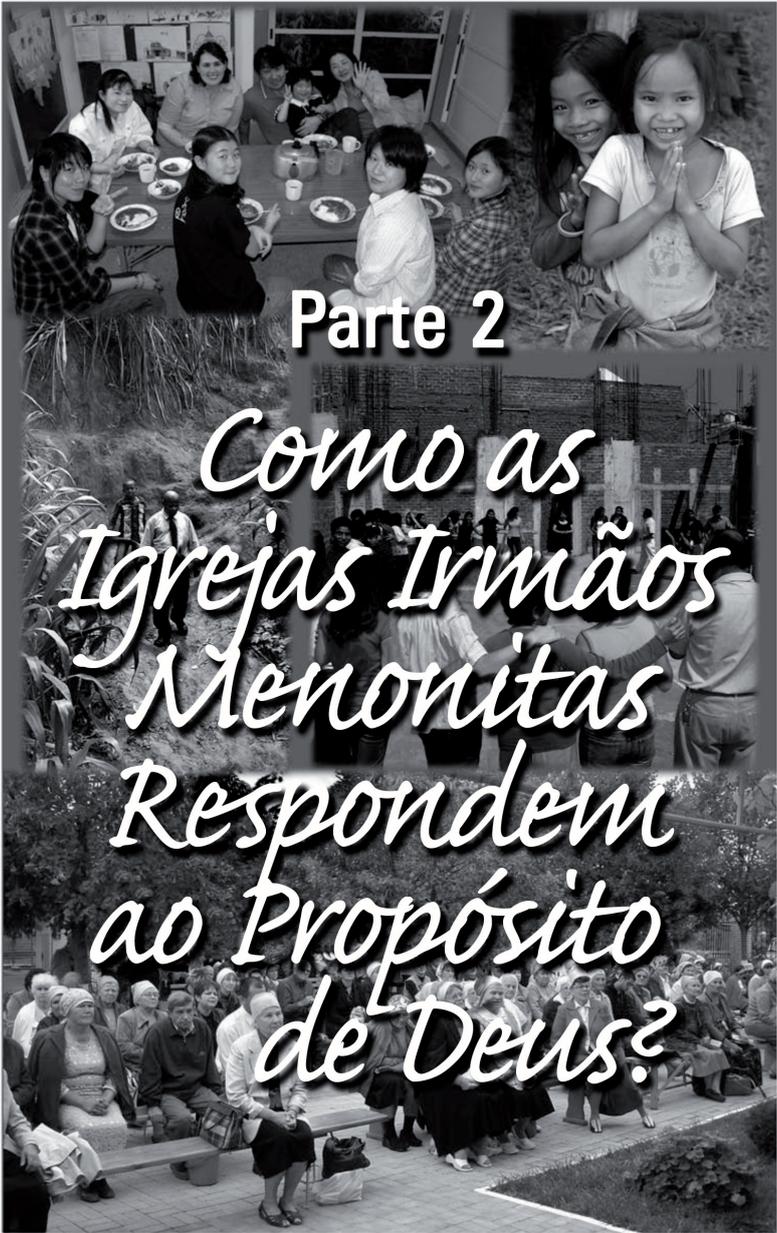


CONFESSAMOS

A Igreja é a nova criação de Deus, agente de transformação, chamada para ser modelo do plano de Deus para a humanidade. O povo de Deus chama todas as pessoas ao arrependimento e à conversão, busca promover a justiça, é fiel no sofrimento e reparte generosamente o que tem com os que estão em neces-

sidade. Ele atua como agente de reconciliação para reverter a alienação causada pelo pecado. Na Ceia do Senhor, a Igreja proclama a morte do Senhor e celebra a nova aliança.

A nova criação será concluída quando Cristo retornar. Aqueles que pertencem a Cristo ressuscitarão com um novo corpo, enquanto Satanás e todos os que rejeitaram a Cristo enfrentarão a condenação eterna. O novo céu e a nova terra existirão debaixo do reinado de Deus em eterna paz e alegria.



Parte 2

Como as Igrejas Irmãos Menonitas Respondem ao Propósito de Deus?

CAPÍTULO 6

A história dos Irmãos Menonitas

I. P. Asheervadam (Índia) e Peter Klassen (EUA)

A Igreja Irmãos Menonitas teve seu início no grande avivamento entre os menonitas no século XIX na Rússia. A Igreja Irmãos Menonitas, como um braço independente da comunidade menonita, foi fundada no sul da Rússia naquele século. Historicamente, ela está conectada ao movimento anabatista do século XVI. No documento de fundação de 6 de janeiro de 1860, os líderes do novo movimento redigiram uma declaração conclusiva e significativa: "... em todos os outros pontos da nossa confissão, concordamos plenamente com Menno Simons".¹ A conexão histórica e a identificação teológica da Igreja Irmãos Menonitas com o movimento anabatista-menonita do século XVI permaneceu uma característica básica das confissões dos Irmãos Menonitas desde então.

O MOVIMENTO ANABATISTA E O NASCIMENTO DA IGREJA MENONITA

O movimento surgiu na primeira parte do século XVI como uma reação à Reforma Luterana e a de Zuínglio. Os anabatistas receberam com agrado essas reformas, mas entenderam que eram incompletas e parciais. Os anabatistas acreditavam que as Escrituras ensinavam que o batismo deveria ser ministrado a pessoas que haviam tomado uma decisão consciente de seguir a Cristo, e não a crianças. Os anabatistas também entendiam que as Escrituras ensinavam que a Igreja e o Esta-

Os anabatistas acreditavam que as Escrituras ensinavam que o batismo deveria ser ministrado a pessoas que haviam tomado uma decisão consciente de seguir a Cristo, e não a crianças.

do deveriam estar separados. Eles também acreditavam que a comunidade de crentes, e não o Estado, deveria tratar de questões doutrinárias.

Por causa de sua visão do batismo, esses crentes foram chamados de “anabatistas”, que em grego significa “rebatizados”. É claro que os anabatistas não ensinavam o rebatismo, mas, sim, que o batismo era para quem cria. Eles preferiam simplesmente ser chamados de irmãos e irmãs. Mais tarde, muitos deles acabaram sendo identificados como “menonitas”, segundo o seu líder Menno Simons, que se uniu ao movimento em 1536 d.C.

Menno Simons era um padre católico romano ordenado, que vivia nos Países Baixos. Certo dia, enquanto estava celebrando a missa, ele questionou seriamente a doutrina católica da transubstanciação. Ao buscar uma resposta para essa e outras questões, decidiu voltar-se para as Escrituras. Após um estudo minucioso, Simons ficou convencido de que a Igreja estava errada ao ensinar que Cristo estava fisicamente presente na Ceia do Senhor. Menno Simons tornou-se estudante diligente das Escrituras e bíblicista genuíno na sua teologia.² Ele rompeu com a Igreja Católica Romana em uma declaração pública em 30 de janeiro de 1536. Durante os 25 anos seguintes, Menno Simons proveu liderança firme e heróica ao movimento. Muitas pessoas que se identificaram com essa visão bíblica, e conhecidas como menonitas,³ foram severamente perseguidas. Elas receberam o mesmo tratamento imposto por muitos Estados aos anabatistas. De acordo com o livro *The Martyrs Mirror* (O espelho dos mártires), muitos menonitas foram mortos por causa de sua fé.

A história da migração menonita para a Rússia teve seu início quando Catarina II, imperatriz da Rússia, estendeu um convite aos Menonitas e a outros grupos para estabelecer-se nos territórios recém-conquistados ao norte do mar Negro.

AS MIGRAÇÕES MENONITAS E O NASCIMENTO DA IGREJA IRMÃOS MENONITAS

Os Menonitas se mudam para a Rússia

Como os Menonitas foram parar na Rússia? A história da migração menonita para a Rússia teve seu início quando Catarina II, imperatriz da Rússia, estendeu um convite aos Me-

nonitas e a outros grupos para estabelecer-se nos territórios recém-conquistados ao norte do mar Negro. Já na metade do século XVI, muitos menonitas haviam encontrado um novo lar no delta do Vistula, no norte da Polônia. Na última parte do século XVIII, no entanto, essa parte da Polônia acabou se tornando parte da Prússia. Essa situação revogou algumas políticas (direitos), como a dispensa do serviço militar e a aquisição de mais terras, direitos que tinham sido garantidos aos menonitas pelos antigos governantes poloneses. Assim, alguns menonitas começaram a procurar por novas oportunidades de colonização.

Tal oportunidade surgiu quando Catarina II, imperatriz da Rússia, convidou os colonizadores a vir para as regiões recém-adquiridas na Rússia. Muitos menonitas de Danzig, do delta do Vistula e de outras partes do que agora era a Prússia, aproveitaram essa oportunidade e assim, no final do século XVIII, começaram a estabelecer-se no Império Russo. Logo se formaram colônias e vilas menonitas naquela região rural. Os novos colonizadores receberam terras, liberdade religiosa e inúmeros incentivos econômicos. Além disso, eles foram dispensados do serviço militar.⁴

Diante dessas condições favoráveis, o primeiro grupo de imigrantes, mais de 340 famílias, chegou à Rússia e se estabeleceu no distrito de Khortiza, nas províncias de Ekaterinoslav. O grupo grande seguinte, com mais de 360 famílias, chegou a Molochna, que se localizava aproximadamente a 120 quilômetros ao sul do distrito de Khortiza. As migrações continuaram ocorrendo para essas duas colônias menonitas, bem como para novas áreas na Rússia, até a metade do século XIX. Lentamente, mas de forma constate, esses menonitas se estabeleceram em suas novas casas e prosperaram. Ao mesmo tempo, alguns deles começaram a experimentar um vazio espiritual.

Avivamento na Rússia

Nesse contexto, Edward Wüst, sacerdote luterano, que servia uma congregação separatista na redondeza, tornou-se ami-

Quando finalmente os líderes menonitas expressaram sua desaprovação ao que consideraram tendências separatistas, os membros decidiram se separar dos outros menonitas.

go de alguns dos líderes menonitas. Ele foi convidado para pregar uma série de mensagens. Seus sermões ressaltavam o arrependimento, uma experiência de conversão e um viver santo. Também começaram a se formar grupos de estudos bíblicos e células de oração. Uma dessas células começou a se reunir regularmente para o estudo da Bíblia e oração nos sábados à tarde, para não conflitar com os cultos regulares de domingo. Esse grupo veio a ser chamado, mais tarde, de “Irmãos”, visto que se cumprimentavam mutuamente com a palavra “irmão”. Mesmo depois da morte de Wüst em 1859, esse grupo continuou a se reunir. Quando finalmente os líderes menonitas expressaram sua desaprovação ao que consideraram tendências separatistas, os membros decidiram se separar dos outros menonitas. Em uma declaração escrita, explicaram o motivo dessa ação. O novo grupo descreveu os líderes da Igreja Menonita e seus membros como não sendo suficientemente “espirituais”.⁵ A separação formal foi inspirada nos ensinamentos pietistas de Wüst, no desejo de estudar a Bíblia de forma sistemática e na esperança de se retomar a ênfase espiritual dos antigos anabatistas.

Discussões e rixas ajudaram a criar insatisfação, e alguns mencionavam um profundo vazio na vida espiritual.

Os primeiros líderes do novo movimento deixaram claro que suas ações não eram motivadas por questões doutrinárias ou em decorrência de uma disputa de poder, mas, sim, pelo desejo de experimentar uma renovação espiritual. Escritos dos primeiros líderes que descrevem o surgimento do novo movimento ressaltam a busca de uma espiritualidade mais profunda. Isso também se reflete em alguns autores posteriores, tais como Cornelius Unruh, um dos primeiros missionários na Índia. Seu artigo: “The Mennonite Brethren in Russia” (Os Irmãos Menonitas na Rússia), publicado em 1921 em Suvarthamani, a revista mensal dos Irmãos Menonitas na Índia, menciona que esses menonitas careciam de um cuidado e alimento pastoral adequado. Discussões e rixas ajudaram a criar insatisfação, e alguns mencionavam um profundo vazio na vida espiritual. Benjamim Bekker, um dos membros fundadores da Igreja Irmãos Menonitas, escreveu: “Esse grupo separado não tinha pastor ou ministro para cuidar do bem-estar espiritual deles, embora tivessem adminis-

tradores de igreja e professores de escola que liam sermões preparados aos domingos e batizavam os filhos. Visto que os membros desse grupo careciam de alimento espiritual sólido, o crescimento espiritual deles foi bastante prejudicado. Alguns deles tiveram um grande anelo por um pastor para as suas almas.⁶ John A. Toews comenta: “Os primeiros Irmãos não consideravam sua saída das Igrejas Menonitas um afastamento do verdadeiro menonitismo, mas uma volta a ele”.⁷ Assim, o contexto dos menonitas russos abriu caminho para a emergência da Igreja Irmãos Menonitas de tal maneira que o novo movimento entendia estar em plena harmonia com os ensinamentos de Menno Simons.⁸

A influência pietista é evidente na ênfase que os Irmãos Menonitas deram ao biblicismo e à espiritualidade.

Pouco mais de uma década após o seu início na Rússia, alguns membros das Igrejas Irmãos Menonitas, bem como outros menonitas, começaram a emigrar para a América do Norte, especialmente para o Meio-Oeste dos Estados Unidos. Depois da Primeira Guerra Mundial, um número significativo foi para o Canadá. Estima-se que mais de 50.000 menonitas emigraram para a América do Norte entre 1873 e 1950.⁹

MISSÃO E IRMANDADE DOS IRMÃOS MENONITAS

Evangelização na Rússia

A influência pietista é evidente na ênfase que os Irmãos Menonitas deram ao biblicismo e à espiritualidade. Semelhantemente, os impulsos evangelísticos foram sólidos entre os Irmãos Menonitas desde o início, embora a lei russa advertisse os menonitas a não converter pessoas da Igreja Ortodoxa Russa. Nos anos seguintes ao surgimento dos Irmãos Menonitas em 1860, diversos irmãos da liderança foram chamados diante das autoridades russas para defender-se das acusações de terem tentado converter trabalhadores russos. Apesar dessas advertências, alguns Irmãos Menonitas continuaram a evangelizar seus vizinhos russos. Gerhard Wieler foi preso em 1865 por batizar prosélitos da Igreja Ortodoxa na Rússia.¹⁰ Não demorou muito e os esforços missionários foram expandidos. Mesmo contando com apenas 1.800 membros, a

Igreja Irmãos Menonitas na Rússia enviou um casal missionário para a Índia em 1889.

Missionários na Índia

Essa primeira missão dos Irmãos Menonitas da América na Índia obteve um sucesso marcante e, a certa altura, tornou-se a maior conferência entre os menonitas na Índia e provavelmente também a maior na família global dos Irmãos Menonitas.

Em 1889, menos de três décadas depois da sua fundação, a nova Igreja Irmãos Menonitas da Rússia enviou Abraham Friesen e sua esposa como missionários para Hyderabad, na Índia. O sucesso de John Everet Clough, um missionário batista americano em Ongole, convenceu o jovem Friesen a optar pela Índia e a região Telugu.¹¹ No entanto, por causa da falta de recursos, a jovem Igreja Irmãos Menonitas Russa foi impedida de abrir seu próprio campo missionário e, assim, Friesen começou o seu trabalho em colaboração com os batistas americanos. Em pouco tempo, a jovem Igreja Irmãos Menonitas da Rússia enviou cerca de meia dezena de casais missionários para suprir as necessidades crescentes da obra missionária. Eles estabeleceram trabalhos missionários em Suryapet, Bohingir e Janagam e continuaram sua obra missionária até o início da Primeira Guerra Mundial. Depois da guerra, devido às dificuldades de receber recursos da Rússia, esse esforço missionário foi unido ao dos Batistas. A essa altura, eles contavam com cerca de sete a oito mil membros nessas três regiões.

A missão dos Irmãos Menonitas da Rússia começou com Abraham Friesen, mas não durou muito tempo. Mesmo assim, esse esforço acabou se tornando uma importante contribuição para animar e convidar a Igreja Irmãos Menonitas da América a vir à Índia e estabelecer sua própria obra missionária.¹² Essa primeira missão dos Irmãos Menonitas da América na Índia obteve um sucesso marcante e, a certa altura, tornou-se a maior conferência entre os menonitas na Índia e provavelmente também a maior na família global dos Irmãos Menonitas. Hoje, a liderança dos Irmãos Menonitas na Índia acredita que esse sucesso se deve ao sólido ensinamento dos Irmãos Menonitas, suas ênfases na fé e no compromisso com missões e evangelismo. Nesse desenvolvimento, a Junta de Missões e a liderança nacional da Índia têm colaborado de forma decisiva.

Missões globais

Ouvimos que os primeiros Irmãos Menonitas não sentiam paz na alma se não estivessem engajados em missões e evangelismo. Portanto, eles desenvolveram programas missionários vibrantes e deram elevada prioridade a esse tipo de trabalho. Como resultado, hoje (2007) as Igrejas Irmãos Menonitas estão presentes em mais de 20 países do mundo. A liderança teve sua origem na agência missionária norte-americana fundada em 1878 em Hillsboro, Kansas (EUA), atualmente conhecida como Mennonite Brethren Missions/Service International (MBMSI). Essa agência, comprometida em levar avante a ordem de Cristo para “discipular todas as nações”, provê assistência em mais de 27 países. Alguns dos países onde os Irmãos Menonitas fundaram igrejas são: Índia (a partir de 1889), China (1901), Congo-Zaire (1912), Paraguai (1935), Brasil (1940), Colômbia (1945), Japão (1950), Áustria e Alemanha (1953), Panamá (1958), Espanha (1976), Peru (1996) e Nicarágua (1997). As maiores conferências estão localizadas na Índia e no Congo.

Em 2004, o ICOMB preparou uma Confissão de Fé para os Irmãos Menonitas no mundo todo, que tem sido adotada pela maioria das conferências dos Irmãos Menonitas.

Na assembleia da Conferência Mundial Menonita em Winnipeg, Manitoba, Canadá, em 1990, o Comitê Internacional das Igrejas Irmãos Menonitas (Internacional Committee of Mennonite Brethren — ICOMB) foi oficialmente iniciado. O propósito da sua criação foi encorajar e fortalecer a comunhão entre as Conferências dos Irmãos Menonitas. Em 2004, o ICOMB preparou uma Confissão de Fé para os Irmãos Menonitas no mundo todo, que tem sido adotada pela maioria das conferências dos Irmãos Menonitas. Em 1999, o ICOMB organizou uma Conferência Internacional dos Irmãos Menonitas em Kansas, EUA, para celebrar 100 anos de missões dos Irmãos Menonitas. Em 2005, o ICOMB nomeou seu primeiro Secretário Executivo: Victor Wall, presidente da Conferência dos Irmãos Menonitas Germânicos do Paraguai. Em junho de 2007, em colaboração com MBMSI, Fresno Pacific University e Mennonite Brethren Biblical Seminary, o ICOMB organizou uma consulta histórica global acerca da educação superior em Fresno, Califórnia. Assim, o ICOMB, renomeado como “International Community of Mennonite Brethren” (Comunidade

de Internacional das Igrejas Irmãos Menonitas) continua em constante crescimento.

Estatística

Os dados estatísticos de membros mostrados aqui foram compilados por MBMSI/ICOMB (2007). As datas do início da obra missionária nesses países, quando apropriado, encontram-se entre parênteses.

Convenções associadas à ICOMB

Alemanha (AMBD) —	1.480
Alemanha (BTG) —	6.259
Alemanha-Baviera —	300
Angola —	4.500
Áustria (1953) —	416
Brasil (1940) —	6.000
Canadá —	36.830
Colômbia (1945) —	1.700
Congo (1912) —	91.174
Estados Unidos —	25.000
Índia (1889) —	93.992
Japão (1950) —	1.888
México —	175
Panamá (1958) —	600
Paraguai (língua alemã) (1935) —	1.769
Paraguai (língua espanhola) (1935) —	2.900
Peru (1996) —	800
Portugal —	40
Uruguai —	209

Igreja Irmãos Menonitas (Missões Recentes)

África do Norte, Burkina Fasso, Namíbia, África do Sul, Tailândia, Ásia Oriental

Países parceiros de MBMSI (relacionados aos menonitas)

Antiga União Soviética (Cazaquistão, Rússia, Ucrânia) — 4.000

Argentina — 75

Espanha — 75

Etiópia

Filipinas

Indonésia — 13.000

Lituânia — 150

Venezuela — 75

Total de membros (2007): 293.457

Confissão de Fé dos Irmãos Menonitas

Os primeiros Irmãos Menonitas, com sua asseveração de permanecer firmes na tradição de fé do seu fundador, Menno, no início usaram as Confissões de Fé então usadas pelos menonitas na Rússia.

Os primeiros anabatistas da Suíça expressaram sua fé em um documento conhecido como a Confissão de Schleithem. Michael Sattler foi o primeiro autor dos sete artigos, sancionados em 24 de fevereiro de 1527, durante uma assembleia dos anabatistas em Schleithem, uma vila fronteiriça entre a Suíça e Alemanha. Isso criou uma “união fraternal” entre os irmãos. Logo esses artigos foram copiados e circularam largamente entre as comunidades anabatistas suíças e do sul da Alemanha. Os menonitas holandeses também elaboraram diversas confissões. Mais tarde, essas confissões foram usadas por indivíduos, igrejas locais e conferências de igrejas com propósitos apoloéticos e serviram como testemunho para outros. Elas também serviram para gerar uma unidade maior entre os diversos grupos anabatistas-menonitas. Às vezes essas confissões eram usadas como declarações escritas da fé menonita quando entravam em novas terras.

Os primeiros Irmãos Menonitas, com sua asseveração de per-

Os autores também observaram expressamente que essa nova formulação de fé estava plenamente de acordo com as grandes declarações doutrinárias históricas da igreja

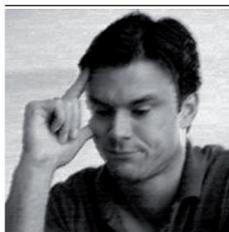
manecer firmes na tradição de fé do seu fundador, Menno, no início usaram as Confissões de Fé então usadas pelos menonitas na Rússia. Então, com o desejo de mostrar algumas particularidades distintas, Abraham Unger, um dos líderes dos Irmãos Menonitas escreveu uma nova confissão em 1876. De acordo com outros líderes, esse documento refletia uma compreensão de fé e prática particularmente batista e, assim, não foi completamente aceita. Em vez disso, os Irmãos Menonitas, em 1898, nomearam uma comissão de estudos, e em 1900, uma nova declaração confessional foi esboçada. Ela circulou nas várias igrejas dos Irmãos Menonitas na Rússia, recebeu sólida confirmação e foi publicada em 1902 (na Alemanha) como a Confissão de Fé dos Irmãos Menonitas. Os compiladores asseguraram que essa confissão estava em harmonia com as confissões menonitas anteriores. Uma menção especial foi feita ao batismo do crente, à igreja livre do controle do Estado e à recusa tradicional dos menonitas de envolvimento em guerra. Os autores também observaram expressamente que essa nova formulação de fé estava plenamente de acordo com as grandes declarações doutrinárias históricas da igreja, tal como o Credo Apostólico. O documento foi impresso primeiramente em Halbstadt, na Rússia, em 1912. Mais tarde, foi adotado e reeditado pelos Irmãos Menonitas nos Estados Unidos.¹³

Uma profunda revisão da confissão foi completada em 1975 e publicada em 1976. Essa confissão visava a dar continuidade à Confissão dos Irmãos Menonitas e enunciar as convicções doutrinárias numa linguagem contemporânea. Em algumas situações, novas declarações interpretativas foram acrescentadas e seções reestruturadas para maior clareza. A declaração acerca do amor e não resistência insistia de forma específica numa alternativa para o serviço militar.

Em 1999, depois de uma década de esboços, consultas e revisões, uma Confissão de fé substancialmente modificada e completamente reescrita foi adotada pela Conferência Geral das Igrejas Irmãos Menonitas na América do Norte. Essa confissão busca ser inclusiva em relação ao sexo, empregando

“ser humano” em vez de “homem” e deixando claro que Deus não é nem masculino nem feminino. Diversos artigos doutrinários recebem uma definição e interpretação bíblica mais clara. Em outros casos, novos artigos, como o artigo acerca do “Cristianismo e outras crenças”, refletem uma sensibilidade a realidades mutantes em nosso mundo contemporâneo. Um comentário e uma versão litúrgica da confissão são aspectos positivos acrescentados ao seu uso prático no ambiente congregacional. Essa Confissão foi submetida à ICOMB para aprovação.

As declarações confessionais mencionadas acima estão em harmonia doutrinária umas com as outras. Ao mesmo tempo, elas refletem uma percepção de sociedades e culturas em constantes mudanças. O cenário na Rússia em 1902 foi muito diferente do cenário de 1999, quando representantes do Canadá e dos Estados Unidos criaram uma Confissão que levou em conta o contexto norte-americano. Em anos recentes, as igrejas Irmãos Menonitas na Alemanha e no Japão, por exemplo, criaram sua própria Confissão para o seu contexto. A nova Confissão de Fé redigida pela ICOMB em 2004 foi intencionalmente projetada para ser relevante à comunidade de fé Irmãos Menonitas de uma perspectiva global.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

1. De que maneira a história dos Irmãos Menonitas se compara com a “história de Deus” (capítulo 1)? De que maneira essas comparações são úteis?
2. Quais motivos de gratidão a Deus você consegue enxergar nessa história? Que ideias vêm à sua mente para a celebração dos 150 anos de fundação da Igreja Irmãos Menonitas em 2010?
3. Uma ênfase ativa em missões e evangelismo caracterizou os Irmãos Menonitas no passado. Isso continua ocorrendo

no país em que você mora?

4. Quais são os benefícios em se ter uma Confissão de Fé?



PARA APROFUNDAR O ESTUDO

DUECK, Abe J. *Moving Beyond Secession. Defining Russian Mennonite Brethren Mission and Identity, 1872-1922.* Winnipeg, MB e Hillsboro, KS: Center for Mennonite Brethren Studies, 1997. (Escrito por um historiador canadense).

JOST, Lynn e FABER, Connie. *Family Matters: Discovering the Mennonite Brethren.* Winnipeg, MB: Kindred Productions, 2002. (Inclui uma seção sucinta de história).

TOEWS, John A. *A History of the Mennonite Brethren Church Pilgrims and Pioneers.* Fresno, CA: Board of Christian Literature, 1975. (Relato detalhado por um estudioso renomado).

TOEWS, Paul e ENNS-REMPEL, Kevin, eds. *For Everything a Season. An Informal History.* Winnipeg, MB e Hillsboro, KS: Kindred Productions, 2002. (Livro atraente para a mesa de centro com fotos excelentes, texto de leitura agradável, tabelas e documentos).

DYCK, Cornelius J. (Ed.) *Uma introdução à história Menonita.* Campinas: Cristã Unida, 1992.

MARTINEZ, Juan M. *História e teologia da reforma anabatista.* Campinas: Cristã Unida, 1997.

NOTAS

1. Jacob P. Bekker, *Origin of the Mennonite Brethren Church* (Traduzido por D. E. Pauls e A. E. Janzen; Hillsboro, KS: The Mennonite Brethren Historical Society of the Midwest, 1973), p. 46.
2. J. A. Toews, *A History of the Mennonite Brethren Church:*

Pilgrims and Pioneers (Fresno, CA: Board of Christian Literature of the General Conference of Mennonite Brethren Churches, 1982), p. 15.

3. P. M. Friesen, *The Mennonite Brotherhood in Russia: 1789-1910* (Fresno, CA: Board of Christian Literature, General Conference of Mennonite Brethren Churches, 1978), p. 15.
4. Bekker, *Origin of the Mennonite Brethren Church*, p. 8
5. Ver Bekker, *Origin of the Mennonite Brethren Church*, p. 43.
6. Bekker, *Origin of the Mennonite Brethren Church*, pp. 23-24.
7. Toews, *Pilgrims and Pioneers*, p. 4.
8. Bekker, *Origin of the Mennonite Brethren Church*, p. 46. Ver também p. 43: "Nós, os signatários, pela graça de Deus vemos a corrupção de toda irmandade menonita, e não podemos, por amor ao Senhor e pela nossa consciência, continuar participando dela [...] Por esses motivos, estamos nos separando completamente da igreja corrupta...".
9. Cornelius J. Dyck, *An Introduction to Mennonite History* (Scottsdale, Pensilvânia: Herald Press, 1993), p. 206.
10. Wilbert R. Shenk, *By Faith They Went Out: Mennonite Mission 1850-1999*, (Elkhart, IN: Institute of Mennonite Studies, 1999), p. 69.
11. Peter Penner, *The Russians, North Americans and Telugus: The Mennonite Brethren Mission in Índia* (Hillsboro, Kansas: Kindred Publications, 1997), p. 4.
12. Na sua primeira licença, em 1897-99, Abraham Friesen foi para a Rússia e em seguida para a América, onde exerceu um importante papel em encorajar a Igreja Irmãos Menonitas da América a iniciar a obra missionária. Na verdade, havia um interesse considerável das Igrejas

Irmãos Menonitas na América em participar da obra missionária estrangeira já em 1883.

13. Veja, H. F. Toews, "Foreword", *Confession of Faith of the Mennonite Brethren Church of North America* (Hillsboro, Kansas: Mennonite Brethren Publishing House, 1917).

CAPÍTULO 7

O povo da Bíblia

David Ewert (Canadá)

A Igreja Irmãos Menonitas surgiu a partir da comunidade menonita do sul da Rússia em 1860. Desde o início, os líderes encorajaram todos os membros a obedecer à Palavra de Deus. Dessa forma, eles imitavam seus antepassados do século XVI, os anabatistas, que eram conhecidos como “leitores radicais da Bíblia”. Hoje, mais de um século depois, o compromisso com as Sagradas Escrituras continua. Os Irmãos Menonitas confessam que as Escrituras são a sua autoridade suprema tanto na doutrina quanto na prática.

HISTÓRIAS

Na Índia, um hindu da casta brâmane (a mais elevada) ensinou a língua telegu aos missionários americanos. O livro usado para o ensino dessa língua foi a Bíblia. Ao ler a Bíblia, esse hindu começou a refletir seriamente a respeito da mensagem da Bíblia. Ele passou a crer se converteu. R. R. K. Murthy tornou-se um evangelista famoso, não somente na comunidade Irmãos Menonitas, mas além. A Palavra de Deus é o meio de Deus para levar à conversão.

A lealdade à Palavra de Deus pode ser expressa tanto por meio da palavra quanto por meio da ação de diversas formas.

A lealdade à Palavra de Deus pode ser expressa tanto por meio da palavra quanto por meio da ação de diversas formas. Deixe-me ilustrar! No começo do século XX, um alemão estudioso do Novo Testamento, Adolf Schlatter, foi convidado a se juntar ao corpo docente de faculdade teológica de Berlim. A delegação que veio entrevistá-lo perguntou se era verdade que ele “estava fundamentado na Palavra de Deus” (uma

posição nem sempre assumida naquela época). Schlatter respondeu: “Não, senhores, na verdade estou debaixo da Palavra de Deus”. Estar “debaixo” da Palavra de Deus é confessar que as Escrituras são a autoridade final.

O QUE A BÍBLIA DIZ?

A autoridade da Bíblia

Jesus Cristo ressaltou a autoridade das Escrituras quando disse: “a Escritura não pode ser anulada” (Jo 10.35). Quando tentado, Jesus usou a autoridade das Escrituras ao dizer: “Está escrito” para repreender Satanás (Mt 4.1-11). Quando os fariseus perguntaram a Jesus acerca do divórcio, ele citou a autoridade de Gênesis (2.24). Embora essa declaração de Gênesis não seja um relato de Deus falando, Jesus considerou essa palavra escrita como tendo autoridade (Mt 19.3-9).

Nossa consciência busca preservar nossas experiências, convicções e formação.

Há pessoas que dizem que todo crente deve ser guiado pela sua consciência. É claro que ter uma boa consciência é muito importante. O apóstolo Paulo conhecia pessoas que tinham abandonado sua boa consciência, e naufragado na fé (1Tm 1.19). Nossa consciência busca preservar nossas experiências, convicções e formação. Isso varia de pessoa para pessoa. O apóstolo Paulo afirmou ter uma boa consciência (1Co 4.4), mas admitiu: “nem por isso justifico a mim mesmo”.

Deus, em sua graça, nos deu o Espírito Santo para nos guiar em toda a verdade (Jo 16.13). Mas quando perguntamos como o Espírito guia os filhos de Deus, somos novamente levados às Escrituras. A palavra de Deus e o Espírito de Deus não estão em desigualdade. O Espírito guia os crentes pela palavra escrita de Deus. Se não fosse assim, crentes individuais poderiam alegar ser guiados pelo Espírito a fazer coisas que são claramente contrárias à vontade de Deus.

A Bíblia deve ser estudada no contexto da comunidade de fé.

Mas mesmo quando as Escrituras são consideradas autoridade final para os cristãos, alguns crentes individuais entendem alguns dos ensinamentos da Bíblia de maneira diferente de

outros irmãos. Por isso, a Bíblia deve ser estudada no contexto da comunidade de fé. Nosso entendimento da Palavra de Deus precisa ser testado no diálogo com outros leitores da Bíblia. Mesmo a pregação da Palavra de Deus quando o povo de Deus está reunido deve ser testada pelas Escrituras. Paulo escreve: “Não tratem com desprezo as profecias, mas ponham à prova todas as coisas e fiquem com o que é bom” (1Ts 5.20,21).

Os Irmãos Menonitas acreditam que os livros da Bíblia são inspirados por Deus, e que Deus continua falando por meio da sua palavra escrita.

Os Irmãos Menonitas acreditam que os livros da Bíblia são inspirados por Deus (2Tm 3.16, 2 Pe 1.21), e que Deus continua falando por meio da sua palavra escrita. Quando a Palavra de Deus diz que é luz (Sl 119.105) ou mesmo espada (Hb 4.12), ela está vestida de autoridade.

As Escrituras Escritas

Deus em sua misericórdia se tornou conhecido a nós seres humanos pecadores e perdidos. Deus escolheu os profetas e apóstolos para receber e registrar suas revelações e para espalhar as boas novas da salvação. Com frequência, eles compartilhavam a Palavra de Deus oralmente. Mais tarde, suas mensagens foram escritas. Na plenitude do tempo, Deus falou à humanidade por intermédio de seu Filho, Jesus Cristo (Hb 1.1-2).

Deus escolheu os profetas e apóstolos para receber e registrar suas revelações e para espalhar as boas novas da salvação.

Os livros do AT foram escritos em hebraico (algumas partes em aramaico). Os apóstolos escreveram acerca dos feitos poderosos de Jesus e dos ensinamentos maravilhosos na língua grega, uma vez que essa era a língua falada na região mediterrânea em que viviam. Apesar dos anos e da ação do tempo, inúmeras cópias dos originais foram preservadas. Antes da era da impressão no século XV, os livros da Bíblia eram copiados e recopiados à mão, e, assim, chamados “manuscritos”. Os livros hebraicos, dos quais temos menos cópias, foram copiados muito cuidadosamente, como ficou ilustrado pela descoberta dos Manuscritos do Mar Morto. Em 1947, em Qumran, perto do mar Morto, foram achados muitos fragmentos das Escrituras de livros do AT, alguns datando de cerca de 200 a.C. O mais notável de todos é o rolo completo de Isaías. Até o final do

primeiro século da era cristã, todos os livros da Bíblia tinham sido escritos.

As Escrituras traduzidas

Os primeiros missionários, como Paulo, não precisaram aprender novas línguas, enquanto proclamavam as boas novas por todo o Império Romano. A vasta maioria do povo no mundo greco-romano falava grego. O Antigo Testamento já tinha sido traduzido para o grego pelos judeus em Alexandria, antes do tempo de Cristo (essa tradução é chamada de Septuaginta), e os livros do Novo Testamento também foram originariamente escritos em grego. No entanto, nas fronteiras do mundo romano moravam pessoas que falavam outras línguas, e os missionários cristãos começaram a traduzir as Escrituras para o antigo latim e o antigo siríaco (falado hoje na região em que se encontra o Iraque atual). No delta do Nilo no Egito, o grego era bem conhecido, mas mais distante, rio acima, eram falados dialetos coptas, e isso requeria a tradução da Bíblia para esses dialetos. Ainda mais para o sul, a Etiópia também recebeu a Palavra de Deus na sua língua. No norte do império viviam os armênios, os georgianos e os godos; todos eles receberam as Escrituras em suas próprias línguas até o século IV.

Somente após a Reforma Protestante no século XVI que a Bíblia também foi traduzida para o alemão, francês, holandês, inglês, espanhol, italiano e outras línguas.

A Vulgata Latina, traduzida por Jerônimo no quarto século, dominou as igrejas ocidentais latinas na Idade Média. Somente após a Reforma Protestante no século XVI que a Bíblia também foi traduzida para o alemão, francês, holandês, inglês, espanhol, italiano e outras línguas. Então ocorreu mais uma onda de traduções bíblicas em que os missionários nos séculos XIX e XX levaram o evangelho aos confins da terra.

No surgimento da Igreja Irmãos Menonitas, a língua falada era o alemão, e a versão basicamente usada era a tradução alemã do século XVI de Martinho Lutero. Os que emigraram para a América do Norte com o tempo começaram a ler as Escrituras nas traduções inglesas. Aqueles que emigraram para a América do Sul adotaram traduções espanholas e portuguesas. Com a expansão missionária, as Escrituras hoje são lidas pelos

Irmãos Menonitas em 46 países nas mais diferentes línguas incluindo kituba (África), telegu (Índia) e japonês.

VIVENDO CONFORME A CONVICÇÃO

Nem todas as pessoas interpretam a Bíblia da mesma forma. Por quê?

Os leitores da Bíblia se aproximam das Escrituras com compreensões pré-concebidas.

1. Lentes diferentes. Os leitores da Bíblia se aproximam das Escrituras com compreensões pré-concebidas. Eles veem a palavra de Deus através das lentes das suas próprias experiências, atitudes, preconceitos, convicções e conhecimento. Em certo sentido, isso é inevitável, mas os estudantes da Bíblia devem estar conscientes dessa realidade. Juergen Moltmann, teólogo alemão, escreve: “Visto que não sou anjo mas um ser humano, minhas perspectivas são limitadas. Elas são europeias e protestantes, ocidentais e de classe média; elas são do século XX e, finalmente, são determinadas pelas minhas próprias experiências e limitações”.

Em uma conferência bíblica, os participantes, líderes africanos e missionários ocidentais, estudaram a história de José. Fez-se a seguinte pergunta: “Qual é a lição mais significativa que podemos aprender desses relatos?”. A maioria dos missionários concordou que a mensagem básica era que aonde quer que José fosse, permanecia fiel ao seu Deus. Os líderes africanos tiveram uma outra compreensão. Eles sugeriram que aonde quer que José fosse, ele nunca esquecia a sua família.

Não precisamos imitar as formas culturais na qual a palavra de Deus foi originariamente escrita.

2. Embalagem cultural. Os leitores da Bíblia nem sempre distinguem entre a mensagem da Bíblia e seu contexto cultural. A antiga revelação foi dada a um povo com cultura semítica (hebraica). Sua revelação final em Jesus Cristo foi dada em meio a uma cultura helenística (grega). O mundo da Bíblia não é o nosso mundo. Não precisamos imitar as formas culturais na qual a palavra de Deus foi originariamente escrita.

Por exemplo, os cristãos são exortados a saudar uns aos outros com um beijo santo (1Pe 5.14; 1Ts 5.26). Mas as formas

de saudação variam de acordo com a cultura: um aperto de mãos, um abraço, um encostar de narizes. Os apóstolos não introduziram uma nova forma de saudação; eles ressaltaram que a saudação fosse “santa”. Semelhantemente, quando Paulo pediu que as mulheres de Corinto cobrissem sua cabeça, ele não estava introduzindo um novo costume (1Co 11.4-7). Na verdade, ele queria que as mulheres cristãs respeitassem os costumes da sua sociedade, para que a reputação da igreja não sofresse.

Quando a figura de linguagem bíblica é usada, devemos perguntar qual verdade bíblica está sendo transmitida pela imagem em questão.

3. Literal ou figurado. Os leitores da Bíblia podem discordar sobre o que é literal e o que é figurado. Por exemplo, quando Paulo exortou os coríntios a construir com ouro, prata e pedras preciosas, em vez de madeira, feno e palha (1Co 3.12), ele não tinha em mente o sentido literal. O que ele estava dizendo era que nossas obras aqui na terra devem ser do tipo que passará pelo julgamento abrasador de Deus. Madeira, feno e palha são tipos de materiais que o fogo pode destruir. Quando a figura de linguagem bíblica é usada, devemos perguntar qual verdade bíblica está sendo transmitida pela imagem em questão. A verdade deve ser entendida literalmente, mas não a figura de linguagem.

4. Interpretação e aplicação. Os leitores da Bíblia nem sempre diferenciam entre interpretação e aplicação. Cada texto bíblico contém essencialmente um significado imutável. O leitor deve captar o significado originário, e então aplicar essa verdade à sua vida. O significado permanece constante, mas a aplicação pode variar. Quando João Batista, por exemplo, disse aos seus discípulos: “É necessário que ele cresça e que eu diminua” (Jo 3.30), essa declaração tinha um significado específico naquele contexto histórico. No entanto, quando lemos essas linhas hoje, podemos dizer a nós mesmos: Cristo deve ter importância maior em nossa vida e devemos crescer em humildade.

5. Formas literárias. Os leitores da Bíblia nem sempre distinguem entre os gêneros literários da Bíblia, tais como a narrativa, profecia, poesia, evangelho, carta ou conteúdo apocalíptico. Não podemos tratar essas diferentes formas de

expressão da mesma maneira. A literatura de sabedoria como a temos no livro de Provérbios não pode ser tratada da mesma forma que uma carta do apóstolo Paulo.

6. Contextos mais amplos. Os leitores da Bíblia às vezes falham em observar o contexto mais amplo em uma passagem bíblica específica. Palavras têm significado somente em seu contexto. Por exemplo, a palavra “espírito” em 1Coríntios 2 tem diferentes significados nesse capítulo. A proclamação de Paulo do evangelho era uma “demonstração do poder do Espírito” (2.4). O apóstolo claramente se refere ao Espírito Santo. Mas, mais adiante, ele fala do espírito que está dentro do homem (2.11). Nesse mesmo contexto, Paulo menciona “o espírito do mundo” (2.12). Em cada uma dessas passagens a palavra “espírito” tem um sentido diferente, dependendo do seu contexto.

Algumas vezes o propósito geral de um livro da Bíblia nos ajuda a entender os capítulos individuais.

Frases e parágrafos também têm seus contextos. Não podemos simplesmente tirar um versículo da Bíblia e dizer: “É isso que a Bíblia ensina”. Certamente, quando o autor de Eclesiastes diz: “O destino do homem é o mesmo do animal” (3.19), não podemos dizer que a Bíblia nos ensina que não há vida após a morte. Algumas vezes o propósito geral de um livro da Bíblia nos ajuda a entender os capítulos individuais. Por exemplo, se aceitarmos que Apocalipse é um livro que visava a consolar igrejas sofredoras, será mais fácil entendê-lo, do que se for considerado uma espécie de plano da história mundial. Outro exemplo: Paulo ressaltou que somos salvos pela graça (Ef 2.5), mas Tiago escreveu que Abraão foi salvo pelas obras (Tg 2.24). Quando essas duas declarações são consideradas em seu contexto mais amplo, os dois apóstolos estão obviamente falando a mesma coisa, pois Paulo também afirma que as boas obras são a evidência da salvação pela graça por meio da fé.

Uma vez que o Antigo Testamento também é inspirado pelo Espírito de Deus (2Tm 3.16), os leitores cristãos podem encontrar uma grande porção de alimento espiritual nele.

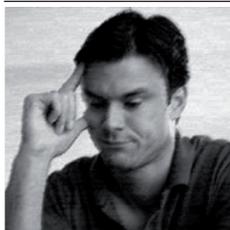
7. Antigo Testamento e Novo Testamento. Os leitores da Bíblia às vezes deixam de ver que o Antigo Testamento deve ser compreendido à luz da revelação mais completa em Cristo. Uma vez que o Antigo Testamento também é inspirado pelo Espírito de Deus (2Tm 3.16), os leitores cristãos podem

encontrar uma grande porção de alimento espiritual nele. No entanto, na história da salvação, o Antigo Testamento pertence ao período de preparação. Deus falou sua palavra final por meio do seu Filho (Hb 1.1,2). No Sermão da Montanha, nosso Senhor, após ter se referido aos textos do Antigo Testamento, diz, repetidas vezes: “Mas eu lhes digo” (e.g.: Mt 5.21,22).

As grandes leis morais de Deus, como encontradas, por exemplo, no Decálogo, são válidas para todos os tempos, mas há também muitos detalhes que Deus ordenou a Israel que deixaram de vigorar em virtude da vinda de Cristo. Os cristãos não são obrigados a seguir as práticas do antigo povo de Israel, como a adoração no templo, o sacerdócio, os sacrifícios de animais e as leis alimentares, como a proibição de comer porco. E, certamente, não deveríamos buscar apoio no Antigo Testamento para a prática da poligamia ou da guerra. O método cristológico de interpretação do Antigo Testamento não enfraquece a unidade das Escrituras. O Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó é também o Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo. Ele não apenas é o Deus de Israel, mas também do novo povo de Deus, a igreja.

O Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó é também o Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo. Ele não apenas é o Deus de Israel, mas também do novo povo de Deus, a igreja.

8. Expectativas. Os leitores da Bíblia às vezes desejam encontrar mais informações na Bíblia do que ela tinha a intenção de apresentar. A Bíblia não é uma enciclopédia; é a história da salvação. Não responde a todas as perguntas que um cientista poderá fazer. É um livro religioso que fala às necessidades mais profundas da existência humana — o problema do pecado e sofrimento, da vida e morte e do destino eterno. Assim, não devemos nos sentir constrangidos em admitir que a Bíblia não apresenta respostas explícitas a todas as perguntas que poderemos ter. Mesmo o grande apóstolo Paulo admitiu que conhecemos apenas em parte (1Co 13.9). Um dia, as limitações da nossa vida terrena terminarão, e então veremos nosso Senhor face a face. Até que esse dia chegue, desejamos continuar sendo o “povo do livro”.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO:

1. É possível ser cristão e viver como Cristo gostaria que víssemos sem uma Bíblia escrita?
2. Que método de leitura e meditação bíblica (veja SI 1.2) é mais útil na sua situação atual?
3. De que maneira a Bíblia ajuda você a encontrar o caminho quando está diante de questões cruciais da vida diária?
4. Qual é o papel da Bíblia na formação da sua mente cristã?



PARA APROFUNDAR O ESTUDO

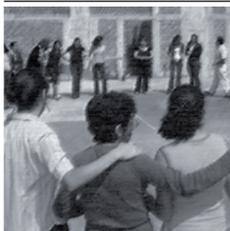
EWERT, David. *From Ancient Tablets to Modern Translations*. Grand Rapids MI: Zondervans, 1983.

EWERT, David. *How to Understand the Bible*. Scottdale: Herald Press, 2000.

MORRIS, Leon. *I Believe in Revelation*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1976.

FEE, D. Gordon; STUART, Douglas. *Entendes o que lêes?* São Paulo: Vida Nova, 1984.

STOTT, John. *Entenda a Bíblia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.



CONFESSAMOS

A Bíblia é a Palavra de Deus. Como tal ela é autoridade e guia infalível para a fé e prática.

- *Visão de mundo. A Bíblia fornece a estrutura de nossa compreensão do mundo*

- *Interpretação. A nossa interpretação é centrada em Cristo. Lemos as Escrituras da perspectiva do Novo Testamento. A pessoa, ensino e vida de Jesus Cristo dão continuidade e clareza tanto para o Antigo como para o Novo Testamento.*
- *Comunidade de interpretação. Cada cristão é incentivado a buscar a compreensão da Bíblia para discernir a vontade de Deus visando à obediência. Como o Espírito Santo está presente e se encontra ativo em todos os cristãos, lemos e interpretamos a Bíblia e suas exigências para a vida de hoje em comunidade.*

Referências bíblicas: Sl 1; 19; 119; Mt 5—7; Lc 24.27,44-49; 2Tm 3.14-17; Hb 1.1-2; At 2.42; 15.1-29; 17.11; Cl 3.1-4; 1Pe 1.10-12.

CAPÍTULO 8

O povo de um novo modo de vida

David Wiebe (Canadá)

Nós anabatistas não apenas buscamos ajudar pessoas a se converter, mas nos esforçamos para desenvolver discípulos que seguirão a Cristo de forma diligente.

A conversão, o discipulado e a renovação são fundamentais no novo modo de vida em Cristo. Os Irmãos Menonitas têm um histórico sólido nessas três áreas. Esses três aspectos foram enfatizados na reforma anabatista no século XVI.

À medida que os cristãos anabatistas deparam com o mundo, o ímpeto deles é ajudar pessoas e convertê-las do seu caminho pecaminoso para seguir a Cristo. Nós anabatistas não apenas buscamos ajudar pessoas a se converter, mas nos esforçamos para desenvolver discípulos que seguirão a Cristo de forma diligente. Desde o seu início em 1860, até hoje, os Irmãos Menonitas promovem a renovação tanto pessoal quanto congregacional.

UMA HISTÓRIA

Uma jovem malaia veio estudar em uma universidade canadense e morou com um casal cristão. Seu contato internacional sabia que a família na qual se hospedaria era cristã, e disse à família: “Ela pode viver com vocês, mas vocês não devem convertê-la”. No decorrer do ano, entretanto, a estudante

malaia começou a fazer perguntas: “Por que vocês oram? A quem vocês oram? O que vocês acreditam? De que maneira vocês criam seus filhos?”. As discussões levaram a um relacionamento profundo de afinidade entre a família anfitriã e a jovem. Após um ano, ela decidiu seguir a Cristo e começar um novo modo de vida. Ela uniu-se à igreja, aprendeu mais acerca do caminho cristão, descobriu seu dom espiritual de evangelismo e usou sua formação acadêmica para abrir portas para testemunhar de Jesus Cristo.

O QUE DIZ A BÍBLIA?

Conversão

Jesus deixou claro a Nicodemos que a conversão era possível, desde que cresse em Jesus e decidisse segui-lo (Jo 3.1-9). Jesus falou a Nicodemos acerca do dom de Deus e da importância de crer. “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16). O apóstolo João explicou o que significa crer: “Contudo, aos que o [Jesus] receberam, aos que creram em seu nome, [Deus] deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus” (Jo 1.12).

Mais uma forma de explicar a conversão é com a palavra “voltar”.

Mais uma forma de explicar a conversão é com a palavra “voltar”. Uma pessoa dá meia-volta do seu antigo modo de vida no pecado para andar no novo modo de vida de Jesus: “...como [vocês] se voltaram para Deus, deixando os ídolos a fim de servir ao Deus vivo e verdadeiro” (1Ts 1.9). A palavra “voltar” vem do Antigo Testamento. As pessoas são chamadas para voltar para Deus (Jr 4.1). Essa volta, diz Jeremias, envolve arrependimento (Jr 3.22b-24), com o claro reconhecimento do pecado (Jr 3.25b; ver At 3.19) e o abandono dos velhos caminhos (Jr 4.1). Arrependimento significa dar as costas para o mal (Jr 4.1) e voltar-se para Deus (Jr 4.2; Is 45.22). Isaías diz de maneira muito enérgica: “Que o ímpio abandone o seu caminho [...] Volte-se ele para o Senhor [...] pois ele dá de bom grado o seu perdão” (Is 55.7). A história do filho pródigo ilustra esses passos da conversão (Lc 15.18).

O carcereiro de Filipos perguntou: “Senhores, que devo fazer para ser salvo?”. A resposta foi: “Cria no Senhor Jesus, e serão salvos, você e os de sua casa” (At 16.30-31). Paulo explica que quando alguém acredita em seu coração e confessa com a sua boca, Deus garante plena aceitação (salvação) (Rm 10.9-10). Os indivíduos se voltam para Deus, e Deus opera a salvação. Entre outras histórias bíblicas de conversão temos as de Naamã (2Rs 5.15-18), Paulo (At 9.1-19) e Lídia (At 16.11-15).

O discipulado começa com uma decisão clara por Cristo e visa a incorporar o estilo de Cristo em nossa vida.

Discipulado

O discipulado começa com uma decisão clara por Cristo e visa a incorporar o estilo de Cristo em nossa vida. Envolve seguir a Jesus, tomar o jugo de Cristo, aprender dele e andar em parceria com ele (Mt 11.29-30). De acordo com as palavras de Paulo, é despir-se do velho homem e revestir-se do novo (Cl 3:5-11). Hans Denck, crente anabatista do século XVI, colocou isso da seguinte forma: “Ninguém é capaz de conhecer a Cristo de verdade se não o seguir em vida”. As instruções do Novo Testamento acerca de como um discípulo deve comportar-se podem ser agrupadas em seis grandes chamados direcionais.

Temos a certeza da salvação e entendemos que o nosso compromisso emocional deve estar acompanhado de um compromisso de crescimento intelectual e comportamento obediente.

Comprometimento básico. Cremos no Senhor Jesus Cristo como Deus “de todo o nosso coração, alma, entendimento e forças”. Temos a certeza da salvação e entendemos que o nosso compromisso emocional deve estar acompanhado de um compromisso de crescimento intelectual e comportamento obediente. Com base no texto de partida: “Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças” (Dt 6.5), entendemos que nosso amor por Deus por meio de Jesus Cristo deve crescer nessas três dimensões: emocional (ou paixão por Deus), intelectual e comportamental.

Fortalecimento espiritual. Esse é o compromisso de permanecer em Cristo e desenvolver um relacionamento crescente com Deus (Jo 15.4-5,10-11; Jr 9.23-24). O crente pratica disciplinas espirituais. O crente se esforça para conhecer melhor a Bíblia. Desenvolvemos um compromisso interior que os outros não conseguem tirar.

O testemunho busca influenciar os outros e convidá-los a seguir a Cristo

Envolvimento na comunidade. Esse compromisso requer participação na comunidade da fé e significa aprender a contribuir por meio do envolvimento voluntário, dando e apoiando os outros, desenvolvendo e usando dons espirituais (Rm 12.4-13; 1Co 12.4-11,27-30; Ef 4.11-13). Aprendemos a pensar e discernir juntos para chegar a um consenso em relação à missão de Deus na sociedade.

Testemunho. O testemunho busca influenciar os outros e convidá-los a seguir a Cristo (At 1.8). Devemos nos relacionar de maneira redentora e compassiva com os outros, persuadindo e mostrando a maneira de seguir Cristo.

Discernindo nosso lugar no mundo. Em geral, a igreja é chamada a sujeitar-se às autoridades vigentes (Rm 13.1-8; 1Pe 2.13-17). No entanto, há momentos em que devemos nos opor às estruturas e forças das instituições maiores do nosso mundo. Talvez sejamos forçados a desobedecer às autoridades, reter impostos, recusar participar da guerra, desafiar corporações, buscar justiça e enfrentar a opressão. Em outras palavras, um discípulo procura estender o shalom e a paz do Reino e aprende a praticar a ética social cristã (At 4.18-20; At 5.29; Mt 25.31-46).

Perseverança. Seguir a Cristo de maneira propositada e perseverante (Fp 3.7-14; 2Tm 4.7). Enquanto Deus nos der longevidade, nossa obediência deve ser exercida ao longo de toda a vida. O crente busca o progresso, continua aprendendo e descobre como terminar bem a sua corrida, recusando-se a relaxar à medida que o tempo vai passando.

Renovação

A renovação é necessária porque o discipulado é vitalício, e há muitas coisas que precisam ser aprendidas. Além disso, as tentações podem levar os cristãos a desviar-se do caminho e deixar de seguir a Cristo. Nossa vida espiritual começou com o trabalho renovador do Espírito Santo. “Mas quando, da parte de Deus, nosso Salvador, se manifestaram a bondade e o amor pelos homens, não por causa de atos de justiça por

nós praticados, mas devido à sua misericórdia, ele nos salvou pelo lavar regenerador e renovador do Espírito Santo, que ele derramou sobre nós generosamente, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador. Ele o fez a fim de que, justificados por sua graça, nos tornemos seus herdeiros, tendo a esperança da vida eterna” (Tt 3.3-7).

A confissão regular dos nossos pecados restaura o perdão, ensina humildade e restabelece nosso relacionamento com Deus em Cristo

Nossa vida espiritual requer renovação pessoal. “Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12.2). Os cristãos se tornam manchados pelo pecado, erros e fraquezas. A confissão regular dos nossos pecados restaura o perdão, ensina humildade e restabelece nosso relacionamento com Deus em Cristo (1Jo 1.9; Sl 51.12). O Espírito Santo nos concederá seus dons para o serviço. Um crente renovado “anda na ressurreição”.

No nível congregacional, ansiamos pela renovação e oramos por ela. O profeta Habacuque orou em relação à obra de Deus em Israel: “Realiza de novo, em nossa época, as mesmas obras, faze-as conhecidas em nosso tempo” (Hc 3.2). Uma igreja renovada é uma igreja espiritualmente vibrante, aberta ao Espírito Santo e ativa no mundo.

VIVENDO CONFORME A CONVICÇÃO

1. Conversão de crianças

Todos os exemplos de conversão no Novo Testamento são de adultos. Crianças são muito bem-vindas a tornar-se cristãs, é claro. No entanto, no processo de crescimento, elas precisam estabelecer sua própria identidade espiritual à parte da identidade de seus pais. Em alguns casos, os jovens esquecem ou deliberadamente abandonam a fé da sua infância.

Esperança e paciência, que são as duas maiores características da igreja fiel, precisam ser estendidas aos nossos jovens. A esperança promove a criatividade e incentiva a expectativa de que os jovens voltarão para Deus. A paciência nos previne de

O discipulado não pode ser realizado sozinho ou sem uma apropriada percepção de progresso.

ser críticos demais e nos ajuda a encontrar meios de mantê-los próximos mesmo quando desaprovamos suas ações. Provavelmente, deveríamos empenhar mais esforços nas nossas igrejas para alcançar e treinar as crianças.

2. Mandamentos Centrais

O discipulado não pode ser realizado sozinho ou sem uma apropriada percepção de progresso. O povo de Deus foi chamado para obedecer a dois mandamentos centrais: lembrar e andar. Somos chamados a lembrar o que Deus tem feito e a ser capazes de ensinar isso à próxima geração (Sl 78.1-4). Um chamado similar é dado aos líderes da igreja primitiva (2Tm 2.1-7).

Lembrar envolve quem Deus é e quem seu povo é. Lembramos das bênçãos (recompensa de lembrar e obedecer) e das maldições — as consequências de não lembrar, de desobedecer. Devemos lembrar tudo o que Deus nos mostrou, ensinou e ordenou.

Andar é obedecer, edificar um povo e ampliar o Reino de Deus no mundo em que vivemos. É desenvolver uma ética social cristã em que o mundo percebe como a vida funciona no Reino.

3. Modos de vida

Deus ordenou três modos-chave para propagar os mandamentos de lembrar e andar. Esses modos são: 1) ensinar de todas as formas possíveis; 2) estabelecer marcos que nos ajudem a saber onde estamos obtendo progresso; e 3) viver em comunidade — um corpo no qual aprendemos e discernimos juntos.

O ato de ensinar é crucial já que cada geração precisa aprender a história da obra de Deus no mundo.

O ensino inclui a pregação, lições em classes e cursos, contar histórias, aprendizagem e muitas outras formas de transmitir informação e verdade. O ato de ensinar é crucial já que cada geração precisa aprender a história da obra de Deus no mundo. Essa obra não é apenas acerca do povo histórico de Deus, mas também acerca do povo de Deus atual.

Marcos podem ser rituais, acontecimentos para indivíduos,

Marcos na igreja atual incluem o batismo e a Santa Ceia, além de outros eventos no calendário da igreja

acontecimentos da comunidade da fé e dias santos. Para Israel, marcos incluíam a circuncisão, a páscoa e outros encontros importantes, tais como: 1) Festa dos Pães sem Fermento; 2) Festa das Semanas e 3) Festa das Cabanas (Dt 16.1-17). Locais específicos onde Deus dava a vitória eram marcados (observe o memorial de pedras depois da travessia do Jordão, Js 4). Marcos na igreja atual incluem o batismo e a Santa Ceia, além de outros eventos no calendário da igreja — Natal, Páscoa, Pentecostes, ação de graças (Estados Unidos) e várias outras datas festivas designadas a nos ajudar a contar a história da obra de Deus no mundo, do seu povo e dos seus propósitos de redenção.

A comunidade tem sido um dos grandes modos de transmitir “como devemos viver” em cada cultura e para todas as épocas. Deus chamou Israel e identificou a comunidade como clãs e famílias. Então surgiu a igreja na forma de congregações em todo o mundo. A comunidade incorpora a história de Deus, vive a verdade e cria uma nova história da obra de Deus em cada geração. A comunidade nas suas diversas formas (pequenas e grandes reuniões, equipes de trabalho etc), trabalha para ajudar as pessoas a lembrar e andar nos caminhos de Cristo.

Esses três modos — ensino, estabelecimento de marcos e vida em comunidade — se aplicam a todas as culturas. Algumas culturas tendem a praticar um modo mais do que outro. Mas todos os três modos são necessários para desenvolver a nova maneira de viver, tanto no nível congregacional quanto no individual.

Compromissos iniciais não podem gerar a determinação e sabedoria necessárias para desenvolver uma ética social cristã, seja como indivíduo, seja como comunidade viva em determinado contexto.

4. O chamado para a renovação

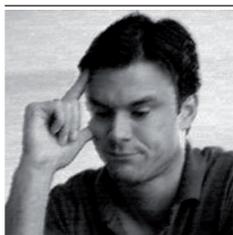
Dentro dessa estrutura persiste o chamado para a renovação contínua. Nosso primeiro compromisso não é suficiente para nos levar até o final da vida. Com o passar do tempo, enfrentamos o perigo de perder nosso primeiro amor (Ap 2.4-5). Compromissos iniciais não podem gerar a determinação e sabedoria necessárias para desenvolver uma ética social cristã, seja como indivíduo, seja como comunidade viva em determinado contexto.

Momentos especiais de renovação pessoal poderão surgir no contexto de retiros pessoais ou da comunidade, ou especialmente durante momentos poderosos de transmissão da Palavra (sermões, palestras etc.) ou por meio de um serviço específico (uma viagem missionária ou um projeto de serviço). Esses momentos se tornam marcos na vida de pessoas quando decidem andar em intimidade com Cristo.

Momentos especiais de renovação congregacional podem vir por meio de uma série de pregações com tópico específico, por meio de acontecimentos corporativos tais como oração e jejum, ou por meio de períodos de serviço e missão realizados como grupo. A renovação depende de pessoas ou de Deus? A renovação certamente é uma obra divina. Mas podemos nos preparar para a renovação, participar de atividades que levam à renovação e talvez promover a renovação por meio da obediência radical à condução do Senhor.

A renovação tem como propósito procurar seguir todos os caminhos ilustrados no Novo Testamento.

Temos o chamado de voltar ao Senhor em confissão (Sl 51), arrependimento e prática do hábito de seguir o caminho de Cristo. A renovação tem como propósito procurar seguir todos os caminhos ilustrados no Novo Testamento. Também está relacionada à submissão a Deus da forma mais profunda e radical possível, deixando os resultados e as consequências com ele (Fp 2.6-11).



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

1. Onde você foi capaz de compartilhar sua maneira de viver com alguém que não segue a Cristo? Você foi capaz de ir além “do que eu acredito” para “é assim que eu vivo”? De que maneira você responderia a alguém que, quando perguntado: “Há quanto tempo você é cristão?”, diria: “Desde que nasci”?
2. Você já pensou quanto vai custar para você pessoalmente seguir a Cristo por toda a vida? O que você tem buscado fazer para desenvolver a fé e a obediência?

3. Você já pensou acerca do desafio de seguir a Cristo como congregação? Que barreiras ao crescimento e obediência como congregação você está experimentando que precisavam ser vencidas?
4. Considere o desafio de lembrar o ensino e de andar no caminho. Que tipo de coisas, do seu ponto de vista, fazem parte de cada um desses mandamentos?
5. Reflita sobre o desafio do ensino. Quais métodos sua congregação usa para ensinar? O que você está aprendendo como indivíduo?
6. Quais marcos de fé estão presentes em sua vida? Que tipos de marcos a sua congregação oferece para os crentes crescerem na fé? Há outros tipos de marcos que você deveria considerar?
7. Considere o desafio de viver em comunidade para promover a fé. De que maneira você como indivíduo tem experimentado o benefício da comunidade? Que atividades comunitárias são intencionalmente desenvolvidas em sua congregação?



PARA APROFUNDAR O ESTUDO

OTT, Bernard, *God's Shalom Project* (traduzido por Tim Geddert, Intercourse, PA: Good Books, 2004). Originalmente, esses eram transmissões radiofônicas em alemão para novos crentes. O livro é uma publicação da Conferência Mundial Menonita e faz parte da estante de livros anabatista. Com uma visão geral da obra de Deus no mundo, o livro discute discipulado como uma maneira de viver.

YODER, John Howard. *Body politics: five practices of the Christian community before the watching world* (Nashville, TN:

Discipleship Resources, 1992). É uma excelente discussão acerca dos princípios de discipulado congregacional.

WARREN, Rick. Igreja com propósitos. Os capítulos desse livro, quase sempre se assemelham com as seis categorias de discipulado mencionadas anteriormente. A exceção é a quinta — desafiando as estruturas da sociedade por justiça e shalom.

KRAYBILL, Donald B. O reino de ponta cabeça. Campinas: Cristã Unida, 1993.

MACDONALD, Gordon. Ponha ordem no seu mundo interior. Venda Nova: Betânia, 1988.

WILLARD, Dallas. A conspiração divina. Um roteiro para trilhar no caminho de Deus. São Paulo: Mundo Cristão, 2001.



CONFESSAMOS

Povo de um novo modo de vida

Pela graça de Deus, o Espírito Santo chama pessoas para uma nova vida através da conversão, discipulado e transformação constante.

- *Conversão. A conversão cristã sempre envolve um compromisso pessoal intencional. Como cristãos somos chamados:*
 - *a mudar de um relacionamento rompido com Deus para um relacionamento pessoal com o Deus verdadeiro;*
 - *a mudar da escravidão ao pecado e aos erros do passado para a liberdade, perdão e cura.*
- *Discipulado. Em Cristo, salvação e ética andam juntas. Como cristãos somos chamados:*
 - *a mudar do individualismo para a interdependência na igreja local;*

- *a nos mostrar féis à vida e ensinos de Jesus na vida do dia-a-dia.*
- *Transformação. Cada cristão é habitado pelo Espírito Santo. Este testifica que somos filhos de Deus oferecendo purificação e transformação contínua para que possamos ser capacitados para uma vida de testemunho e serviço.*

Referências bíblicas: Is 43.1; Mc 8.34-38; Jo 1.12-13; 3.5-8; 14.15—16.26; Rm 8; 1Co 4.2; Cl 3.1-4; Tt 3.3-7.

CAPÍTULO 9

O povo da comunidade da aliança

Victor Wall (Paraguai)

No dia de Pentecostes, Deus criou a nova comunidade da aliança do Espírito. Nessa comunidade, batismo, Ceia do Senhor, comunhão com compromisso e serviço mútuo simbolizavam e tornavam concretos o que a redenção e seguir a Jesus realmente significavam.

UMA HISTÓRIA

No dia de Pentecostes, Deus criou a nova comunidade da aliança do Espírito.

Quando Johanna se tornou cristã, ela estava morando com Helmut, com quem teve três filhos, embora não fossem casados. O crescimento espiritual dela era evidente, especialmente em relação ao seu amor por Jesus. Ela foi intencional quanto à sua preparação ao batismo, dando passos pequenos, mas conscientes, de obediência visando a corrigir aspectos de sua vida passada, quando esteve longe de Deus. Estava claro para ela que precisava se separar de Helmut, visto que ele continuava tendo um relacionamento com a sua esposa. Assim, ela se mudou para o seu próprio apartamento alugado e como mãe solteira buscou um emprego para sustentar-se a si mesma e a seus filhos. A igreja generosamente foi ao encontro do seu desejo de ser batizada e a recebeu de bom grado como membro da igreja. Naturalmente, a igreja identificou-se com as angústias de Johanna e suas necessidades e também a ajudou nas despesas financeiras, colaborando no pagamento do

aluguel do apartamento e nas mensalidades escolares. Dessa forma, as crianças puderam frequentar uma escola cristã. Johanna não desapontou o seu Senhor. Ela ama sua igreja e tornou-se uma verdadeira seguidora de Jesus.

O QUE DIZ A BÍBLIA?

Jesus, como mediador da Nova Aliança, deu sua vida para o povo da aliança que Deus estava criando.

A Bíblia descreve a igreja como o povo da aliança. Deus, que iniciou a aliança, busca a comunhão com o seu povo. Ele age para o benefício dos seres humanos — na criação, no plano de redenção e nos seus atos salvíficos. Jesus, como mediador da Nova Aliança, deu sua vida para o povo da aliança que Deus estava criando. Portanto, Jesus também está no centro do relacionamento da aliança. Isso significa que a igreja não se reúne em torno de um sacramento, nem em torno do pastor ou de uma equipe de louvor, mas em torno de Jesus. Embora o sangue do nosso Senhor seja o selo da nova aliança, é o Espírito Santo que provê o selo de pertencermos à aliança. Aqueles que respondem positivamente ao convite de Deus para a salvação nascem de novo por meio do Espírito Santo e são batizados no povo da aliança de Deus. O selo que é dado aos crentes é o Espírito Santo (Ef 1.13-14) que habita neles (1Co 6.19; Rm 8.11; 2Co 6.16) e os leva a um relacionamento direto com Deus (Rm 8.14-16,26). Dessa forma, a redenção é uma questão relacional — tanto vertical quanto horizontal.

Há duas dimensões intimamente relacionadas à vida da igreja, que tiveram sua origem no Espírito de Deus e que estão centralizadas em Jesus. Isso inclui atos visíveis exteriores realizados pela igreja (At 2.37-41) e os relacionamentos de comunhão que constituem a vida da igreja (At 2.42-47).

Batismo

O que a igreja expressa com o ato altamente simbólico de batizar uma pessoa em/com água?

O batismo também é um sinal de pecado perdoado e de rompimento com o pecado.

A pessoa batizada morre em relação ao pecado e é ressuscitada para um novo relacionamento com Cristo

Sinal e figura

O batismo de crentes é a ocasião em que igreja e indivíduo confessam publicamente a fé pessoal em Jesus Cristo da pessoa que está sendo batizada. A fé pessoal, que é um pré-requisito para o batismo (Mc 16.16; At 8.37), consiste na confiança radical e exclusiva em Jesus Cristo e na sua morte redentora, na postura pessoal baseada numa decisão consciente e convicção informada e na fidelidade voluntária a Deus e aos seus planos (Hb 10.39). O batismo também é um sinal de pecado perdoado e de rompimento com o pecado. A condição desse perdão é o arrependimento genuíno, que é mostrado pelos seus frutos (At 2.38). Deus responde por meio de Jesus Cristo ao perdoar nosso pecado quando o reconhecemos e confessamos. Por meio do batismo, a igreja e o indivíduo indicam sua convicção de que a pessoa que está sendo batizada foi perdoada de todo pecado.

Por meio do poder de Deus, a pessoa arrependida entra em um novo relacionamento com Deus. De forma semelhante a um escravo que foi comprado e posto em liberdade, e não tem mais obrigações para com o seu antigo dono (Rm 6.16-23), assim também o poder de Deus liberta uma pessoa de quaisquer reivindicações feitas pelo poder do pecado. O batismo oferece uma imagem visual dessa experiência por meio do ato do sepultamento em um “túmulo de água”. A pessoa batizada morre em relação ao pecado e é ressuscitada para um novo relacionamento com Cristo (Rm 6.1-12). Dessa forma, o batismo se torna um sinal do renascimento espiritual, que o Novo Testamento também descreve como um batismo do Espírito. O batismo no e pelo Espírito e o batismo em água apontam para a mesma realidade, a realidade de nascer para uma vida nova, espiritual e eterna. O ato exterior, visível e simbólico segue a experiência interior espiritual.

Testemunho, compromisso e intenção

Por meio do batismo, o indivíduo também testemunha da intenção e do compromisso com respeito a Deus e a igreja. Quando João hesitou em batizar Jesus, Jesus disse: “Eu devo

fazer tudo o que é certo” (Mt 3.15, A Bíblia Viva). A pessoa que é batizada segue o exemplo de Jesus em obediência a Deus, e isso conduz a uma boa consciência (1Pe 3.21). Repetidas vezes no Novo Testamento encontramos pessoas que se converteram ao obedecer ao chamado de ser batizadas. Ao fazê-lo, elas se declararam prontas a viver debaixo do senhorio de Cristo. Em nenhum lugar a ordem batismal é mais claramente expressa do que na Grande Comissão (Mt 28.18-20). Para os nossos ancestrais espirituais, essa comissão de Jesus foi expressão e estratégia da obediência de sua fé.

Por meio do batismo também damos testemunho da nossa identificação com Cristo. Isso é descrito quando somos enterados (mergulhados) na água e quando ressuscitamos novamente. Mas o batismo também sinaliza a nossa entrada no corpo de Cristo, a igreja. Essa inclusão (At 2.21) expressa de modo tangível o que significa ser um com Cristo, visto que a igreja é o corpo de Cristo.

A identificação com Cristo pela sua própria natureza inclui dizer “Sim” à comunhão da aliança, de estar a caminho com outros.

A identificação com Cristo pela sua própria natureza inclui dizer “Sim” à comunhão da aliança, de estar a caminho com outros. Damos continuidade à nossa caminhada por meio do discipulado em comunhão com outros irmãos e irmãs. Nem os primeiros cristãos nem seus inimigos imaginavam possível qualquer forma de seguir a Cristo que fosse isolada da igreja.

A Ceia do Senhor

Essa celebração marcante da igreja proclama visualmente e simbolicamente uma mensagem comovente.

Sinal e figura

De acordo com as palavras de instituição, o pão e o vinho representam o corpo quebrado e o sangue derramado de Jesus (Mt 26.26-28). A igreja lembra o grande ato de amor de Jesus, e ela o faz profundamente tocada e cheia de gratidão. Em um ato de adoração, a igreja experimenta novamente o que ocorreu no Gólgota, onde o Filho de Deus sem pecado experimentou a morte vergonhosa por meio da crucificação

Reunimos-nos para receber a comunhão, sabendo e crendo que a morte sacrificial de Cristo é suficiente para perdoar os nossos pecados.

para libertar as pessoas presas ao pecado.

Preparamo-nos interiormente para participar da Ceia do Senhor (1Co 11.28). Visto que estamos conscientes da nossa pecaminosidade, não colocamos nenhum valor na nossa religiosidade, mas sim na morte de Jesus na cruz. Reunimos-nos para receber a comunhão, sabendo e crendo que a morte sacrificial de Cristo é suficiente para perdoar os nossos pecados. Isso significa que diante de Deus somos todos pecadores que experimentaram a graça de Deus.

Por meio da celebração da comunhão, a igreja anuncia esperança e serve de testemunha para Deus diante da triste situação da humanidade perdida (1Co 11.26). Ao mesmo tempo, a igreja é capaz de ver além da escuridão atual (Mt 26.29).

Testemunho, compromisso e intenção

Com atitude penitente, damos testemunho comunal da nossa experiência de sermos perdoados dos nossos pecados. Além do mais, a igreja é o contexto apropriado em que podemos ser uma comunidade do verdadeiro e genuíno arrependimento e perdão, porque conhecemos uns aos outros; por isso há menos perigo de insinceridade.

Por meio da celebração da comunhão, nós, como igreja, afirmamos estar em solidariedade com Cristo.

Por meio da celebração da comunhão, nós, como igreja, afirmamos estar em solidariedade com Cristo. Da forma como Jesus ressuscitou da morte, assim a nova vida também é uma realidade para nós. Revestimo-nos de Cristo (Gl 3.27; Rm 13.14). A atitude de Cristo também é a nossa atitude (Fp 2.5; Jo 13.1-17; Lc 9.46-48). Seu caminho também é o nosso caminho (Mt 16.24-25). Sua oração também é a nossa oração (Mt 6.9-13; Jo 17). Sua missão também é a nossa missão (Lc 4.18-21). Fazemos as coisas da forma como Jesus as faz (Jo 17.18; 20.21-22).

A celebração da comunhão é também uma expressão visível do fato de que nós como igreja pertencemos uns aos outros (At 2.42). Nossa comunhão não está baseada meramente no fato de estarmos reunidos como seres humanos, mas na Trin-

dade divina. Essa comunhão é espiritual na essência do seu ser. É uma comunhão que se torna “carne” em um contexto social (1Co 10.16).

A comunidade comprometida

A espiritualidade cristã é algo que experimentamos juntos. Seguir a Jesus de forma genuína significa que estamos a caminho juntos como irmãos e irmãs.

Fruto do Espírito

Podemos estar certos de que o Espírito Santo moldará e unirá as nossas vidas. Paulo estava muito impressionado com a comunhão espiritual da igreja de Filipos (Fp 2.1-2a). Ao mesmo tempo, ele desafiou-os a continuar a cuidar da sua vida em comum (Fp 2.2b-4). A comunhão autêntica não pode ser fabricada simplesmente por meio do esforço humano ou por regras de comportamento. Somente o Espírito Santo pode trabalhar contra todo o nosso egoísmo e proporcionar as características que contribuem para uma comunidade cristã genuína. “Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio” (Gl 5.22-23). O Espírito Santo une pessoas de diversas situações de vida, línguas e lugares de origem. Na verdade, o Espírito as batiza juntos, por assim dizer, em um corpo. Deus quer presentear cada igreja local com essa maravilhosa bênção espiritual, realizada pelo poder de Deus.

Somente o Espírito Santo pode trabalhar contra todo o nosso egoísmo e proporcionar as características que contribuem para uma comunidade cristã genuína.

Discernimento e tomada de decisão

Quando o Espírito Santo forma nossa vida comum, ocorrem resultados concretos, tanto em termos de questões éticas quanto no processo de discernimento. Precisamos reconhecer claramente que as Sagradas Escrituras são nosso ponto de referência para todas as questões de fé e prática. Mas, como então procedemos em situações em que a Bíblia não nos apresenta respostas diretas?

Encontramos um exemplo útil no Concílio de Jerusalém des-

crito em Atos 15. É importante responder questões que surgem da prática real da vida e da missão da igreja. Essas respostas devem corresponder à nossa compreensão da salvação em Jesus Cristo, e devem ser respostas que podemos aplicar de tal forma que mantenham a igreja unida à medida que nos movemos para o futuro. Vários elementos trabalham juntos aqui: a interpretação das Escrituras oferecida pelos apóstolos, a situação concreta atual na igreja, a busca de respostas juntos debaixo da orientação do Espírito Santo. É importante reconhecer que estamos falando aqui de princípios básicos, não daquelas questões que envolvem situações regionais e culturais específicas. Os resultados dessa experiência de hermenêutica (interpretação bíblica) comunal são liberdade, unidade e grande alegria.

Disciplinado e ética

A percepção espiritual traz consigo responsabilidade. Na verdade, deveríamos dizer que somente a obediência diligente pode levar à percepção profunda. Ter comunhão espiritual verdadeira significa que nos desafiamos mutuamente a fazer o bem (1Ts 5.15), a encorajar (Rm 1.12) e admoestar o próximo (Rm 15.14) e a confessar os pecados uns aos outros (Tg 5.16). O pecado atrapalha a comunhão, ao passo que o viver transparente de uns para com os outros fortalece a comunhão (1Jo 1.6,7). É sobre essa base que também praticamos o cuidado pastoral e a disciplina da igreja.

Servindo juntos

Crises na liderança fazem com que questões relacionadas à liderança da igreja se tornem a preocupação central do ministério da igreja, tanto para a igreja local quanto para os nossos centros de treinamento teológico. Porventura definimos o problema de maneira limitada demais? Será que a questão da liderança de igreja, da perspectiva do Novo Testamento, não deveria ser vista muito mais como um assunto de toda a igreja? É claro que as atribuições da liderança são questões muito importantes em cada igreja. Mesmo assim, servir uns

Ter comunhão espiritual verdadeira significa que nos desafiamos mutuamente a fazer o bem (1Ts 5.15), a encorajar (Rm 1.12) e admoestar o próximo (Rm 15.14) e a confessar os pecados uns aos outros.

aos outros encontra seu foco em uma perspectiva muito mais holística, no contexto do “sacerdócio de todos os crentes”. A igreja de Jesus Cristo é um sacerdócio real, i.e., somos todos “sacerdotes” e “reis” (1Pe 2.9; cf. Êx 19.6). Graças à redenção da igreja por intermédio de Jesus Cristo e por meio do poder da unidade da igreja com ele, nosso Grande Sacerdote, a igreja é chamada e, por meio do Espírito Santo, equipada com dons espirituais, para realizar serviços sacerdotais na igreja e no mundo. Esse ensinamento é o ponto de partida para todo o ministério na igreja.

O ensinamento de Paulo acerca da responsabilidade da liderança está intrinsecamente ligado com sua compreensão de igreja.

Dons do Espírito — Para a edificação da igreja

Nosso serviço na igreja surge da habitação do Espírito Santo. Os capítulos 12 e 14 de 1Coríntios mostram como os dons do Espírito devem ser praticados e como podem funcionar melhor em uma comunhão de membros comprometidos. Na verdade, os dons visam especificamente a edificar o corpo de Cristo. Quando interpretamos Romanos 12.1-2 em relação aos versículos seguintes (12.3-8), podemos perceber como a mentalidade do mundo contemporâneo coloca em perigo a prática de dons no estilo de Cristo. O ensinamento de Paulo acerca da responsabilidade da liderança está intrinsecamente ligado com sua compreensão de igreja (Rm 12.4-8; Ef 4.11-16). Os dons sempre implicam em responsabilidades. Eles são, de fato, dons espirituais quando são usados de tal forma que correspondam à atitude de Cristo (Fp 2.5-11).

Devemos sempre lembrar quão revolucionário esse conceito é, quando comparado com o que a sociedade ao nosso redor pensa a esse respeito. Não importa o tipo de serviço que realizamos, somos cooperadores de Deus! E isso é verdade mesmo quando nossa igreja local está passando por uma crise. Que privilégio maravilhoso poder participar do plano soberano de salvação divina.

Chamando, confirmando e comissionado para o serviço

Embora o Novo Testamento mencione muitos dons espirituais diferentes, o “ministério da Palavra” tem prioridade na edifi-

cação da igreja (1Co 14.1,3,12; 1Tm 5.17). Apóstolos, mestres, pregadores, pastores, implantadores de igrejas, missionários — todos eles são “servos da Palavra”.

Ao observar a forma como os diáconos funcionam, podemos verificar muito claramente como a prática dos dons espirituais funciona concretamente na edificação da igreja.

Os diáconos também desempenham um papel significativo no Novo Testamento. É importante observar a situação em que o ministério do diaconato surgiu (At 6.1-6). Primeiramente, percebeu-se que havia injustiça dentro da igreja, situação que foi imediatamente tratada. Em segundo lugar, as responsabilidades foram divididas para assegurar que a proclamação da Palavra não fosse prejudicada. Em terceiro lugar, toda a igreja foi envolvida no processo da escolha dos diáconos. Ao proceder dessa forma, eles contribuíram diretamente para o crescimento da igreja (At 6.7). Ao observar a forma como os diáconos funcionam, podemos verificar muito claramente como a prática dos dons espirituais funciona concretamente na edificação da igreja.

VIVENDO CONFORME A CONVICÇÃO

Como Irmãos Menonitas que receberam uma rica herança espiritual e teológica, queremos nos comprometer novamente com os desafios da koinonia (comunhão) do Novo Testamento.

1. Batismo

Nossa compreensão da redenção determina até onde enxergamos o batismo como um ato que nos conecta a uma igreja. Um “sim” para Jesus sempre inclui um “sim” para sua igreja. Não há alternativa. Seguidores de Cristo sofrerão as consequências se rejeitarem ou menosprezarem a Noiva de Cristo. A condição para viver continuamente na plenitude do Espírito Santo e no crescimento em amor é a completa participação na igreja. O batismo (i.e., nossa identificação com Cristo) e a igreja (i.e., o corpo de Cristo) andam de mãos dadas.

2. Ceia do Senhor

Celebrar a Ceia do Senhor significa dar testemunho da real possibilidade de fazer parte da comunidade humana e de vi-

A espiritualidade cristã autêntica, em harmonia com a maneira de Cristo, é nutrida pela comunhão do Espírito dentro da igreja.

ver comunidade. Aqueles que participam da Ceia dizem “sim” sem reservas aos seus irmãos e irmãs. Aqueles que se identificam com Cristo na celebração da sua Ceia somente podem fazê-lo se estiverem preparados para declarar a sua solidariedade com a sua família espiritual, a igreja (1Jo 4.19-21). Dizer “sim” ao irmão e irmã na celebração da Ceia é dizer: Sua comunidade é minha comunidade. Mas também quer dizer: suas alegrias são minhas alegrias, suas lágrimas são minhas lágrimas, sua doença é minha doença, sua pobreza é minha pobreza, sua vitória é minha vitória, seus fardos são meus fardos, e o seu amor é a minha força.

3. Comunidade comprometida

A espiritualidade cristã autêntica, em harmonia com a maneira de Cristo, é nutrida pela comunhão do Espírito dentro da igreja. A santidade bíblica é uma realidade comunal. Quando entendemos que o amor e a submissão mútuos são uma forma de preencher uns aos outros, os relacionamentos, de fato, podem crescer.

3.1 Tomada de decisão. O que torna a experiência de uma hermenêutica comunal possível é o fato de o mesmo Espírito que inspirou as Escrituras também operar em cada crente, dando percepção acerca de como as Escrituras devem ser entendidas e praticadas na vida. O teste central para a validade de cada percepção é o próprio Jesus Cristo, que é o padrão de qualquer percepção. Menno Simons disse: “Tudo deve ser julgado por meio do espírito, da palavra, dos atos e do exemplo de Cristo”.

3.2 O significado de uma Confissão de Fé. A Confissão de Fé, que é o corpo unificado de ensinamentos adotado pela ICOMB, é um instrumento para que a igreja possa crescer biblicamente. No Novo Testamento, a Confissão de Fé é uma questão de adoração, de testemunho e de ensinamento: é um esforço contínuo de construir a ponte entre fé e vida. Com uma Confissão de Fé unificada, é possível a igreja avaliar e corrigir seu ensinamento e sua vida, especialmente em tempos em que as modas teológicas passageiras e personalidades muito fortes

Com uma Confissão de Fé unificada, é possível a igreja avaliar e corrigir seu ensinamento e sua vida, especialmente em tempos em que as modas teológicas passageiras e personalidades muito fortes podem deixar a igreja vulnerável.

podem deixar a igreja vulnerável. A Confissão de Fé funciona como uma estrutura teológica para a nossa compreensão bíblica. Se a igreja se comprometer com essa expressão de fé e ensinamento, será capaz de preservar a unidade do Espírito e os elos da paz.

3.3 Verdadeira aplicação à vida. Uma declaração de fé centrada em Cristo ajuda a igreja a traduzir no viver prático a confissão da igreja de que Jesus é o Senhor. Quanto a questões éticas, nosso confronto com situações novas torna necessário estar em constante processo de discernimento da vontade de Deus. A igreja tem o poder de “ligar e desligar”. Em termos éticos, isso significa examinar, discernir e decidir (Mt 18.15-20; Jo 20.23). Em conformidade com os princípios do Reino de Deus, continuamente buscamos novos caminhos, oferecemos alternativas e removemos fardos. Quando regras anteriores da igreja se tornam ultrapassadas, a igreja libera seus membros de tais restrições.

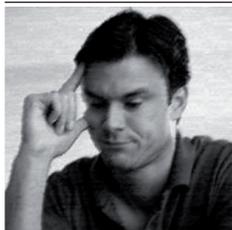
4. Servindo juntos

É no contexto da igreja local que ocorre o chamado e a comissão.

Dois conceitos básicos do Novo Testamento contribuem para a prática apropriada do serviço mútuo: o conceito de dons e o conceito de liderança. O ensinamento bíblico a respeito de dons espirituais sempre visa a toda a igreja. A liderança no Novo Testamento sempre é entendida no plural. Não encontramos na Bíblia a ideia de que uma igreja devesse ter somente um “servo da Palavra”. É no contexto da igreja local que ocorre o chamado e a comissão. A igreja deve cuidar para que todos os membros sejam encorajados a praticar seus dons e que atribuições de liderança e de proclamação não sejam exercidas de maneira autocrática ou por uma única pessoa.

Na igreja Irmãos Menonitas, com frequência praticamos a ordenação dos obreiros da igreja que servem na proclamação da Palavra. Nesse sentido, a igreja local tem uma grande responsabilidade. A igreja local deve reconhecer, chamar, comissionar e ordenar aqueles que Deus chama para serem “servos da Palavra”. Por outro lado, aqueles que sentem que Deus os está chamando para esse tipo de serviço devem buscar a

confirmação da igreja. Quando Jesus ensinou que o menor entre nós é o maior, isso certamente significa que os líderes e pregadores devem praticar a submissão mútua, servindo de modelo para a igreja.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

1. Como o batismo e a Ceia do Senhor expressam os relacionamentos de aliança em sua congregação?
2. Será que os cristãos que não foram batizados devem ser convidados para participar da Ceia do Senhor? Por quê? Por que não? O que sua resposta sugere?
3. De que maneira os relacionamentos de aliança ajudaram você no seu discipulado? De que forma eles foram um impedimento nesse discipulado?
4. De que maneira a sua igreja entende e pratica o chamado dos obreiros da igreja?
5. Será que o conhecido “sistema de um pastor” é um modelo bíblico? Ele está em harmonia com o caráter comunal da igreja? Quais alternativas seriam úteis em nossos dias?
6. Quais experiências a sua igreja teve com processos de discernimento e de tomada de decisão em conjunto?



PARA APROFUNDAR O ESTUDO

BITTLINGER, Arnold. *Gifts and Graces*. Trad. do alemão por Herbert Klassen. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1969. Ver também do mesmo autor: *Gifts and Ministries*, 1973.

ROTH, John D. *Beliefs. Mennonite Faith and Practice*. Scottdale, PA: Herald Press, 2005. (Estilo popular. Caps. 5 e 6 tratam do batismo).

SNYDER, Arnold C. *From Anabaptist Seed: The Historical Core of Anabaptist-Related Identity*. Scottsdale, PA: Herald Press, 1999.

DRIVER, Juan. *Contra a corrente: Ensaio de uma eclesiologia radical*. Campinas: Cristã Unida, 1994.

LEDERACH, Paul M. *Uma terceira opção*. Campinas: Cristã Unida, 1993.



CONFESSAMOS:

Nós somos o povo da Comunidade da Aliança. Na igreja, a comunidade da aliança, os cristãos se comprometem a adorar juntos, a orar como Jesus nos ensinou, a ter comunhão e a cuidar uns dos outros.

- *Batismo de cristãos.* Pessoas de todas as culturas, línguas e nações que estão dispostas a seguir a Jesus como discípulos obedientes confessam Jesus Cristo como Salvador e Senhor e são batizadas na água para dentro da comunhão da igreja. A Igreja Irmãos Menonitas batiza por imersão.
- *Ceia do Senhor.* Na Ceia, a Igreja se identifica com a vida de Cristo dada para a redenção da humanidade e proclama a morte e ressurreição do Senhor até que ele venha. A Ceia, realizada em memória, expressa reconciliação, comunhão, paz e unidade de todos os cristãos com Cristo.
- *Prestação de contas.* A igreja interpreta a vontade de Deus discernindo o que está certo e o que está errado. Todos os cristãos prestam contas mutuamente sobre a sua vida de fé modelada por Jesus. O propósito da prestação de contas é curar e restaurar através do arrependimento, e não castigar e condenar. A igreja exclui aqueles que regularmente desprezam a disciplina.
- *Sacerdócio universal dos cristãos.* O Espírito de Deus concede dons a todos os cristãos para o serviço, para edificar o corpo de Cristo. A Igreja identifica o chamado de Deus e reconhece

Líderes servos que equipam os membros para o ministério.

Referências bíblicas: Mt 16.13-20; 18.15-20; 28.18-20; At 2.37-47; Rm 6.3-4; 1Co 11.23-32; 12—14; Ef 4.11-16; Cl 2.12-13; Hb 10.24-25; 1Pe 2.9-10; 4.10-11.

CAPÍTULO 10

O povo da reconciliação e da pacificação

César Garcia (Colômbia)

Religiões e ideologias encontraram maneiras de justificar o uso de força física como meios legítimos de defesa ou ataque.

Como seres humanos, todos nós enfrentamos conflitos. A diversidade de culturas, maneiras de pensar e motivações humanas pode favorecer discórdias e divisões. Em muitas circunstâncias, quando o ego de uma pessoa é colocado acima dos demais, acaba fazendo com que famílias, igrejas, sociedades e comunidades optem pela violência para resolver seus conflitos. Religiões e ideologias encontraram maneiras de justificar o uso de força física como meios legítimos de defesa ou ataque. O que Jesus nos ensina a esse respeito? Será que a violência é uma opção para o povo de Deus?

HISTÓRIAS

1. No início deste século (2005), a Conferência dos Irmãos Menonitas do Congo teve problemas de liderança. Surgiram diferenças em relação à eleição de pessoas para a liderança. Houve acusações; pessoas foram magoadas. Em dado momento parecia que a convenção de cem mil membros racharia. Pakisa Tshmika e Nzash Lumeya, irmãos de outro país, reuniram os dois grupos para o debate e oração, mas não conseguiram levá-los a um acordo. A oração se esten-

deu, incluindo a comunidade global. Pascal Kulungu, um conhecido mediador, arranjou diversas reuniões. Por fim, encontrou-se uma solução. Pessoas perdoaram umas as outras. Houve um culto de reconciliação na Igreja Irmãos Menonitas de Kimpwanza no Kikwit com 400 pessoas (homens, mulheres e crianças). A confiança na liderança eleita voltou, e a igreja continuou unida. Pela graça de Deus, essa reconciliação foi uma verdadeira vitória.

2. Javier foi soldado por 30 anos. Ele alcançou um alto posto na Força Aérea Colombiana. Como soldado, foi treinado para defender o Estado contra ataques terroristas, mas como cristão via em Jesus um chamado para amar seus inimigos. Depois de um longo processo de reflexão a respeito dos ensinamentos de Jesus, Javier tornou-se um pacifista convicto. Ele chegou à conclusão de que seu estilo de vida era incompatível com sua fé em Jesus. Javier decidiu colocar sua confiança na proteção de Deus à frente de sua capacidade de defender-se a si mesmo ou atacar seus inimigos. Ele escolheu o caminho da paz, tornando-se parte do povo da reconciliação.

O QUE DIZ A BÍBLIA?

De acordo com nossa Confissão de Fé, ser povo da reconciliação é um dos meios em que nós, como Irmãos Menonitas, respondemos aos propósitos de Deus. Como igreja, temos sido reconciliados com Deus e agora temos o ministério da reconciliação (2Co 5.18-20). Esse ministério é realizado quando agimos como embaixadores de Cristo, tendo a mesma atitude de Cristo (Fp 2.5). Como uma comunidade reconciliada na qual não existe hostilidade entre culturas, níveis sociais ou sexo (Gl 3.26-29), evidenciamos o reino que proclamamos, o reino do Príncipe da Paz.

Reconciliação: um trabalho divino

Reconciliação é uma obra de Deus: Jesus tomou a iniciativa de reconciliar-nos com ele, formando uma nova humanidade

Construir a paz usando a metodologia de Jesus não é uma obra que podemos realizar com nossas próprias forças. O Espírito de Deus realiza essa obra.

na qual separação e inimizade foram destruídas (Ef 2.14-18). Construir a paz usando a metodologia de Jesus não é uma obra que podemos realizar com nossas próprias forças. O Espírito de Deus realiza essa obra (Lc 4.16-19). Devemos rejeitar a morte (nosso ego, o desprezo de outros, ganância e idolatria) e escolher a vida (amor, paz e justiça) tendo em mente que o encontro com o Senhor é o ponto inicial para uma vida em conformidade com o Espírito.

Hoje há muitas organizações que trabalham pela paz. Algumas delas fazem isso à parte da igreja e separadas de qualquer crença em Jesus. Embora valorizemos os esforços para alcançar a paz que são realizados fora da igreja, a paz duradoura pode apenas vir quando pessoas dependem de Deus e do seu Espírito. É possível ser pacificador e mesmo assim tratar os inimigos com desprezo. Mas se queremos ser semelhantes a Jesus em relação ao pacifismo, devemos nos diferenciar do restante pela nossa motivação, que implica em arrependimento genuíno e conversão.

A busca por reconciliação, na dependência de Deus, inclui as seguintes características que são encontradas somente na igreja:

- Orar por aqueles que nos perseguem não é fácil. Mesmo assim, Jesus encorajou seus discípulos a fazê-lo (Mt 5.44). A busca pela reconciliação com o próximo tem maior probabilidade de ocorrer quando oramos por ele. É difícil ser importunado por alguém por quem estamos orando.
- Servir nossos inimigos (Rm 12.20) é o convite para realizar atos que mostram que estamos buscando o bem-estar dos nossos inimigos e não a vingança.
- Retribuir o mal com o bem (Rm 12.17) é um tipo de resposta à agressão. Ser pacifista não é uma opção passiva. As Escrituras nos convidam a responder àquele que nos ataca com atos específicos que demonstram nosso amor pelo nosso inimigo.
- Buscar a paz com todos (Rm 12.18) traz consigo a ideia

As Escrituras nos convidam a responder àquele que nos ataca com atos específicos que demonstram nosso amor pelo nosso inimigo.

de sempre tomar a iniciativa quando é tempo de buscar a reconciliação. Quer sejamos os que foram atacados, quer os que atacaram, devemos sempre buscar a reconciliação com aqueles de quem nos distanciamos.

Reconciliação: Algumas Implicações

O amor ao qual somos chamados (ágape) implica em estarmos prontos para dar nossa vida pelo próximo, o que, quando se trata de nosso inimigo, é realmente um milagre.

Amar o inimigo

O Sermão do Monte nos convida a buscar o bem-estar dos nossos inimigos (Mt 5.43-48). De acordo com Jesus, é a decisão de amar nossos inimigos que torna o filho de Deus diferente de um gentil ou publicano. O amor ao qual somos chamados (ágape) implica em estarmos prontos para dar nossa vida pelo próximo, o que, quando se trata de nosso inimigo, é realmente um milagre. Somente Deus pode fazer algo dessa magnitude em nós. Dependemos do Espírito, o mesmo Espírito que sustentou a Cristo até o fim.

Perdoar o ofensor

Sacrificar-se pelo bem-estar do inimigo requer de nós a disposição de aceitar a ferida causada pelo inimigo (Mt 18.23-35). Expressar ressentimento ou desejar o mal àquele que nos machucou não evidencia a obra de Deus em nossa vida. Menno Simons dizia: “Verdadeiros cristãos não clamam: ‘Vingança! Vingança!’ como o mundo o faz; em vez disso, preferem pedir em oração, como fazia Jesus: ‘Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo’”.

Disposição para o sofrimento

O termo geralmente usado pelos anabatistas para “paz” era “não resistência”, baseado nas palavras de Jesus: “Não resistam ao perverso” (Mt 5.39). A não resistência fazia parte do discipulado e inevitavelmente incluía o sofrimento, como aconteceu no caminho da cruz. Renunciar a nossos próprios interesses, nosso bem-estar ou nossos direitos para agir a favor dos nossos inimigos pode resultar em perda própria (1Pe 2.19-23), assim como ocorreu na vida de Dirk Willems (1569),

um de muitos mártires anabatistas do século XVI. Willems estava escapando da prisão quando seu perseguidor caiu em um rio congelado. Willems desistiu de sua liberdade para salvar seu perseguidor. Jesus disse aos seus discípulos: “Tome a sua cruz e siga-me” (Mt 16.24).

Todos os seguidores de Jesus são chamados para ser pacificadores nos conflitos que enfrentam dia a dia.

Todos os seguidores de Jesus são chamados para ser pacificadores nos conflitos que enfrentam dia a dia. Isso significa que em nossos relacionamentos com nossa esposa, na educação dos filhos, nos problemas familiares, em questões legais, na vida da igreja, nas diversas ideologias e pontos de vista políticos e nas ameaças que herdamos em um mundo como o nosso, Jesus nos chama a seguir seu exemplo e métodos. Somente dessa maneira podemos construir a paz que vem de Deus. Somente então seremos abençoados (Mt 5.9). A reação de um crente a qualquer conflito não deve ser violenta. Uma atitude de reconciliação implica da nossa parte na decisão de amar nossos inimigos e perdoá-los. Procurar o bem nos outros, como Jesus o fez, pode nos levar ao sofrimento. Estar disposto a pagar um preço assim faz parte da nossa decisão em seguir nosso Mestre.

VIVENDO CONFORME A CONVICÇÃO

Ser povo da reconciliação, pacificadores à maneira de Jesus, gera algumas perguntas. Sem a pretensão de dar respostas fáceis, apresentamos algumas considerações aqui:

1. O Antigo Testamento valida o uso da força?

Em primeiro lugar, é necessário deixar claro que o modelo que seguimos é Cristo, não o Antigo Testamento. Interpretamos o AT tendo como base o modo como Cristo o interpretou. Suas palavras e vida não deixam dúvida alguma de que o pacifismo é da vontade no nosso Senhor. Apesar de podermos encontrar passagens no AT que consideramos difíceis de interpretar porque aparentam sustentar o uso da violência, também encontramos textos que expressam que no Reino de Deus o modo de paz é a vontade de Deus (Sl 37.14-15; 46.9; Is 2.4; 60.18). Nas palavras de Agostinho de Hipona, os textos

obscuros devem ser interpretados daqueles que estão claros.

2. Como nos relacionamos com governos que promovem uma resposta armada aos conflitos?

Jesus disse com toda a clareza que seu Reino não é deste mundo (Jo 18.36). Precisamos evitar a tentação de comparar os governos humanos com o Reino de Deus. Tendo em mente que somos peregrinos e estrangeiros (Hb 11.8-16; 1Pe 2.9,11; Fp 3.20), devemos ter cuidado ao prestar nosso apoio a governantes que reagem a conflitos de forma diferente do modo de Jesus. Uma vez que não podemos esperar que governos humanos reajam como os seguidores de Cristo, é inconsistente em relação à nossa fé apoiar governos, que fazem o que nos recusamos a fazer devido à nossa convicção bíblica.

Naqueles países onde as leis permitem o serviço social como alternativa ao recrutamento militar em tempos de guerra, as igrejas são chamadas a providenciar oportunidades de serviço visando assistir crentes que escolheram o caminho da paz. Apoiar causas e personalidades nacionalistas não é a melhor maneira de amar nossos inimigos. Por outro lado, não fazer nada em tempos de conflito também não é o modo cristão. Jesus nos chamou a sermos pacificadores, e isso implica no envolvimento ativo na busca da paz.

Jesus nos chamou a sermos pacificadores, e isso implica no envolvimento ativo na busca da paz.

3. O que acontece com os soldados que resolvem seguir a Cristo?

Assim como Jesus recebeu e amou o centurião romano (Mt 8.5-13), também devemos mostrar amor aos soldados. Devemos mostrar misericórdia, tendo em mente que não é fácil vir a conhecer o Príncipe da Paz depois de seguir um caminho definido pela disciplina/ordem militar. Alguns poderão escolher permanecer nas forças armadas como testemunhos do Deus de paz e se recusar a atacar seus inimigos. Outros preferirão abandonar sua carreira militar. Nos primeiros 400 anos da história da igreja é incomum encontrar crentes que escolheram o serviço militar após terem se comprometido com o discipulado de Cristo.

Aqui está uma informação atualizada de Javier, o oficial militar colombiano que se tornou seguidor de Jesus e do seu caminho de paz. Javier renunciou ao seu alto cargo na Força Aérea de seu país para tornar-se o pastor titular de uma congregação em Bogotá. Hoje ele faz parte de uma equipe pastoral de outra congregação. Ele é dono da uma grande fazenda que busca oferecer justiça social às pessoas mais pobres da Colômbia por meio de projetos de desenvolvimento educacional e social. Javier usa sua fazenda para proclamar as boas novas da paz de Deus aos seus trabalhadores na fazenda e a outros fazendeiros. Javier também busca ensinar o pacifismo em igrejas evangélicas da Colômbia.

4. E quanto aos impostos arrecadados para fins militares?

O dinheiro é a forma de alguém ser pago ou reembolsado pelo tempo que investiu em determinado trabalho. O dinheiro chega a representar a vida dedicada a determinado projeto. Essa é uma das razões por que damos parte do nosso rendimento à obra de Deus. Estamos dando parte da nossa vida a algo que estamos dispostos a dar a própria vida.

Caso isso seja verdade, sustentar com nossas finanças a qualquer propósito militar é algo que deveria nos incomodar. Em países em que existe a alternativa ao “imposto da guerra”, alguns Irmãos Menonitas decidiram buscar seus direitos para que seus impostos sejam direcionados somente para propósitos não militares. Em outros lugares, essas opções legais ainda não são possíveis.

5. É realista ser um pacificador?

A não resistência implica em renunciar ao uso de armas e ao direito da autodefesa, e assim depositar a nossa segurança nas mãos de Deus. Isso nem sempre é fácil. Mesmo assim, ao longo da história, os pacificadores têm demonstrado que esse modo de vida traz bons resultados, mesmo que para muitos tenha custado a própria vida seguir o caminho de Cristo. Somos pacificadores não porque isso traga bons resultados em termos humanos, mas porque Jesus era pacificador.

Ao longo da história, os pacificadores têm demonstrado que esse modo de vida traz bons resultados, mesmo que para muitos tenha custado a própria vida seguir o caminho de Cristo.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

1. Uma vez que o pacifismo está intimamente ligado à justiça (Is 32.17), o que podemos fazer como o povo da reconciliação para promover justiça em nosso contexto? O que podemos fazer como uma família da fé presente em todo o mundo?
2. Quais atitudes concretas precisamos demonstrar para ser pacificadores no meio de conflitos presentes nas seguintes áreas:
 - a. Na família (como casal e como pais criando filhos)?
 - b. Na igreja (entre líderes e membros)?
3. Quais são as implicações do fato de que temas como missão, o testemunho de paz, a família e o Estado aparecem juntos na nossa Confissão de Fé sob o título "Povo da Reconciliação"?
4. Relate incidentes em sua vida em que você agiu como pacificador, seguindo o exemplo de Jesus.
5. Relate uma história inspiradora acerca de outros cristãos que pelos seus atos nos encorajam no caminho da paz. Se você não conhece esse tipo de histórias, você pode encontrá-las no livro: *Martyrs Mirror (Espelho dos mártires)*. Ver também o antigo e excelente *O livro dos mártires*, John Fox (São Paulo: Mundo Cristão, 2003), publicado originalmente em latim em 1559.
6. Qual é a importância do testemunho de paz em uma missão transcultural? Pense em algumas implicações em apresentar o evangelho de paz por meio da não resistência e do amor aos inimigos no contexto do islamismo.
7. O sexto artigo da Confissão de Schleithem (1527) declara:

A espada é uma ordem de Deus fora da perfeição de Cristo. As autoridades seculares foram estabelecidas para empunhar a espada. Mas na perfeição de Cristo (a igreja) a espada não pode ser usada para a defesa pessoal, nem para defender a sua fé, nem para resolver diferenças ou exercer autoridade sobre outros [Texto adaptado pelo autor].

De que maneira esse artigo se assemelha à Confissão de Fé dos Irmãos Menonitas? Há diferenças? Quais aspectos desse artigo são semelhantes à Confissão de Fé dos Irmãos Menonitas de Schleithem? Por quê?



PARA APROFUNDAR O ESTUDO

JANZEN, Ernst W. *Conflitos: Oportunidade ou perigo?* Curitiba: Esperança, 2007.

KREIDER, Alan; KREIDER, Eleanor; WIDJAJA, Paulus. *A culture of peace: God's vision for the church*. Intercourse, PA: Good Books, 2005. Discute o conceito de paz da perspectiva do Novo Testamento e suas implicações na sociedade, na igreja e nas relações internacionais.

LEDERACH, John P. *Journey toward reconciliation*. Scottsdale, PA: Herald Press, 1999. Conta muitas histórias. Útil.

ROTH, John D. *Choosing against war: A Christian view. "A love stronger than your fears"*. Intercourse, PA, Good Books, 2002. Convida a considerar o pacifismo mesmo admitindo humildemente as dificuldades desta posição.

SCHROCK-SHENK, Carolyn; RESSLER, Lawrence. *Making peace with conflict: Practical skills for conflict transformation*. Scottsdale, PA: Herald Press, 1999.

TOEWS, John E.; NICKEL, Gordon (Ed.) *The power of the Lamb*. Winnipeg, MB: Kindred Press, 1996. Uma coletânea de artigos sobre guerra e paz da perspectiva anabatista.



CONFESSAMOS

Nós somos o povo da reconciliação

Jesus veio anunciando o Reino de Deus. A igreja é chamada a participar na missão de Deus.

- *Missão. Cristo comissionou a Igreja para fazer discípulos de todas as nações, batizando-os e ensinando-os a obedecer a todos os seus mandamentos. Jesus ensina que os discípulos devem amar a Deus e a seu próximo, anunciando as Boas Novas e praticando amor e compaixão. Como Jesus é o único caminho para a salvação, o imperativo do evangelismo vale para todos os cristãos.*
- *Testemunho de paz. Paz e reconciliação estão no cerne do evangelho de Cristo. Jesus chama a comunidade de fé a ser pacificadora em todas as circunstâncias. Cremos que a paz com Deus inclui um compromisso com o padrão de reconciliação modelado pelo Príncipe da Paz. Como cristãos, somos chamados a mudar:*
 - *da escolha de estilos de vida que nos prejudicam para escolhas que nutrem a integridade, cura, alegria e paz;*
 - *do ódio aos inimigos e da indiferença para com o próximo para mostrar amor e justiça a todos.*
- *Família. Deus abençoa o celibato [vida de solteiro], o casamento e a família. Deus chama todas as pessoas para uma vida sexual pura. O casamento é uma aliança para a vida toda entre um homem e uma mulher. Pais comprometidos com Deus instruem seus filhos na fé. A igreja nutre a vida familiar e faz todos os esforços para levar reconciliação a relacionamentos perturbados.*
- *Governo. Deus concedeu ao estado a responsabilidade de promover o bem-estar de todas as pessoas. Os seguidores de Cristo respeitam e oram pelas autoridades governamentais, mas resistem à tentação de dar ao estado a devoção*

que pertence somente a Deus. O compromisso primordial dos cristãos é com o Reino de Cristo e a sua igreja global. Em cada nação e sociedade os cristãos cooperam uns com os outros para defender os fracos, reduzir conflitos, cuidar dos pobres e promover a justiça, a paz e a verdade.

Referências bíblicas: Mt 5—7; 22.34-40; 28.18-20; Lc 4.18-19; 10.25-37; Rm 12.17—13.10; 2Co 5.17—6.2; Ef 2; 5.21—6.4; 1Tm 2.1-6; Tg 2; 1Pe 2.21-25.

CAPÍTULO 11

O povo com uma missão e esperança

Nzash Lumeya (Congo) e P. Menno Joel (Índia)

A Confissão de Fé confirma o compromisso da nossa família global de testemunhar diariamente do amor de Deus. Como a Confissão relata: “Confiante nessa esperança, a igreja se envolve na missão até a volta de Cristo”. Os anabatistas do século XVI foram o grupo de maior ímpeto e envolvimento missionário de toda a Reforma. Desde o seu início em 1860, a Igreja Irmãos Menonitas deu grande importância a missões, inicialmente à vizinhança na Rússia e logo (1890) ao enviar um casal missionário, Abraham e Maria Friesen, à Índia para trabalhar no campo de Nalgonda.

DUAS HISTÓRIAS

Deevanamma era pobre, vivia em uma pequena casa com seu filho e não tinha posição algum na sociedade.

Da Índia: O missionário J. H. Pankratz foi a uma vila remota na Índia para pregar o evangelho. Depois de ouvir essa mensagem, Deevanamma, uma viúva, aceitou a Jesus Cristo como seu Senhor. Ela era pobre, vivia em uma pequena casa com seu filho e não tinha posição algum na sociedade. Nas visitas subsequentes, o evangelista percebeu a situação desse menino que não podia ir à escola. Ele viu um futuro no menino e o levou para uma escola de missões. Mais tarde, esse jovem,

Josué, tornou-se pastor.

Na sua visita a muitas vilas, o pastor Josué viu inúmeros meninos e meninas trabalhando para proprietários ricos, mas destituídos da educação básica. Esse jovem pastor, tendo experimentado uma infância semelhante, mas agora instruído e transformado pelo evangelho, tinha esperança para essas crianças. Tendo em mente a promessa de que “a verdade os libertará” (Jo 8.32), o pastor levou esses meninos e meninas a um albergue onde teriam a oportunidade de ser instruídos e ouvir o evangelho. Esse pastor enfrentou muita oposição, ameaças e acusações de tráfico de crianças dos antigos patrões das crianças e mesmo das próprias famílias. Alguns amaldiçoaram o pastor, desejando a sua morte. Mas o pastor manteve a esperança e foi zeloso em participar da missão da igreja para melhorar a vida dos pobres.

Depois de terminarem os seus estudos, suas vidas haviam mudado na área espiritual, social e econômica.

Com o passar dos anos, esses jovens aceitaram a Cristo como seu Senhor e Salvador e encontraram a verdadeira liberdade. Depois de terminarem os seus estudos, suas vidas haviam mudado na área espiritual, social e econômica. Alguns se tornaram enfermeiras, professores, pastores ou adotaram outra profissão. Shantamma tornou-se professora e evangelista dos Irmãos Menonitas nas vilas der Manchala, Khanapur e Agapally do campo Hughestown. P. Simon e B. John tornaram-se pastores. Seus filhos, P. Dayanandam e B. Joseph, também se tornaram pastores, servindo ao Senhor.

Da República Democrática do Congo (R.D.C.). A década de 1990 foi um período de provação para a RDC e para a Igreja Irmãos Menonitas. O panorama sóciopolítico e espiritual do Congo havia mudado muito. Na área política, tinha chegado ao fim uma ditadura que já durava 32 anos. Em 1997, o nome do país foi mudado de Zaire para República Democrática do Congo. Um ano depois, a invasão de um exército estrangeiro destruiu a economia nacional. Assim, os tempos eram incertos. Os Irmãos Menonitas foram desafiados a repensar sua identidade missionária. A compreensão da missão cristã foi renovada. Uma missão teológica recém-concebida mobilizou a igreja a usar seus recursos humanos e espirituais para es-

A prática de compaixão e da proclamação de Cristo ao redor do mundo se origina da sua leitura do Antigo e Novo Testamento.

palhar as Boas Novas de Jesus Cristo em casa e também no exterior.

Os Irmãos Menonitas criaram uma escola de missões, um escritório de missões nacional e uma agência de envio missionário. Esses missionários estão agora servindo em sete países na África, Europa e América do Norte. O ministério deles é holístico — tanto espiritual quanto social. Na R.D.C. e na África do Sul sua tarefa é implantar igrejas, enquanto em Quebec e nos Estados Unidos eles estão envolvidos em ministérios sociais e espirituais. Na França, eles priorizam o discipulado. A prática de compaixão e da proclamação de Cristo ao redor do mundo se origina da sua leitura do Antigo e Novo Testamento.

O QUE DIZ A BÍBLIA?

Deus é um Deus missionário

A ideia de missões, em que se busca alcançar os outros, não é uma invenção humana. Deus vai ao encontro das pessoas para o seu bem-estar. A missão de Deus no mundo é semelhante a uma pomba: ela tem duas asas: a espiritual e a sócio-cultural. A asa espiritual trata da vida interior, da intimidade entre Deus e suas almas, dos laços interpessoais entre Deus e seu povo.

O relacionamento entre a criação e o Criador precisa ser sólido e bom.

A asa sociocultural está relacionada às transformações culturais e ambientais. A Bíblia também ressalta o desenvolvimento do mundo/ambiente/vida físico. O relacionamento entre a criação e o Criador precisa ser sólido e bom. Por exemplo, no início Deus comissionou Adão para trabalhar no jardim e para mantê-lo (Gn 2.15).

Mas, quando o relacionamento entre Deus, Adão e Eva foi abalado e a morte afetou toda a criação, a obra missionária de Deus se moveu para um plano espiritual para procurar a sua restauração. Ele os resgatou ao convidá-los de volta à comunhão com ele. O inimigo foi denunciado e condenado, e a desobediência foi julgada severamente (Gn 3.1-24). A trans-

A situação sociocultural não pode ser ignorada.

formação e esperança em Deus são essenciais na missão de Deus (Gn 3.15). Os profetas explicaram que missões tinham um foco espiritual (Is 1.18), mas que incluíam atenção ao pobre, ao faminto e àqueles que são tratados com injustiça (Is 58.6-7). A situação sociocultural não pode ser ignorada. A missão de Deus é única, mas envolve duas atividades: a restauração espiritual e atividades no plano sociocultural.

Ouvindo as implicações missionárias na história de Israel

Deus escolheu Abraão para ser uma bênção a todo o povo. Na aliança de Deus com Abraão, podemos encontrar a raiz do chamado missionário para o povo de Deus (Gn 12.1-3; 17.7-15).

Histórias tais como a interação de Isaque com o filisteu Abimeleque mostram como na vida diária um indivíduo pode causar um impacto positivo pelo seu comportamento pacífico com outros (Gn 26.12-33). Uma menina escrava deu testemunho do seu Deus, e, sem muita demora, Naamã, um general militar sírio, tornou-se um adorador de Deus (2Rs 5.1-14). Jonas é um exemplo de Deus na tentativa de alcançar os assírios (Jonas 1—4).

Deus não é um deus nacional, mas alguém que proclama: “Voltem-se para mim e sejam salvos, todos vocês, confins da terra”

Os profetas descreveram Javé como alguém que controla e governa todas as nações. Todo o universo pertence a Deus, O Criador e Provedor (Is 6.3b; 13—23; 45.23-24; 66.19; Jr 1.5). A intenção de Deus é a seguinte: “que sejam conhecidos na terra os teus caminhos, a tua salvação entre todas as nações” (Sl 67.2). Deus não é um deus nacional, mas alguém que proclama: “Voltem-se para mim e sejam salvos, todos vocês, confins da terra” (Is 45.22). Os profetas anunciaram a vinda de Javé, que foi ungido para edificar a nova comunidade de paz (Is 9.6-7; 11.1-9; 35.1-10; 42.1-6; 61.1-4). Jesus foi o cumprimento desse anúncio (Lc 4.18-21).

Ouvindo Jesus e os apóstolos acerca de missões

No Novo Testamento, a missão está baseada na pessoa, vida, obra, sofrimento, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Ele veio

inaugurar o Reino de Deus na terra. O Reino de Deus tem um preço a pagar (Mt 13.44-46). Ele começa no coração e leva à transformação dos crentes (Mc 2.5). Ele requer obediência a Cristo como Salvador e Senhor.

Jesus aceitou completa humilhação. Na cruz, ele tomou sobre si os nossos pecados, sofreu e derrotou Satanás e todos os poderes e autoridades do mal para dar vida nova e esperança àqueles que creem nele (Hb 2.14-16). Sua ressurreição da morte dá esperança às nações (1Co 15.20-24). O último Adão (Cristo) envia seu povo a proclamar as Boas Novas com palavras e ações, com paixão e compaixão, com poder e humildade.

Nosso Senhor, para estar em conformidade com a sua missão, buscou alcançar os outros. Sua missão visava acima de tudo ao aspecto espiritual.

Nosso Senhor, para estar em conformidade com a sua missão, buscou alcançar os outros (Lc 4.18-21). O evangelho era central. Sua missão visava acima de tudo ao aspecto espiritual: Ele pregou o arrependimento e insistiu para que seus ouvintes entrassem no Reino de Deus (Mt 1.15; Jo 3.3-16). Seu escopo também era social em natureza. Ele curou os doentes e ofereceu ajuda aos pobres e desamparados (Mc 1.40-44; 2.1-12). Ele enviou seus discípulos para fazer o mesmo: pregar (ministério espiritual) e curar (obra social) (Lc 10.1-9). Jesus Cristo enviou os que creram a fazer discípulos no âmbito local e global (Mt 18.18-20).

Os primeiros apóstolos testemunharam de Jesus mesmo quando foram proibidos pelas autoridades (At 4.18-20). O diácono Filipe compartilhou a respeito de Cristo na cidade da Samaria (At 8.5). Pedro foi ao centurião romano em Cesareia (At 10.1-48) e pregou as “boas novas de paz por meio de Jesus Cristo, Senhor de todos” (At 10.36). Seu testemunho de ir à casa de um não judeu (até mesmo na mesma cidade) abriu a igreja de Jerusalém à atividade missionária (At 11.18).

A experiência de conversão de Paulo incluiu um chamado para a atividade missionária: “Este homem é meu instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e seus reis, e perante o povo de Israel” (At 9.15; veja 26.16-18). Quando nas suas viagens missionárias sua mensagem foi rejeitada

Ser seguidor de Jesus está de mãos dadas com nossa entrega pela salvação dos nossos vizinhos na África, Ásia, nas Américas, Europa, Austrália e Nova Zelândia.

pelos judeus, Paulo citou Isaías 42.6 e 49.6 e anunciou: “Agora nos voltamos para os gentios” (At 13.46).

O livro de Atos descreve a expansão missionária a lugares tão distantes de Jerusalém quanto Roma. O povo de Deus é caracterizado pelo relato do amor de Deus ao mundo e em permitir que ele transforme nosso ambiente social por intermédio da nossa história pessoal e familiar. Ser seguidor de Jesus está de mãos dadas com nossa entrega pela salvação dos nossos vizinhos na África, Ásia, nas Américas, Europa, Austrália e Nova Zelândia — em todo lugar. Uma vez que nós, a família global dos Irmãos Menonitas, confessamos que Jesus Cristo está voltando logo, precisamos proclamar essa Palavra falada de cuidado e esperança à nossa vila global.

VIVENDO CONFORME A CONVICÇÃO

1. Motivação missionária

Na história dos Irmãos Menonitas, a obediência às palavras de despedida de Cristo tem servido como motivação inicial para missões (Mt 28.18-20). O padrão de ministério de Cristo, de acordo com Lucas 4.18-19, era o modelo que N. N. Hiebert (c. 1900), o primeiro missionário americano na Índia, citou como sua principal motivação. Em uma convenção na América do Norte em 1975, o tema da pregação do evangelho do Reino (Mt 24.14) tocou os delegados. Depois da Conferência de Lausanne (1974), a teologia do Reino de Deus foi a força-motriz. Um texto missionário frequentemente citado foi Atos 1.8. Entendia-se que o Espírito de Cristo vem para trazer energia, animar e capacitar o povo de Deus à medida que compartilham as Boas Novas com seus vizinhos no local de trabalho, na arena pública e em locais privados para que homens e mulheres possam ser salvos.

Mais recentemente, a urgência da atividade missionária tem sido entendida como que se originando da própria natureza de Deus, que é um Deus missionário. Os cristãos derivam sua motivação para missões do Antigo e Novo Testamento. Tornar-se seguidor de Jesus Cristo é uma escolha, mas uma vez

que pertencemos à sua família, o testemunho diário de Cristo é a nossa maneira de vida.

2. Missão cristã e outras religiões.

Cada vez mais, na sociedade global, onde a tolerância e respeito às diferenças são valores importantes, muitos estão afirmando que cada religião é suficiente na sua forma singular e que não há necessidade de uma experiência de conversão a Cristo.

Alguns consideram que levar o evangelho aos povos do mundo é uma afronta para pessoas que já têm uma religião. Na história missionária cristã, houve aqueles que afirmaram que há “aspectos bons” em certas religiões, mas que a mensagem de Cristo continua sendo necessária para a salvação das pessoas. Cada vez mais, na sociedade global, onde a tolerância e respeito às diferenças são valores importantes, muitos estão afirmando que cada religião é suficiente na sua forma singular e que não há necessidade de uma experiência de conversão a Cristo. A discussão tem sido desenvolvida em torno de duas palavras-chave. “Exclusivismo” significa que somente por meio de Cristo e ao ouvir a respeito de Cristo a salvação é possível (At 4.12). “Inclusivismo”, palavra usada por alguns, significa que pode haver situações em que fiéis devotos de outras religiões são salvos sem ouvir a respeito de Cristo. Um significado ainda mais liberal de “inclusivismo” é que devotos sinceros de qualquer religião são aceitos diante de Deus. Nesse debate, os Irmãos Menonitas, embora reconheçam que Deus não é limitado em seus métodos, tem historicamente estado do lado dos “exclusivistas”.

3. O significado de missões

O termo “missões” tem um amplo espectro de uso. Ser missionário, como nas “conferências missionárias”, significava para a igreja estar envolvido em evangelismo fora do país. Uma outra interpretação de “missões” era a missão holística, que se referia à necessidade de arrependimento (espiritual), mas também em ajudar os pobres. “Missão” significava “evangelismo” e “serviço”, como se encontra incorporado no nome “Mennonite Brethren Mission and Services International” (“Missão e Serviço Internacional Irmãos Menonitas”). O testemunho a favor da paz também é um elemento fundamental (At 10.36). No seu âmago “missões” é envio.

O uso recente da palavra “missional” significa, em resumo,

que a igreja local se enxerga como “enviada” para a comunidade (imediate) ao se envolver na vida da comunidade. Isso pode significar instruir adultos na alfabetização, auxiliar mães solteiras com o conserto do carro e/ou apoiar certos candidatos para o governo local. Essa compreensão de missões não exclui “enviar” missionários para outros lugares. ***A sua igreja tem uma “visão missionária”? Explique e ilustre a sua resposta.***

4. Missões e injustiça

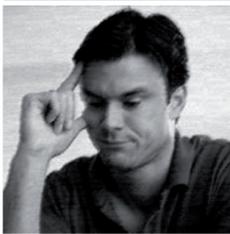
Por causa do Servo sofredor, diversas igrejas locais dos Irmãos Menonitas no Congo concordaram em colocar Cristo como seu modelo (Is 42.1-6; 49.1-7; 50.4-9; 52.13—53.12). A teologia pregada do púlpito motivou os ouvintes a assumir riscos na vida diária. Vozes proféticas foram levantadas diante de injustiças nacionais socioeconômicas organizadas em casa. Ações sociais tangíveis foram implantadas. Foram formadas equipes para coletar bens saqueados e devolvê-los a diferentes donos que perderam seus negócios em 1991 e 1993. A degradação do sistema nacional de educação tinha deixado muitas salas de aula sem bancos; alguns alunos sentavam no chão debaixo de um telhado com goteiras durante a chuva. Os menonitas organizaram um esforço conjunto contra esse violento desperdício da mente e incentivaram as igrejas locais a participar em oração pela reconstrução e por uma colaboração triangular entre pais, igreja e professores para ajudar os alunos a obter conhecimento em um ambiente saudável.

Uma campanha pública de saúde liderada pelos Irmãos Menonitas da província de Bandundu se estendeu até a capital e ao sul de Kivu por meio das atividades do Departamento Médico Nacional dos Irmãos Menonitas. Vizinhanças pobres urbanas e rurais em Kinshasa — Kitambo, Kanzombi e Kiri — receberam assistência médica em nome do nosso Senhor Jesus Cristo. Igrejas “missionais” locais como em Kitambo incentivaram seus membros a abrir mão de alguns benefícios de um tipo de seguro-saúde, para poder oferecer consultas médicas gratuitas às pessoas necessitadas. A compaixão foi praticada tanto para os refugiados como para a população

Uma leitura cuidadosa das Escrituras em um contexto de miséria encorajou os líderes intelectuais dos Irmãos Menonitas a servir o Senhor no foro público do governo nacional e local.

local. Contas dispendiosas de alguns pacientes foram pagas pelos fundos sociais da igreja em nome de Jesus Cristo.

Surgiram cooperativas financeiras e de alimentos para dar esperança ao povo local. As pessoas necessitadas tiveram acesso à ajuda financeira e alimentícia. Uma leitura cuidadosa das Escrituras em um contexto de miséria encorajou os líderes intelectuais dos Irmãos Menonitas a servir o Senhor no foro público do governo nacional e local. ***De que maneira esse tipo de ministérios seria expresso em sua situação?***



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

1. Qual é a missão de Deus no Antigo e Novo Testamento?
2. Qual é a relevância da ordem missionária de Deus para nós hoje?
3. Quem são os missionários hoje e onde está localizado o seu campo missionário?
4. De que maneira a sua igreja — ou a sua família, ou você pessoalmente — está envolvido na missão de Deus?
5. De que maneira a ênfase acerca de “Missões” pode ser melhorada em sua igreja?
6. Acaso a Confissão de Fé da ICOMB é suficientemente clara acerca de “missões”?



PARA APROFUNDAR O ESTUDO

- HEDLUNDG, Roger E. *God and the Nations*. Dehli: ISPCK, 1997.
- KAISER, Walter C. *Mission in the Old Testament: Israel as a light to Nations*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000.

KASDORF, Hans. *It's sunrise in world mission: a vision statement from the Mennonite Brethren Biblical Seminary*. Fresno, California: The Seminary, 1984.

PETERS, George W. *A Biblical Theology of Mission*. Chicago: Moody Press, 1972.

KASDORF, Hans e FRIEDEMANN, Walldorf, eds. *Werdet Meine Zeugen: Weltmission im Horizont von Theologie und Geschichte*. Neuhausen, Stuttgart: Hänslers Verlag, 1996.

ESCOBAR, Samuel. *Desafios da igreja na América Latina: História, estratégia e teologia de missões*. Viçosa, MG: Ultimato, 1997.

GREENWAY, Roger. *Ide e fazei discípulos: Uma introdução às missões cristãs*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

PADILLA, C. René. *Missão integral: Ensaio sobre o Reino e a igreja*. São Paulo: FTL-B, 1992.

PETERS, George W. *Teologia bíblica de missões*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

STEUERNAGEL, Valdir R. (Org.) *A missão da igreja*. Belo Horizonte: Missão Editora, 1994.

VAN ENGEN, Charles. *Povo missionário, povo de Deus*. São Paulo: Vida Nova, 1996.



CONFESSAMOS

Somos o povo da esperança

A Igreja pertence ao Reino de Deus irrompendo no mundo. Os cidadãos do Reino modelam uma comunidade alternativa, desafiando os valores mundanos das culturas deste mundo. O povo de Deus se une na luta pela justiça, mas ao mesmo tempo está preparado para sofrer perseguição, sabendo que o pecado,

a culpa e a morte não prevalecerão. Confiante nessa esperança, a igreja se envolve na missão até a volta de Cristo, fortalecida pela certeza de que Deus irá criar um novo céu e uma nova terra.

Referências bíblicas: Mt. 5.10-12; 10.7; 13; 24—25; Mc 1.15; 13; Lc 17.20-37; 21.5-36; Tt 2.11-14; Ap 21—22.

APÊNDICE

O Credo Apostólico (do Quarto Século)

Creio em Deus Pai, Todo-Poderoso,
Criador do céu e da terra.
E em Jesus Cristo, seu Filho unigênito, nosso Senhor;
concebido pelo Espírito Santo
e nascido da virgem Maria;
que padeceu sob Pôncio Pilatos,
foi crucificado, morto e sepultado,
desceu ao inferno,
e ao terceiro dia ressurgiu dos mortos;
que subiu ao céus
e assentou-se à direita de Deus Pai Todo-Poderoso,
de onde há de vir para julgar os vivos e mortos.
Creio no Espírito Santo, na santa igreja católica,
na comunhão dos santos,
na remissão de pecados,
na ressurreição da carne
e na vida eterna.

Confissão de fé da international Community of the Mennonite Brethren Church (ICOMB)

Nota histórica: A Comunidade Internacional das Igrejas Irmãos Menonitas (ICOMB — International Community of Mennonite Brethren) debruçou-se sobre a pergunta: “O que crêem os Irmãos Menonitas ao redor do mundo?” em janeiro de 1997, em Calcutá, na Índia. Em outubro de 2001, em Curitiba, Brasil, a ICOMB comissionou uma força-tarefa formada por sete membros para escrever um resumo das convicções dos Irmãos Menonitas em forma de Confissão de Fé. Mais tarde, os membros da força-tarefa da Ásia, África, Europa, América do Sul e do Norte, reuniram-se em Abbotsford, Colúmbia Britânica, Canadá, durante a assembleia da convenção do Canadá e dos Estados Unidos em julho de 2002. A força-tarefa examinou os materiais confessionais existentes e considerou

as questões essenciais que os Irmãos Menonitas enfrentam.

A equipe internacional produziu um documento de duas partes. A primeira parte trata da pergunta: Como Deus atua no mundo? Nessa parte, estão incluídas a narrativa da criação de Deus, a queda e a recriação de Deus. A história das ações de Deus representa uma visão teológica da Ásia e da África. A segunda parte responde: Como as Igrejas Irmãos Menonitas respondem ao propósito de Deus?, descrevendo cinco valores essenciais da igreja.

A força-tarefa apresentou um documento preliminar do trabalho para a reunião da ICOMB em 29 de julho de 2002. A ICOMB orientou a força-tarefa a fazer circular o documento preliminar revisado entre todas as 17 comissões nacionais de fé e vida e nos periódicos das convenções. A força-tarefa reuniu-se em Bielefeld, Alemanha, em 2003 para preparar um relatório para a reunião dos delegados da ICOMB em Zimbábue mais tarde naquele ano. As traduções foram concluídas e entregues aos membros das convenções. Os delegados de cada uma das convenções nacionais, que se reuniram no Paraguai em junho de 2004, endossaram a Confissão de Fé proposta pela força-tarefa. Assim, em 2004, o documento tornou-se a Confissão de Fé oficial da ICOMB e, conseqüentemente, das 17 convenções associadas.

O propósito da confissão comum é orientar as convenções nacionais na formulação das suas confissões específicas para suas culturas e definir as posições dos Irmãos Menonitas para as igrejas nacionais que desejem unir-se à denominação.

Membros da força-tarefa:

Menno Joel (Índia),

Lynn Jost (EUA),

Takashi Manabe (Japão),

Alfred Neufeld (Paraguai),

Arthur Dueck (Brasil),

Pascal T. Kulungu (Congo),
Heinrich Klassen (Alemanha)

Confissão de fé da comunidade internacional da igreja irmãos menonitas (International Community of the Mennonite Brethren Church —ICOMB)

Parte 1.
Como Deus atua no mundo?

Deus, o soberano Senhor sobre tudo, criou os céus e a Terra através de sua palavra poderosa. Deus criou os seres humanos, homem e mulher, de acordo com a sua imagem para viverem em comunhão e para serem administradores da criação. Os seres humanos abusaram de sua liberdade rebelando-se contra Deus em desobediência, o que resultou em alienação e morte. Na rebelião contra o reinado de Deus, os poderes malignos de Satanás — pecado e morte — reivindicaram o controle sobre o mundo.

Deus, o libertador, agiu para estabelecer o povo da aliança, iniciando com Israel. O propósito de Deus foi formar a comunidade da aliança para se relacionar com ele, para experimentar as suas bênçãos e para servir como luz para as nações. Através dos profetas, Deus comunicou a sua Lei e os seus propósitos, expressando que sempre é fiel, justo, correto, misericordioso como um pai e compassivo como uma mãe. Deus prometeu a esperança de uma nova criação.

Deus, o Pai, enviou seu Filho, Jesus Cristo, ao mundo, nascido da virgem Maria. Jesus inaugurou o reino de Deus, proclamando o arrependimento dos pecados, anunciando a libertação dos oprimidos e as Boas Novas aos pobres e chamando discípulos para seguir os seus caminhos como uma nova comunidade. Jesus respondeu aos poderes violentos malignos, tomando sobre si a cruz para morrer pelos pecados do mundo e assim reconciliar a criação com Deus. Jesus alcançou a vitória sobre o pecado, a morte e Satanás quando Deus fez justiça ao ressuscitar a Jesus dos mortos e exaltá-lo à direita de Deus Pai, onde intercede pelos santos e reina para sempre.

No Pentecostes, Deus enviou o seu Espírito, que agira na criação, na capacitação dos profetas e na inspiração das Escrituras.

Através do Espírito, Deus constituiu a Igreja, o corpo de Cristo, para proclamar o reinado de Deus e dar testemunho da nova criação. O Espírito é derramado sobre todos os que recebem a Cristo, batizando e selando-os para a redenção como filhos de Deus. Todos os que crêem e confessam a Jesus como Senhor são nascidos de novo em Cristo e são batizados na água para dentro da nova comunidade da aliança, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Eles são salvos pela graça, mediante a fé para viver na prática a paz e o amor de Deus, também em circunstâncias adversas.

A Igreja é a nova criação de Deus, agente de transformação, chamada para ser modelo do plano de Deus para a humanidade. O povo de Deus chama todas as pessoas ao arrependimento e à conversão, busca promover a justiça, é fiel no sofrimento e reparte generosamente o que tem com os que estão em necessidade. Ele atua como agente de reconciliação para reverter a alienação causada pelo pecado. Na Ceia do Senhor, a Igreja proclama a morte do Senhor e celebra a nova aliança.

A nova criação será concluída quando Cristo retornar. Aqueles que pertencem a Cristo ressuscitarão com um novo corpo, enquanto Satanás e todos os que rejeitaram a Cristo enfrentarão a condenação eterna. O novo céu e a nova terra existirão debaixo do reinado de Deus em eterna paz e alegria.

Referências bíblicas: Gn 1—3; 12.1-3; Êx 6.6-8; Sl 8; Is 49.6; Jr 9.23-24; 31.31-34; Os 2.19-20 Mt 4.17; 25.46; Mc 8.34-38; Lc 4.18-19; Jo 3.16; At 2; Rm 8; 1Co 11.23-32; 12.13; 15; 2Co 5.17—6.2; Ef 1.13-14; 2.8-10; 6.10-12; Cl 2.12-15; 1Ts 4.13—5.11; 2Tm 3.16-17; Hb 7.25; Ap. 21—22.

Parte 2. **Como as Igrejas Irmãos Menonitas respondem ao propósito de Deus?**

A Igreja Irmãos Menonitas está alicerçada no movimento anabatista da Reforma do séc. XVI, um movimento que procurou retomar a fé e vida da igreja do Novo Testamento. A Igreja Irmãos Menonitas nasceu dentro do movimento de renovação menonita na Rússia em 1860. O trabalho missionário no mundo e a migração resultaram na presença desta igreja em todo o globo. Como irmandade Irmãos Menonitas em todo o

mundo comprometemo-nos a ser povo de Deus

Povo da Bíblia

A Bíblia é a Palavra de Deus. Como tal ela é autoridade e guia infalível para a fé e prática.

- Visão de mundo. A Bíblia fornece a estrutura de nossa compreensão do mundo
- Interpretação. A nossa interpretação é centrada em Cristo. Lemos as Escrituras da perspectiva do Novo Testamento. A pessoa, ensino e vida de Jesus Cristo dão continuidade e clareza tanto para o Antigo como para o Novo Testamento.
- Comunidade de interpretação. Cada cristão é incentivado a buscar a compreensão da Bíblia para discernir a vontade de Deus visando à obediência. Como o Espírito Santo está presente e se encontra ativo em todos os cristãos, lemos e interpretamos a Bíblia e suas exigências para a vida de hoje em comunidade.

Referências bíblicas: Sl 1; 19; 119; Mt 5—7; Lc 24.27,44-49; 2Tm 3.14-17; Hb 1.1-2; At 2.42; 15.1-29; 17.11; Cl 3.1-4; 1Pe 1.10-12.

Povo de um novo modo de vida

Pela graça de Deus, o Espírito Santo chama pessoas para uma nova vida através da conversão, discipulado e transformação constante.

- Conversão. A conversão cristã sempre envolve um compromisso pessoal intencional. Como cristãos somos chamados:
 - a mudar de um relacionamento rompido com Deus para um relacionamento pessoal com o Deus verdadeiro;
 - a mudar da escravidão ao pecado e aos erros do passado para a liberdade, perdão e cura.

- Discipulado. Em Cristo, salvação e ética andam juntas. Como cristãos somos chamados:
 - a mudar do individualismo para a interdependência na igreja local;
 - a nos mostrar fiéis à vida e ensinos de Jesus na vida do dia-a-dia.
- Transformação. Cada cristão é habitado pelo Espírito Santo. Este testifica que somos filhos de Deus oferecendo purificação e transformação contínua para que possamos ser capacitados para uma vida de testemunho e serviço.

Referências bíblicas: Is 43.1; Mc 8.34-38; Jo 1.12-13; 3.5-8; 14.15—16.26; Rm 8; 1Co 4.2; Cl 3.1-4; Tt 3.3-7.

Povo da Comunidade da Aliança

Na igreja, a comunidade da aliança, os cristãos se comprometem a adorar juntos, a orar como Jesus nos ensinou, a ter comunhão e a cuidar uns dos outros.

- Batismo de cristãos. Pessoas de todas as culturas, línguas e nações que estão dispostas a seguir a Jesus como discípulos obedientes confessam Jesus Cristo como Salvador e Senhor e são batizadas na água para dentro da comunhão da igreja. A Igreja Irmãos Menonitas batiza por imersão.
- Ceia do Senhor. Na Ceia, a Igreja se identifica com a vida de Cristo dada para a redenção da humanidade e proclama a morte e ressurreição do Senhor até que ele venha. A Ceia, realizada em memória, expressa reconciliação, comunhão, paz e unidade de todos os cristãos com Cristo.
- Prestação de contas. A igreja interpreta a vontade de Deus discernindo o que está certo e o que está errado. Todos os cristãos prestam contas mutuamente sobre a sua vida de fé modelada por Jesus. O propósito da prestação de contas é curar e restaurar através do arrependimento, e não castigar e condenar. A igreja exclui aqueles que regularmente

desprezam a disciplina.

- Sacerdócio universal dos cristãos. O Espírito de Deus concede dons a todos os cristãos para o serviço, para edificar o corpo de Cristo. A Igreja identifica o chamado de Deus e reconhece líderes servos que equipam os membros para o ministério.

Referências bíblicas: Mt 16.13-20; 18.15-20; 28.18-20; At 2.37-47; Rm 6.3-4; 1Co 11.23-32; 12—14; Ef 4.11-16; Cl 2.12-13; Hb 10.24-25; 1Pe 2.9-10; 4.10-11.

Povo da Reconciliação

A missão de Jesus era reconciliar os seres humanos com Deus, com o próximo e com o mundo. Ao mesmo tempo, ele veio anunciando o Reino de Deus. A igreja é chamada a participar na missão de Deus.

- Missão. Cristo comissionou a Igreja para fazer discípulos de todas as nações, batizando-os e ensinando-os a obedecer a todos os seus mandamentos. Jesus ensina que os discípulos devem amar a Deus e a seu próximo, anunciando as Boas Novas e praticando amor e compaixão. Como Jesus é o único caminho para a salvação, o imperativo do evangelismo vale para todos os cristãos.
- Testemunho de paz. Paz e reconciliação estão no cerne do evangelho de Cristo. Jesus chama a comunidade de fé a ser pacificadora em todas as circunstâncias. Cremos que a paz com Deus inclui um compromisso com o padrão de reconciliação modelado pelo Príncipe da Paz. Como cristãos, somos chamados a mudar:
 - da escolha de estilos de vida que nos prejudicam para escolhas que nutrem a integridade, cura, alegria e paz;
 - do ódio aos inimigos e da indiferença para com o próximo para mostrar amor e justiça a todos.
- Família. Deus abençoa o celibato [vida de solteiro], o casa-

mento e a família. Deus chama todas as pessoas para uma vida sexual pura. O casamento é uma aliança para a vida toda entre um homem e uma mulher. Pais comprometidos com Deus instruem seus filhos na fé. A igreja nutre a vida familiar e faz todos os esforços para levar reconciliação a relacionamentos perturbados.

- Governo. Deus concedeu ao estado a responsabilidade de promover o bem-estar de todas as pessoas. Os seguidores de Cristo respeitam e oram pelas autoridades governamentais, mas resistem à tentação de dar ao estado a devoção que pertence somente a Deus. O compromisso primordial dos cristãos é com o Reino de Cristo e a sua igreja global. Em cada nação e sociedade os cristãos cooperam uns com os outros para defender os fracos, reduzir conflitos, cuidar dos pobres e promover a justiça, a paz e a verdade.

Referências bíblicas: Mt 5—7; 22.34-40; 28.18-20; Lc 4.18-19; 10.25-37; Rm 12.17—13.10; 2Co 5.17—6.2; Ef 2; 5.21—6.4; 1Tm 2.1-6; Tg 2; 1Pe 2.21-25.

Povo da Esperança

A Igreja pertence ao Reino de Deus irrompendo no mundo. Os cidadãos do Reino modelam uma comunidade alternativa, desafiando os valores mundanos das culturas deste mundo. O povo de Deus se une na luta pela justiça, mas ao mesmo tempo está preparado para sofrer perseguição, sabendo que o pecado, a culpa e a morte não prevalecerão. Confiante nessa esperança, a igreja se envolve na missão até a volta de Cristo, fortalecida pela certeza de que Deus irá criar um novo céu e uma nova terra.

Referências bíblicas: Mt. 5.10-12; 10.7; 13; 24—25; Mc 1.15; 13; Lc 17.20-37; 21.5-36; Tt 2.11-14; Ap 21—22.